



**Universidade Federal de Santa Catarina  
Programa de Pós Graduação em História**

**Airton da Silveira Filho**

**Volta ao Lar: o caminho da utopia para Pepetela**

**Florianópolis-SC**

**2023**

**Airton da Silveira Filho**

**Volta ao Lar: o caminho da utopia para Pepetela**

**Dissertação de mestrado apresentada  
ao Programa de Pós Graduação da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina, como requisito para a  
obtenção de grau de mestre**

**Orientador: Sílvio Marcus de Souza Correa**

**Florianópolis**

**2023**

## Airton da Silveira Filho

Filho, Airton da Silveira

Volta ao Lar: o caminho da utopia para Pepetela / Airton da Silveira Filho ; orientador, Sílvio Marcus de Souza Correa, 2023.

150 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. História, . 3. África. 4. Literatura. 5. Pepetela. I. Correa, Sílvio Marcus de Souza . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

## **Volta ao Lar: o caminho da utopia para Pepetela**

### **Banca Examinadora**

**Sílvio Marcus de Souza Correa – Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**

**Márcio Roberto Voigt – Membro  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**

**Marcelo Bittencour Ivair Pinto – Membro  
Universidade Federal Fluminense (UFF)**

**Yoanky Cordero Gomez – Suplente  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**

**Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho**

---

**Coordenação de Pós-Graduação**

---

**Prof. Sílvio Marcus de Souza Correa, Dr. Orientador**

**Florianópolis, 2023**

## Agradecimentos

Este espaço objetiva agradecer as pessoas e instituições que contribuíram significativamente para a realização deste trabalho. Sendo assim, começo pelas últimas, as instituições, quero demonstrar minha gratidão à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que me acolheu desde a graduação e cujo ambiente nos leva a ter apreço pela ciência e nos encoraja a nos aprofundarmos nela. Estendo esse reconhecimento ao Programa de Pós-Graduação em História que confiou na potencialidade desse trabalho ao considerar meu projeto apto, em acréscimo, as disciplinas contribuíram para eu perceber caminhos e possibilidades a serem seguidos em minha pesquisa. Também agradeço a CNPq que ao me proporcionar a bolsa de mestrado tornou a elaboração desta dissertação mais viável, sem contar, a boa sensação de ser reconhecido.

Agradeço ao meu orientador, Sílvio Marcus de Souza Correa, que oriente a presente dissertação, mesmo que involuntariamente e mesmo sem eu mesmo à época saber, desde a graduação. Pois, a dissertação nasceu de um trabalho feito durante a segunda fase da graduação, na disciplina História da África. O trabalho consistia em elaborar um plano de aula baseado em uma obra de autor africano. O escolhido por mim foi Pepetela e a obra, *Lueji*. Somente no final curso de graduação em História, enquanto refletia sobre que projeto apresentar para a seleção de mestrado, veio-me a lembrança do trabalho da disciplina de História da África. Para além do objeto de estudo da dissertação, professor Sílvio Correa foi fundamental ao longo da pós-graduação, principalmente para evitar a normal disposição de escrever sobre tudo e no fim acabar se aprofundando em nada.

Desejo agradecer aos membros da banca, professor Marcelo Bittencourt (UFF), Márcio Voigt (UFSC) e Yoank Gomes (UFSC) pelas falas e comentários que serviram para burilar o trabalho aqui apresentado. Sobre isto, destaco o termo crioulo, cuja intervenção do professor Bittencourt evitou que um erro quanto ao meu entendimento do tema fosse adiante e permanecesse na escrita final.

Por último não poderia faltar o meu agradecimento ao escritor Pepetela. Sua escrita cativa e consegue despertar o interesse sobre Angola. Mais do que isso, é uma escrita que coloca os africanos como agentes da História e não simplesmente vítimas como senso comum, mesmo dentro da academia, tende a perceber. Para muito além de ser um objeto de estudo, as obras de Pepetela deixam evidente que a África também é uma fonte para

apreender a grandeza e a tragédia do que é o ser humano diante de suas escolhas, esperanças e frustrações. Por isso, foi com entusiasmo que realizei essa dissertação, pois, as fontes, obras de Pepetela, não se restringiram apenas a me tornar um historiador especializado, aumentaram significativamente minha percepção sobre a complexidade humana.

**Resumo:**

O escritor Pepetela é um autor angolano que lutou pela independência de Angola dentro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Em seus romances, os quais em conjunto demonstram um projeto de nação, defende a utopia socialista que pode ser compreendida como sendo a conquista do desenvolvimento social e da fraternidade social. Sendo que, nos primeiros romances, o guia para alcançar essa utopia é o MPLA. O objetivo dessa dissertação é compreender o que levou o escritor angolano Pepetela, em sua literatura, não mais apresentar o MPLA como o guia da sociedade angolana. Consideramos que a virada em seus escritos se dá em *Lueji*, 1989, e não em *A Geração da Utopia* como defendido por muitos. Em *Lueji*, a sociedade angolana ruma para a utopia socialista apesar do MPLA e não graças a ele, portanto, nesta obra já se evidencia o entendimento do autor de o MPLA não ser mais capaz de conduzir a sociedade.

**Palavras-chave:** Pepetela, Literatura, Utopia, Angola.

**Abstract:**

The writer Pepetela is an Angolan author who fought for the independence of Angola within the Popular Movement for Liberation of Angola (MPLA). In his novels, which together demonstrate a national project, the author defends the socialist utopia that can be understood as the achievement of development social and social fraternity. Since, in the first novel, the guide to reach this utopia is the MPLA. The objective of this dissertation is to understand what led the Angolan writer Pepetela, in his literature, no longer presents the MPLA as the guide of Angolan society. We consider that the turning point in his writings occurs in *Lueji*, 1989, and not took place in *A Geração da Utopia*, as has become conventional. In *Lueji*, Angolan society is moving towards socialist utopia despite the MPLA and not thanks to it, therefore, in this book, the author's understanding of the MPLA no longer being able to lead the society.

**Keywords:** Pepetela, Literature, Utopia, Angola



## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>Capítulo 1 LITERATURA COMO FONTE.....</b>	<b>15</b>
1.1 AS CARACTERÍSTICAS DA FONTE LITERÁRIA.....	15
1.2 CARACTERÍSTICAS DA OBRA LITERÁRIA DE PEPETELA.....	18
<b>Capítulo 2 DENOMINADOR COMUM.....</b>	<b>23</b>
2.1 MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO NO CONTEXTO DA GUERRA FRIA.....	23
2.2 CONTEXTO SOCIAL DO JOVEM PEPETELA E SUA INTEGRAÇÃO INICIAL AO MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO POPULAR DE ANGOLA – MPLA .....	26
2.3 CEA, AFINIDADE ELETIVA, COMUNIDADE IMAGINDA.....	30
2.4 Denominador comum.....	38
<b>Capítulo 3 APESAR DA DESILUSÃO, HÁ ESPERANÇA.....</b>	<b>55</b>
3.1 <i>O CÃO E OS CALUANDAS</i> : A DESILUSÃO.....	55
3.2 <i>LUEJI, O NASCIMENTO DE UM IMPÉRIO</i> : A ALTERNATIVA.....	76
3.3 <i>A GERAÇÃO DA UTOPIA</i> : COMO SE DEU A MORTE DA UTOPIA.....	90
<b>Capítulo 4 ESCRITOS DISTÓPICOS.....</b>	<b>115</b>
4.1 <i>PREDADORES</i> : O CAPITALISMO MAIS BARATO.....	115
4.2 <i>SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS</i> : TRIUNFO DO NEOCOLONIALISMO.....	125
4.3 PARA QUE ESCREVER?.....	140
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>142</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>147</b>

## Introdução

Esta dissertação faz parte de um esforço para demonstrar que a literatura pode ser uma fonte de análise para a história, que por meio de escritos ficcionais é possível apreender perspectivas e intenções de um período. O autor aqui tratado será o escritor angolano Pepetela, cuja obra remonta desde o período da luta pela independência de seu país até os dias atuais. Contudo, este trabalho não percorrerá toda a obra do autor, apenas algumas obras foram selecionados, pois, são marcantes em demonstrar as transformações e as permanências das convicções de Pepetela ao longo do tempo, além dos acontecimentos que permitem situar cada obra e que são cruciais para compreender essas transformações e permanências.

Embora seja simplista demais reduzir as primeiras obras de Pepetela a panfletos de militância, fica patente neles que o MPLA é colocado no papel de líder legítimo da nação angolana, notadamente nas obras *Mayombe* e *As Aventuras de Ngunga*, por apresentar uma proposta de irmanar todos os angolanos, superando as questões étnicas e dando um lugar aos angolanos que se encontram em uma espécie de “limbo”. Seja por não mais se identificarem com a identidade étnica, pois, ela não se adequa a suas novas vidas urbanas ou por descenderem de mais de um grupo étnico, assim, provocando dúvidas sobre a identidade de grupo. A proposta de parte dos integrantes do MPLA, notadamente os de tendência socialista, é que a nacionalidade seja a nova identidade coletiva Angola.

Entretanto, o romance *Lueji*, 1989, é capital na transformação da literatura de Pepetela no que tange o MPLA. O caminho da utopia socialista, conquista do desenvolvimento social e da fraternidade social, não mais tem o movimento no papel de condutor da sociedade. Por ter se mostrado inábil, em *Lueji*, esse papel é tomado de suas mãos e o caminho da utopia volta a ser trilhado, não mais graças ao MPLA, mas apesar dele. Na obra seguinte, *A Geração da Utopia*, o escritor dá mais um passo, não se contenta em apresentar um MPLA incapaz de conduzir a sociedade de Angola rumo ao desenvolvimento social pleno e por isso faz-se necessário uma alternativa a ele; o MPLA tem que ser derrotado. Assim deve ser, pois, o antes movimento de libertação se converteu em um antagonista, devido as suas escolhas ao longo da década de 80, dos ideais da revolução, em suma, da utopia.

O capítulo 1, *Literatura como Fonte*, se divide em dois subcapítulos, o primeiro, *As características da fonte literária*, irá explanar sobre as características específicas da obra literária e como tais características devem ser observadas para que possam se tornar fonte de

pesquisa. Além, de a literatura, se adequadamente analisada, ser um meio de apreender valores e práticas sociais de uma maneira que as fontes tidas como tradicionais dificilmente são capazes. O segundo subcapítulo, *Características da obra literária de Pepetela*, examinará as características da obra literária de Pepetela segundo alguns autores. Entre elas, a que advoga que a escrita de Pepetela pode ser encarada, em comparação ao texto historiográfico, como uma história a contrapelo, revelando injustiças, incongruências, além de intenções e projetos que não se realizaram. E que a obra de Pepetela possui características semelhantes ao do mito; no sentido de não trazer apenas uma referência ao passado, mas também remeter a um *continuum* ou busca constante que no caso de Pepetela é gerar um sentimento de fraternidade entre os angolanos.

O capítulo 2, *Denominador Comum*, o primeiro subcapítulo trata do contexto colonial africano e da Guerra Fria que possibilitou o surgimento do MPLA. O subcapítulo seguinte aborda a trajetória inicial de Pepetela e como ela o levou a não apenas aspirar à emancipação, mas também a desejar um modelo alternativo ao capitalista ao qual o colonialismo português estava alinhado. Isso o tornou alguém próximo aos ideais defendidos por parcelas do MPLA, o movimento que apresentava condições de o admitir por apresentar um projeto alternativo para Angola nos termos pretendidos pelo escritor.

No terceiro subcapítulo, será demonstrada a relevância da participação de Pepetela no Centro de Estudos Angolanos, CEA, na sua edificação do caminho para constituir a nação angolana. Também é apresentado conceito de Afinidade Eletiva sugerido por Löwy. Pepetela e CEA possuem em comum um projeto de Afinidade Eletiva que emancipa o país de Portugal e do capitalismo. Esse projeto de Afinidade Eletiva é feito em oposição ao que entendem sobre o que seja a consequência da Afinidade Eletiva gerada no mundo capitalista.

Para efetivar esse projeto, os intelectuais do CEA consideram fundamental substituir a afinidade eletiva do mundo capitalismo e suas consequências. Seu lugar será ocupado pelo socialismo. No campo econômico entra a planificação da economia, e a prática social deletéria corroborada pelo capitalismo dará lugar a uma ética socialista. Tal ética será induzida na sociedade por meio da educação escolar, da arte, das organizações proletárias, da imprensa etc. Incluindo também as manifestações cívicas e nacionais que serão associadas a essa ética socialista. Estes são os dois elementos da afinidade eletiva do MPLA que serão os pilares da comunidade imaginada.

O último subcapítulo, também denominado *Denominador Comum*, irá tratar do transporte do projeto revolucionário de transformação da sociedade angolana, pretendido pelo CEA, para a literatura pepeteliana. As duas obras abordadas, *As Aventuras de Ngunga* e

*Mayombe*, colocam o MPLA no papel de liderança da nação angolana que comandará a construção da afinidade eletiva que culminará na utopia: o desenvolvimento social e a fraternidade social. O primeiro passo para atingir esse objetivo é a consolidação do nacionalismo, que neste trabalho será o equivalente ao conceito de comunidade imaginada criado por Benedict Anderson. A criação dessa comunidade imaginária é a disposição em promover o fim da rivalidade e dos preconceitos do tribalismo e também de criar as condições básicas para a sociedade caminhar para a diminuição da injustiça e contribuir para dignidade de cada membro dela.

Os dois romances tratam sobre a construção do novo homem, ou seja, da transformação das personagens destacadas em indivíduos que trazem os valores capitais para erigir a comunidade imaginada que leve a sociedade a trilhar o caminho da utopia. Essas duas obras são um complemento educacional ou uma continuação educacional da proposta do CEA para essa área. Assim sendo, é possível constatar semelhanças entre o que é defendido em *As Aventuras de Ngunga* e *Mayombe* e a concepção de educação libertadora de Paulo Freire. Em ambos os autores encontramos a ideia fundamental de conscientização do oprimido para se libertar e ajudar a libertar a sociedade do que consideram ser a prática difundida de os oprimidos hospedarem em si o opressor, além de Pepetela metaforizar em suas ficções os conceitos de educador-educando e educando-educador. Ressaltando, que no período de 1964-1969 enquanto esteve na Argélia, Pepetela, como integrante do CEA, produziu manuais de alfabetização inspirados no método de Paulo Freire.

No Capítulo três, *Apesar da desilusão há esperança*, o primeiro subcapítulo tem como tema a obra *O Cão e os Caluandas*, de 1982, e traz nele a manifestação da frustração do autor com a derrota do projeto utópico. O romance é uma série de contos reunidos cuja única ligação é um cão-pastor que é o avatar da utopia. O cão entra em contato com todos os protagonistas de cada capítulo, contudo, lhe é impossível permanecer junto a qualquer um deles graças ao fato de suas condutas serem antagônicas à utopia. Assim, cada contato é sucedido por um exílio, até o cão não ter mais pra aonde ir. Todavia, ao final do livro, Pepetela engendra uma alegoria equivalente a uma ressurreição da utopia.

A obra seguinte *Lueji*, assunto do próximo subcapítulo, é que tratará da possibilidade de ressurgimento da utopia. O romance, publicado em 1989, é lançado em pleno processo de transição econômica do socialismo para o capitalismo em Angola. A intenção de Pepetela é evidenciar o equívoco que é o caminho adotado pelo MPLA e vislumbrar rotas alternativas a ele. Para isso, insere na obra dois períodos cronológicos, um no passado, entre os séculos XV e XVI, e um futuro próximo em relação a publicação da obra, anos 1999 e 2000. Cada período

possui uma protagonista, e cada uma ao seu tempo encontra-se em uma situação-limite a qual precisa ser superada.

O primeiro período trata-se da apropriação da lenda da rainha Lueji e a forma como essa soberana superou os entraves de seu tempo e conseguiu propiciar a fraternidade social e o desenvolvimento social ao seu povo. Tal êxito servirá de inspiração para a bailarina Lu, a outra protagonista, superar as adversidades de sua época: o neoliberalismo implantado pelo MPLA em Angola. Ambas protagonistas articulam uma seleção da tradição com a inserção de novidades, e o critério tanto para a inovação quanto para manutenção de parte da tradição é quais características contribuem para viabilizar a utopia. Nessa obra, ocorre uma inovação, a demonstração de que o MPLA não mais reúne as condições de liderar a sociedade angolana, esse papel cabe a outro grupo, alegoria da bailarina Lu, que ainda há de surgir.

O subcapítulo 3.3 dedica-se ao romance *A Geração da Utopia*, nele, por meio de personagens síntese, Pepetela pretende fazer uma radiografia da trajetória do MPLA desde a luta anticolonial, em 1961, até a conclusão da transformação de Angola em um estado capitalista. Desde o começo há personagens desinteressados do bem estar comum, apenas buscando vantagens para si em qualquer oportunidade, outros vão se transformando nesse tipo de indivíduo ao longo da luta pela emancipação. Entretanto, alguns permanecem fiéis aos interesses coletivos.

Contudo, os que atingem a cúpula do poder são os traidores da utopia, realizam as mudanças políticas e econômicas em Angola não visando o bem estar do povo, e sim objetivando manter-se no poder ao viabilizar em seu país a hegemonia global. Ao descrever na obra o caráter e as intenções das personagens traidoras Pepetela apresenta o MPLA como o novo obstáculo a ser superado para um dia ser possível o surgimento de uma afinidade eletiva compatível com a utopia. O que, no passado, superar o domínio português foi o primeiro passo para a utopia, agora, o é a derrota do MPLA que converteu-se em neocolonizador.

O capítulo 4 dedica-se ao estabelecimento no poder da burguesia. As obras anteriores, abordadas no capítulo 3, apontam desvios que promoveram o surgimento e a ascensão da burguesia em Angola. O último capítulo versa sobre o estabelecimento da elite econômica no poder, não mais é uma classe a reboque dos políticos. O primeiro subcapítulo debruça-se sobre a obra *Predadores*, de 2004, e ela é a primeira escrita após o fim da guerra civil no país. Através do seu protagonista, Caposo, a obra relata como se deu a ascensão da elite econômica desde o estabelecimento do MPLA no poder. Ainda no período que o governo de autodenomina marxista-leninista, a burguesia se viabiliza por meio da incompetência administrativa do estado e pela corrupção de seus agentes que de bom grado contribuem para

os negócios dessa classe. Com a adesão à economia de mercado a elite econômica passa a ser sócia do poder.

O segundo subcapítulo perscruta o romance *Se o Passado não Tivesse Asas*, que dá ênfase ao outro lado da hegemonia da elite econômica. Esta é as consequências sociais do estado angolano ao realizar um tipo de transformação econômica e política que os dispensa das responsabilidades sociais e o compromete com os interesses da elite econômica tanto nacional quanto internacional. Além do crescimento brutal da desigualdade social, a nova afinidade eletiva compromete na população o surgimento da solidariedade, do sentimento de pertencimento comunitário e a leva ver como única saída a adoção das práticas e valores da burguesia. Em outras palavras, assimilam hábitos e costumes que na prática legitimam o *status quo*.

E, por fim, o último subcapítulo objetiva elucidar qual o motivo de Pepetela ainda insistir em escrever, uma vez que seu projeto de estabelecer o desenvolvimento social e a fraternidade social em Angola foi derrotado. Embora, desde a década de oitenta não possua mais um proposta política e econômica para dar sustentação à utopia, continua com sua literatura para denunciar os erros e os entraves para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa. Almeja contribuir para a repulsa com a afinidade eletiva estabelecida, pois a indignação é o primeiro passo para a mudança.

## Capítulo 1

### Literatura como fonte

#### 1.1 As características da fonte literária

A obra literária pode ser tomada como objeto de análise pelo historiador, portanto uma fonte, pois apresenta as características para tal. Em meu Trabalho de Conclusão de Curso (SILVEIRA, 2018) apresentei as considerações de Candido e de Chaloub e Miranda sobre a obra literária que sustentam argumentos que legitimam a literatura como objeto de estudo do campo da História.

No campo da crítica literária, as reflexões de Antonio Candido são importantes pela sua colocação de que é impossível compreender a literatura apenas por ela mesma, sem levar em conta o contexto em que foi criada. Para o autor não há como estudar uma obra literária sem levar em conta elementos externos, entre eles: época em que a obra foi escrita, origem social do escritor, além de grupos e locais frequentados (CANDIDO, 2006, p.25). Chaloub e Miranda também concordam com a perspectiva de Candido de que uma obra literária não paira fora do mundo, assim como um caderno de atas ou processos criminais é fruto de um contexto e de indivíduos determinados (CHALOUB; MIRANDA, 1998). Portanto, a diferença crucial para o historiador é entender as características específicas da fonte literária (SILVEIRA, 2018, p. 14).

Em sua obra, Chaloub e Miranda abordam sobre as características que tornam a obra literária um objeto de análise histórica e como proceder a respeito.

Cabe o mesmo interrogatório sobre as intenções do sujeito, sobre como este representa para si mesmo a relação entre aquilo que diz e o real [...], investigar as interpretações ou leituras suscitadas (isto é, a obra) do autor; enfim, é preciso buscar a lógica social do texto (CHALOUB; PEREIRA, 1998, p.8).

As reflexões feitas nos respectivos textos de Candido e de Chaloub e Miranda corroboram-se e complementam-se. Para Candido para se compreender uma obra literária é necessário tomar conhecimento das condições sociais que a viabilizaram. Os outros dois autores também concordam que uma obra literária, como qualquer outro documento, é fruto de um meio específico, sendo que não pode ser negligenciado o fato de possuir características próprias; em acréscimo, a obra de ficção, além de ser fruto de um contexto, também é um caminho para o compreender (SILVEIRA, 2018, p15).

Demonstrado que a literatura é uma fonte possível para análises históricas, resta ainda, tratar das especificidades dessa fonte, particularmente sobre o romance, posto que os livros de Pepetela, objetos desta dissertação, pertencem a essa seara da literatura.

A escrita ficcional não tem obrigação com os fatos. Ao contrário das ciências humanas, não possui comprometimento com a realidade. Situações, acontecimentos, sociedades e personagens tratados por ela prescindem de evidências e de comprovações de suas existências.

O termo “verdade”, quando usado com referência a obras de arte ou de ficção, tem significado diverso. Designa com frequência qualquer coisa como a genialidade, sinceridade ou autenticidade (termos que em geral visam à atitude subjetiva do autor); ou a verossimilhança, isto é, na expressão de Aristóteles, não à adequação àquilo que aconteceu, mas àquilo que poderia ter acontecido; ou a coerência interna no que tange ao mundo imaginário das personagens e situações miméticas; ou mesmo a visão profunda – de ordem filosófica, psicológica ou sociológica – da realidade. Até neste último caso, porém, não se pode falar de juízos no sentido preciso. Seria incorreto aplicar aos enunciados fictícios critérios de veracidade cognitiva. Sentimos que a obra de Kafka nos apresenta uma visão profunda da realidade humana, sem que, contudo, seja possível “verificar” a maioria dos enunciados individuais ou todos eles em conjunto, quer em termos empíricos, quer puramente lógicos (ROSENFELD, 2014, p.18).

Em obras ficcionais, o termo verdade refere-se a uma lógica criada pelo autor que consegue persuadir, encantar e conquistar racionalmente e afetivamente o leitor. Quando o romancista decide abordar situações e sociedades específicas, seu enredo provavelmente se assemelhará a uma alegoria: um conjunto de metáforas que dá suporte e que reforça a metáfora principal. A cidade e o país onde ocorre a trama existem fora da lógica narrativa do autor, por isso não necessitam dela para ser objeto de estudo das ciências humanas. O mesmo vale para algumas personagens. Entretanto, esses entes em que, para ficar nas palavras de Rosenfeld, são passíveis de veracidade cognitiva, são enquadrados e reelaborados pela narrativa ficcional. Situações e personagens não reais são adicionados, com isso, dentro da narrativa, criando um enredo que se desprende da veracidade cognitiva. E o mesmo se dá quando o autor dotar personagens reais com falas e ações encontradas somente em sua trama. O mundo da veracidade cognitiva é o pano de fundo da encenação narrada e a personagem real é a escada da personagem de ficção, posto que uma vez que ações e falas não verificáveis lhe são atribuída já não mais é a personagem real.

As alegações tanto do parágrafo anterior quanto da citação de Rosenfeld facilmente serviriam para sustentar que a literatura não serve para análise histórica, uma vez que o



mundo inventado ou reelaborado por um autor não passa pela veracidade cognitiva. Todavia, o que conta não é a literalidade ou se o que é narrado se deu no mundo em que vivemos ou não, e sim a mensagem que são as denúncias e as reflexões trazidas no romance.

É essa mensagem que é o objeto de estudo da história. A sua forma, a sua intenção e o seu conteúdo são frutos de um contexto. A compreensão das circunstâncias da criação da obra leva a apreender a mensagem. De igual modo, a compreensão da mensagem da obra ficcional serve como análise de ambientes sociais e tempos históricos. Sandra Pesavento afirma que a literatura é um tipo especial de fonte que permite perceber nuances e sensibilidades de uma época e seu sistema de valores. Ela permite compreender conceitos e valores que pautavam a vida dos indivíduos e guiavam suas práticas sociais (1996, p.109).

Na escrita de Pepetela não só é possível constatar tais conceitos e valores como, também, perceber que eles sofreram forte influência de acontecimentos externos a Angola. Pepetela em entrevista a Marcon alega ser um mestiço cultural, o termo não é bem definido pelo escritor, mas, basicamente, significa indivíduo que, a despeito de pertencer a um lugar, está em sintonia com um sistema de valores que considera universalizado e de posse dele busca caminhos para a autonomia de Angola. Mais adiante será demonstrado o que Pepetela toma por mestiço cultural e a maneira que tal característica moldou sua obra.

Antonio Candido alega que a grande obra de arte literária cria personagens com situações bem definidas.

São momentos supremos, à sua maneira perfeitos, que a vida empírica, no seu fluir cinzento e cotidiano, geralmente não apresenta de modo tão nítido e coerente, nem de forma tão transparente e seletiva que possamos perceber as motivações mais íntimas, os conflitos e crises mais recônditos na sua concatenação e no seu desenvolvimento (CANDIDO, 2014, P.45).

Os mecanismos da ficção têm por meta lançar luz e pôr em destaque determinadas situações e características de grupos sociais ou de uma época, seja para corroborá-las ou para contestá-las. Direcionam o olhar do leitor disperso por tantas situações plasmadas e muitas vezes já naturalizadas pela convivência rotineira. É por esse caminho que o escritor, em seu romance, coloca no centro das atenções a sua mensagem.

Muitos autores são difíceis de determinar em que estão empenhados, isso ocorre quando não há uma manifestação explícita do autor, quando o autor não declara ou não demonstra de forma clara o que o levou a escrever o seu romance ou até mesmo toda sua obra literária. Em suma, não é perceptível nenhum tipo de engajamento do autor. Entretanto, embora os não engajados não saibam dizer os que os motivou a escrever e aparentemente não

possuam uma causa evidente, seus escritos revelam valores e reflexões e, eventualmente, denúncias que são passíveis de serem escrutinadas pelas ciências humanas. Contudo, essa condição não cabe ao autor cuja parte da obra aqui será analisada. Pepetela é um engajado, o que será demonstrado mais adiante, em entrevistas já deixou manifesto as intenções que o levaram a escrever seus romances.

Voltando a Antonio Candido, este autor defende outra qualidade da grande obra literária, além daquela de sensibilizar o leitor sobre o que está diante de seus olhos, mas não percebe, é a capacidade de apresentar situações não vividas.

[...] Assim, o leitor *contempla* e ao mesmo tempo *vive* as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar, visto o desenvolvimento individual se caracterizar pela crescente redução de possibilidades (CANDIDO, 2014, p.46)

O corolário disso é o aumento da compreensão do que é o humano, a possibilidade de uma expansão da empatia que não fica mais a cargo apenas de uma vivência direta e de uma identificação pessoal.

## 1.2 Características da obra literária de Pepetela

No subcapítulo anterior foram abordadas as características da literatura ficcional sem especificar autores de ficção, quando aparecem são para exemplificar sobre o que estão percorrendo os que fazem da obra ficcional documento de análise. Portanto, não é impróprio afirmar que trata-se de propriedades desse tipo particular de fonte, logo, não estão restritas a um período ou região, elas podem ser encontrados em autores do mundo todo e de gerações e de épocas diferentes.

Em uma definição lata, Conrad afirma sobre História Global: “É uma forma de análise histórica que situa os fenômenos, os eventos e os processos em contextos globais” (CONRAD, 2019, p.16). Antes mesmo de entrarmos na análise da mensagem de parte da obra de Pepetela, as peculiaridades globais da fonte, chamado por Candido de grande obra literária, encontram-se nos romances pepetelianos.

Mário César Lugarinho ao discorrer sobre a obra *Muana Puó*, de Pepetela, afirma que o romance é uma alegoria e, tomando como referência Walter Benjamin, pondera que a escrita alegórica é capaz de apontar sentidos não observados pelo autor, além de haver uma

relação de solidariedade entre a verdade que o texto historiográfico pretende representar e os valores defendidos por uma alegoria numa contraposição àquela verdade, acabando por conformá-lo como o *outro* da História (2009, p.237).

O que vai ao encontro do argumento de Pesavento, discorrido no subcapítulo anterior, de que por meio da literatura é possível acessar valores de uma determinada época e sociedade do qual dificilmente se conseguiria através de outros documentos. A literatura pode se prestar, este é o caso da de Pepetela, a uma história a contrapelo, em trazer à luz inconsistências, injustiças e opressões que não aparecem nos discursos oficiais e nos documentos tidos por mais objetivos.

Pepetela se declara um mestiço cultural e é nessa condição que busca contribuir para a autonomia de Angola. Esse desejo de autonomia e essa disposição em colaborar com ela é que permeiam e dão sentido a sua obra. E dentro dela, a autonomia pode ser chamada de utopia, pois não se restringe somente a independência de Portugal, vai além, almeja a superação das mazelas sociais e o triunfo da solidariedade. Diante disso, pode-se estender a seguinte afirmação de Lugarinho a maior parte da obra literária de Pepetela, “Quando a literatura anima a utopia, está cumprindo o seu papel alegórico, no sentido benjaminiano, porque problematiza o presente, ao colocar o futuro prometido em tensão com o passado vivido” (2009, p.238).

Benjamin Abdala Júnior realiza uma analogia entre a obra de Pepetela, ao menos até a publicação de *A Geração da Utopia*, 1992, e o mito de Ícaro (2009). Nessa analogia aborda sobre a ascensão e a queda da escrita de Pepetela com relação à sua adesão ao socialismo real. Por ora, o que interessa são as considerações e aproximações entre o mito e a obra de ficção feitas por Abdala.

Não se trata de visualizar na volta da estrutura o modelo cíclico ou retilinear da representação do tempo, mas de reconfigurá-la conforme o movimento dialético da espiral, que retoma, interfere e projeta essa forma. A forma artística, embalada por gestos criativos similares, retoma então o modelo e impulsiona-o, não permitindo que ele se petrifique (ABDALA, 2009, p.172).

Portanto, o mito carrega em si uma projeção de futuro “Não pode ser tomado, pois, como uma fábula fossilizada” (2009, P.172). Reforçando que o autor atribui à escrita de Pepetela gestos criativos similares ao do mito. Por isso suas observações sobre o mito igualmente servem para a obra do escritor angolano. Assim:

Por ser o mito uma expressão da vontade renovada de uma nova história, ele não apenas registra grandes histórias arquetípicas do passado, mas sobretudo, materializa nossos impulsos em forma narrativa. O mito é manifestação, assim, de um *continuum* que envolve historicidade e psiquismo humano (ABDALA, 2009, p.172).

Tomemos o mito de Ulisses, o guerreiro que retorna da guerra de Tróia. Este confronto é narrado na *Iliada*, e nela, após anos de combates intermináveis e inconclusivos, é a inteligência de Ulisses que providencia o meio de fazer os gregos, enfim, cruzarem os portões de Tróia: o conhecido cavalo de Tróia. A compreensão do adversário levou Ulisses a perceber seu temperamento. Ao engendrar o enorme cavalo, mexeu com a crença e com o orgulho dos troianos; por meio de um dos seus que deixou-se capturar fez os inimigos crerem na desistência dos gregos e que deixavam o enorme cavalo como sinal de rendição. O presente transpôs as muralhas pelas mãos dos cidadãos da cidade que não sabiam que em seu ventre encontravam-se guerreiros inimigos. Foi assim que Tróia caiu.

Na *Odisseia*, a saga de retorno ao lar do rei de Ítaca é narrada, o vitorioso guerreiro, responsável por vencer a inexpugnável muralha de Tróia, possui sérias dificuldades em retornar para a casa, apesar de toda sua inteligência, coragem e determinação. Quem obsta seu retorno é Poseidon, o deus do Mar, e Ítaca é uma ilha. Em contrapartida, Ulisses é favorecido por Atena.

Entre os motivos que tornaram a *Odisseia* tão difundida, seja na antiguidade clássica ou nos dias atuais, está o desejo de criar um sentimento de pertencimento comum em termos de cultura e de civilização. Além deste, há a mensagem que os deuses representam; são metáforas da contingência e do imprevisto ou, para ficar nas palavras de Maquiavel, da fortuna. Apesar de sua inteligência, de seu bom nascimento, de sua honradez e da sua boa reputação, esse protótipo do grego ideal é prejudicado e beneficiado por acontecimentos dos quais não possui a capacidade de controlar e nem de prever.

Os romances pepetelianos trazem em si tais características. Possuem esse *continuum*, criar um sentimento de pertencimento e fraternidade entre os angolanos, e persistir nessa utopia não importando os imprevistos e retrocessos que surjam no percurso. Não é à toa que Pepetela é chamada de Homero angolano (ROSÁRIO, 2009).

Ainda sobre as características da literatura de Pepetela, Rita Chaves em um webnário, “Ciclo de Debate ABE-África – Apresentação da gestão 2021-22 e debate com profª. Rita Chaves” (2021), faz considerações sobre a literatura e suas possibilidades. Discorre sobre um imaginário propagado e criado pela literatura ocidental e que conseguiu difundir, muito mais que os textos não ficcionais, a concepção de uma África perigosa, selvagem e

fonte de horror. Ao que Achebe nomeia de difamação da África. Em acréscimo traz Said para afirmar como a literatura ocidental foi crucial para a legitimação dos projetos imperiais.

No entanto, pondera a professora, os escritores africanos fizeram uso desse mesmo instrumento para defender a ação dos movimentos de libertação de seus respectivos países e por meio dele exercitaram a vigilância crítica sobre a situação dos países, agora, independentes. Chaves vai além, alega que os autores africanos oferecem obras que são paradigmáticas na capacidade de ler o passado, ler o presente e alertar a respeito de uma ideia de futuro.

Para a autora o texto literário, aqui seu argumento vai ao encontro do que defende Pesavento, tem de ser compreendido como um espaço de fabulação que são uteis para refletir sobre a história da África para além do que os testemunhos e os documentos tradicionais podem revelar. Outra capacidade do texto literário é o de retirar da invisibilidade humanidades ignoradas.

Além dos documentos, muito bem trabalhados pela História, além dos “testemunhos” digamos assim, de certo modo, fazem parte, são decisivos na metodologia da antropologia; eu penso que era interessante que os estudos africanos também levassem em conta, prestassem atenção nessa capacidade de imaginar da literatura [...].

Seria interessante que fizéssemos um esforço maior para tentar associar todas essas formas de conhecimento. Do mesmo modo que a literatura foi um terreno muito propício à redução da humanidade dos africanos, eu acho que o estudo da literatura informado pelos métodos, pelas teorias defendidas e exercitadas por outros campos do saber, eu acho que esse estudo pode também levar a ruptura com essa biblioteca colonial. Os escritores africanos têm nos ensinado um pouco isso, estou pensando, por exemplo, na formação do Pepetela que é sociólogo; estou pensando na formação de João Paulo Borges Coelho que é historiador; estou pensando na formação do João Melo que é jornalista; na formação de Ruy Duarte de Carvalho que era antropólogo. Como que eles encontraram no domínio da literatura um campo propício para outra forma de reflexão. Sem dúvida nós aprendemos muito com eles e com essa capacidade de articular várias fontes de saber. “Ciclo de Debate ABE-África – Apresentação da gestão 2021-22 e debate com profa Rita Chaves” (CHAVES, 2021).

Embora, a autora não esteja particularizando Pepetela em sua fala, tudo o que teceu sobre a literatura africana e os escritores africanos soa como uma descrição direcionada ao escritor. Para além das afirmações de Chaves, as intenções e preocupações do escritor apresentadas nesse subcapítulo batem com as atribuídas à historiografia africana pós-colonial, principalmente àquela produzida por africanos, “A História Geral da África deve ser vista do seu interior, partindo do próprio continente como centro de interesse, considerando os

africanos como sujeitos, não como meros objetos da história” (BARBOSA, 2017, p.406), tal característica fundamental dos autores da vasta obra *História Geral da África* é uma permanência na ficção de Pepetela. Até mesmo nas obras urdidas durante a luta de libertação os colonizadores nem sequer cumprem a função de coadjuvantes, são meros figurantes ocasionais.

Outros atributos da historiografia africana, apontados por Diallo e Lima, também se fazem presentes de maneira recorrentes nos romances aqui analisados.

Após independências, a historiografia teve como cenário os território dos Estados recém-criados que, grosso modo, enraizava a “partilha colonial”, da África pela Conferência de Berlim de 1884/85. A História foi largamente solicitada, às vezes com distorções, para servir de base às novas Nações, para criar evidências artificiais, que justificassem as fronteiras herdadas do colonialismo europeu (DIALLO; LIMA, 2020, p.283).

A literatura de Pepetela tem por objetivo contribuir para internalizar nos nascidos dentro da antiga colônia a ideia e o sentimento de pertencimento ao território de Angola, superando seus equivalentes étnicos. Outro ponto de convergência com a historiografia é fazer uso de impérios ou reinos anteriores à colonização para evidenciar a capacidade de autodeterminação dos africanos e, por consequência, seu direito à emancipação política das metrópoles: “Os grandes impérios pré-coloniais constituíram um argumento para as teses de uma África antiga como estruturas políticas elaboradas, produtora de uma brilhante civilização economicamente próspera” (DIALLO, LIMA, 2020, p.283).

Devido ao fato de as ex-colônias portuguesas serem retardatárias na conquista da emancipação, à guerra civil posterior terminada somente em 2002, aos expurgos de intelectuais promovidos pelo MPLA e o governo de partido único constranger a academia quanto a críticas à ordem vigente, as ciências humanas demoraram a se estabelecer em Angola. Parte dessa lacuna foi preenchida pela literatura, notadamente a de Pepetela e por esse motivo a historiografia angolana busca em seus escritos parte dos seus temas de análise: identidade angolana, luta pela criação de uma fraternidade e uma igualdade social, fracasso na promoção da igualdade social, derrota do projeto em criar uma fraternidade social baseada na nacionalidade, corrupção estabelecida pelo novo regime, substituição da rivalidade étnica pela distância social baseada no poder econômico, entre outros.

## Capítulo 2

### Denominador Comum

“Parece-me que as preocupações de fundo, em *Muana Puó*, são as mesmas de todo o resto que foi escrito depois. Há um tema que é comum, que é o da formação da nação angolana. Isso faz o denominador comum [...]”  
(LABAN, 1991).<sup>1</sup>

#### 2.1 Movimento de Libertação no contexto da Guerra Fria

Um dos dois grandes eventos globais que viabilizaram a independência angolana foi a Segunda Guerra Mundial que pôs em xeque a legitimidade da manutenção de colônias no continente africano por potências europeias. Os aliados combateram o Eixo que se arvorava no direito de violar soberanias nacionais e de conquistar povos considerados inferiores. Em acréscimo, os países do Eixo sentiam-se excluídos da partilha do mundo, ou seja, eram estados imperialistas que se ressentiam do resultado dessa partilha, a qual consideravam fundamental para a soberania e para a economia de seus estados. Dessa forma, ao menos em parte, seus argumentos para submeterem outros territórios e povos possuíam proximidade com as práticas e as legitimações encampadas pelas potências coloniais aliadas, França e Inglaterra: a crença na inferioridade de um povo, seja civilizacional ou racial, o que justificaria a tutela ou até mesmo, no caso nazista, o extermínio.

Esse confronto culminou na completa desintegração do mercado mundial e em violações sem precedentes dos princípios, normas e sistemas de Vestifália. E mais, tal como as Guerras Napoleônicas, 150 anos antes, a Segunda Guerra Mundial funcionou como uma poderosa correia de transmissão para a revolução social, que, durante e depois da guerra, espalhou-se por todo o mundo não ocidental, sob a forma de movimentos nacionalistas de libertação (ARRIGHI, 2006, p.65).

O segundo grande evento global que possibilitou a emancipação de Angola foi a Guerra Fria. Nela, a União Soviética entrou no cenário mundial para disputar áreas de influência com os países capitalistas, entre os meios empreendidos para expandir sua

---

<sup>1</sup> CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. Portanto... Pepetela. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p.40.

influência estava o apoio e o auxílio a movimentos de libertação nas colônias europeias. Por seu turno, os Estados Unidos, o seu grande antagonista, também passou a defender a independência dessas mesmas colônias com a intenção de as trazer para dentro de sua esfera de influência. Portanto, após Segunda Guerra Mundial, o ambiente internacional era propício às emancipações.

Entretanto, a União Soviética apresentava um diferencial, com sua vitória sobre o nazismo, a região do mundo que até 1917 era uma periferia do capitalismo em relação às potências da Europa ocidental e dos Estados Unidos, apresentou-se no cenário internacional como a alternativa àqueles que em algum grau assemelhavam-se com a Rússia pré Revolução de 1917. Com isso, a União Soviética passa a ser uma referência a diversos grupos de libertação em várias colônias em África, entre eles o MPLA em Angola, que inicialmente tal influência é percebida apenas em parte dos intelectuais do movimento.

Portugal que não participou do grande confronto sofreu as consequências de seu desfecho. Entre eles, o descrédito de regimes de caráter fascista, que era o caso do salazarismo; e a deslegitimação de impérios coloniais. Para continuar a manter suas colônias o governo português realiza uma série de medidas, uma delas é a adoção do luso-tropicalismo que será manejado de forma a defender a tese de que Portugal não é um império colonial, mas um país unido composto por várias etnias; por conseguinte, as supostas colônias, dentro dessa perspectiva, nada mais são que províncias ultramarinas (CASTELO, 1998).

Dentro dessa mudança de legitimidade, para manter os territórios de além-mar, a Casa do Estudante do Império (CEI), criada antes da tese das províncias ultramarinas, deveria contribuir para enraizamento social dessa concepção no ultramar. Esta instituição foi criada pelo governo português com a finalidade de assimilar a juventude intelectual das colônias e transformá-la em futuros agentes do colonialismo, entretanto, virou, na prática, o seu oposto. Foi nesse ambiente que vários estudantes tomaram conhecimento do movimento negro nos Estados Unidos, puderam se aprofundar no seu conhecimento a respeito das lutas pela independência de diversas colônias africanas e se aproximaram da União Soviética.

A década de 1940 vê florescer uma nova rede que amplia o projeto de libertação das colônias: a fundação da Casa dos Estudantes do Império (CEI), com sede em Lisboa, e o movimento dos Novos Intelectuais de Angola, em Luanda. Esses novos grupos entram em contato com ideias articuladoras de uma trajetória político-ideológica veiculada pelos movimentos da Negritude, cujos nomes de destaque são: Leopold Senghor e Aimé Césaire (OLIVEIRA, 2013, p.2).



Muitos dos frequentadores da Casa dos Estudantes do Império vieram a ser líderes da luta pela libertação de Angola, Pepetela foi um deles. Foram os contatos estabelecidos ali que o conduziram a integrar o MPLA e, por conseguinte, realizar sua fuga para a Argélia. Este país recém tinha conseguido sua independência da França e com o apoio soviético tornou-se um centro de formação intelectual e militar de membros de movimentos pró-independência africana.

Pepetela relata essa parceria entre MPLA e União Soviética em *O Planalto e a Estepe*, no romance o protagonista abre mão de estudar em Portugal, adere à causa da independência e, com um passaporte falso de cidadão argelino concedido pelo governo da Argélia, foge para Moscou para estudar. Como o autor, o protagonista realiza uma migração. Começa em Angola, ainda colônia portuguesa, vai para Portugal, então, liga-se ao MPLA, foge para França, em seguida cruza o Mediterrâneo, voltando à África. Não retorna a Angola, como é de seu desejo, e vai para Moscou. Nesta cidade descreve a relação com diversos outros jovens revolucionários africanos que lá se encontram. A capital russa é um contraponto a Casa dos Estudantes de Portugal e a outras similares das metrópoles europeias. Em Moscou, por meio de estudantes de outros países de África é que percebe como se passa a luta pela libertação ou os governos já livres de outras nações africanas. A hostilidade do clima, o excesso de formalismo das pessoas e da burocracia soviética, a paisagem urbana eficiente, porém fria, somado à saudade da terra natal, do sol africano e da informalidade nas relações unem os jovens africanos. Portanto, a solidariedade e a cumplicidade entre eles vai além da causa revolucionária, apesar das diferenças internas, às vezes misturando islamismo com marxismo.

Além de Pepetela, Abranches foi outro frequentador da CEI que aderiu ao MPLA e que mais tarde vieram a fundar, na Argélia, o Centro de Estudo de Angola, CEA, que será um dos braços intelectuais com influência marxista-leninista dentro do MPLA durante o período de luta pela independência. O CEA objetivava se colocar como uma das pontas de lança de difusão dessa influência ideológica, que só se tornará hegemônica no MPLA em 1977, quando já se tornou governo. Isso em termos oficiais, pois, segundo Nuno Vidal, no jogo político e administrativo do país houve pelo menos duas grandes facções: a ala progressista-socialista e a ala pragmática-liberal (2016).

Angela Alonso trata sobre a Geração de 70, que nas últimas décadas do século XIX brasileiro contribuiu decisivamente para, enfim, dar cabo da escravidão e, principalmente, para derrubar o regime monárquico. Segundo a autora, a geração que lançou a semente do republicanismo almejava uma mudança social, a qual o *status quo* não realizava e sentia-se

preparada para ocupar postos chave da nação para viabilizar as transformações sociais que defendia. No entanto, seus intelectuais se depararam com sérias dificuldades em ter acesso a posições que permitiam a eles influir nos rumos na nação (ALONSO, 2000, p. 44).

A incorporação de novas perspectivas intelectuais se compreende [...] como busca de novos recursos teóricos e retóricos para gerar uma explicação da crise e da mudança social, bem como para oferecer vias de ação alternativas aos grupos sociais alijados (ALONSO, 2000, p. 45).

No outro lado do Atlântico, quase cem anos depois, os que vieram a fundar o CEA e os seus futuros integrantes procederam de maneira semelhante à descrita por Alonso, buscaram no marxismo argumentos para explicar a situação degradante da sociedade angolana e o caminho para a sua superação. Somado a isso, ao acenarem possuírem o conhecimento para superar tal degradação social e de conduzir a sociedade à utopia socialista, colocaram-se no papel de lideranças legítimas da sociedade.

## **2.2 Contexto social do jovem Pepetela e sua integração inicial ao Movimento de Libertação Popular de Angola – MPLA**

O escritor é um ente social e por isso a sua literatura não pode ser tomado pelo o oposto dos fatos, o real de sua obra são as relações com o seu tempo e com sua sociedade, e ambos podem ser apreendidos em sua literatura (SOUZA, 2019, p.19). Por isso “Perceber Pepetela enquanto membro de uma família, uma cultura, uma classe, de organizações políticas e culturais é vê-lo como o centro de uma extensa rede de interconexões extremamente densa e diversificada” (CARVALHO, 2013, p.2).

A partir dos anos quarenta começam a prosperar gerações de intelectuais que buscam uma identidade angolana e questionam o colonialismo. Dentre eles está o movimento Novos Intelectuais de Angola, cuja busca pela identidade do homem angolano em oposição ao colonizador é um fator de união. Muitos desses intelectuais, responsáveis por engendram um espaço de crítica e resistência ao colonialismo, posteriormente irão compor o Movimento Popular de Libertação de Angola (SOUZA, 2019, p.104).

Dessa década em diante a literatura e a imprensa angolana contribuíram de forma consistente para antagonizar colonizadores e colonizados, fomentando uma vida cultural interna. Embora, inicialmente, esses intelectuais não apresentassem um evidente projeto

político contra a autoridade colonial, foram fundamentais para criar o ambiente propício a ele. “Surgem, assim, as associações literárias e de intelectuais que vão dar corpo a um projeto de se pensar enquanto espaço com maior autonomia para, na sequência, pensarem a nação” (SOUZA, p.105). Entre os frutos dessa nova situação social estão o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), criado em 1948, e a Revista Mensagem<sup>2</sup>. Esses intelectuais e a sua escrita serão os primeiros fomentadores de um imaginário nacional. Virão a ser a vanguarda do nacionalismo, os iniciadores da procura por uma unidade que consiga congregar a diversidade cultural e social de Angola.

Pepetela nasceu em Benguela, em uma família de classe média. Sua mãe, branca e de descendência portuguesa, nasceu em uma família considera de classe média baixa, em Moçâmedes, atual Namíbe. Seu pai, branco e descendente de português, nasceu em Catumbela, passou a maior parte da infância em Portugal, voltando para Angola aos 16 anos, estabelecendo-se em Benguela, onde investe em uma empresa de pesca. Os rendimentos oriundos dessa atividade financiaram os estudos de Pepetela (SOUZA, 2019, p.40).

Em Benguela, antes de ir para Portugal e posteriormente se unir ao MPLA, Pepetela frequentou o meio intelectual local, travou conhecimento com o nacionalismo já presente na poesia de Aires de Almeida Santos e com a preocupação social expressa na literatura brasileira. Além de ter entrando em contato com ideologias críticas e alternativas ao sistema de mercado, encantou-se com Proudhon e foi apresentado ao pensamento de Marx (CARVALHO, 2018, p.360). Portanto, a cidade natal de Pepetela abrigava uma sociedade em que alguns setores eram abertos a outras possibilidades. Antes do início da guerra pela libertação mostrava-se descontente com o salazarismo, nas eleições de 1958, o candidato de oposição à presidência, o liberal moderado Humberto Delgado, obteve uma vitória arrasadora nessa região (CARVALHO, 2013, p.7).

Vários escritores angolanos que vieram a integrar o MPLA foram influenciados pelos escritores modernistas brasileiros, notadamente os da segunda geração. Viam neles “referências literárias capazes de contribuir para a construção de uma imagem nacional renovada por uma produção literária que visava exaltar o povo e dialogar com a expressão dos interesses populares e da autêntica natureza africana” (OLIVEIRA, 2013, p.3).

Viriato da Cruz, um dos fundadores do MPLA e que conheceu pessoalmente Frantz Fanon, se correspondia com Salim Miguel, organizador do periódico catarinense revista Sul, responsável por trazer o modernismo a Santa Catarina, pedia ao amigo que lhe remetesse

---

<sup>2</sup> Nesta revista, Pepetela publicou um conto, em 1959, *Velho João*.

livros censurados pelo colonialismo e lhe ensinava como proceder para ludibriar a censura (CORREA, 2016, p.18). Essa correspondência somada à correspondência com Antônio Jacinto levou a revista Sul publicar em suas páginas criações artísticas de autores angolanos, além da distribuição do periódico em Angola (CORREA, p.22).

Pepetela também comunga dessa influência. Em entrevista a Marcon, quando questionado sobre a influência de autores brasileiros, responde: “No meu caso, algumas foram mesmo influência. Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos foram influências, embora haja diferença entre eles, alguma coisa foi de um, outras de outro” (MARCON, 2005, p268).

Em relação ao resto do país, a questão racial era atenuada em Benguela, talvez contribuísse para isso a característica da população na região, 50% composta por mestiços (SOUZA, 2019, p.41). Mesmo assim, apesar da proximidade física, era perceptível a discriminação racial, principalmente quando negros tencionavam frequentar a mesma praia dos brancos. Em entrevista Pepetela afirma sobre sua percepção do racismo e sua ligação ao sistema colonial:

A tomada de consciência da necessidade de Independência começou com a percepção de que existia o racismo colonial. Quando era muito jovem, tinha amigos de todas as cores e chocou-me descobrir que uns eram privilegiados e outros oprimidos, por causa da cor de pele. Essa situação reflectiu-se em alguns dos meus livros, sobretudo os primeiros, mais marcados pelo fenómeno colonial (SOUZA, 2019, p.43).

Souza ainda aponta outra discriminação, dessa vez entre brancos, nela, em termos sociais, os brancos metropolitanos estariam acima dos brancos africanos, popularmente chamados de brancos de segunda. Essa marginalização ficou mais evidente no pós-guerra, quando a presença de metropolitanos nas colônias aumentou significativamente.

Portanto, em relação à metrópole todos os angolanos possuem um ponto comum: a subcidadania social, uma inferiorização em relação aos nascidos em Portugal. Essa condição em comum dá a vários angolanos e aos movimentos de libertação a justificativa para a emancipação. Dessarte, essa inferiorização social, diferenciando metropolitanos dos africanos, deu margem para que tal distinção não mais se encaixasse na interpretação de que o império português é uma sociedade estratificada, e sim um povo dominando outros. Esses outros povos, embora existam outros critérios, basicamente são os nascidos nos territórios por ser essa a condição da subcidadania dentro do colonialismo português. Não evitando, ou até mesmo promovendo, hierarquias dentro dessa subcidadania. Assim, esses povos oprimidos

em África e na Ásia, após a Segunda Guerra Mundial, irão exigir a autodeterminação dos povos, ratificada pelas Nações Unidas em 1948 e que deu respaldo para a criação do Estado de Israel. Esse princípio confere aos povos o direito à independência e ao autogoverno.

Em 1962, Pepetela deixa Portugal para fugir do alistamento militar, caso o atendessem poderia vir a ter de lutar nas hostes metropolitanas contra os movimentos de libertação, vai para Paris e integra-se à Frente Unida de Angola (FUA) que de acordo com Pepetela era uma organização de apoio ao MPLA (SOUZA, 2019, p.51). Permanece poucos meses na capital da França e ruma para Argel, capital do país que conquistou sua independência em uma violenta guerra contra a colonização francesa, onde a FUA abriu um escritório.

Na capital argelina, Pepetela é agraciado com uma bolsa de estudos em sociologia na universidade da capital e funda, junto com outros intelectuais, o Centro de Estudos Angolanos (CEA).

O Movimento de Libertação Popular de Angola no período da luta contra o colonialismo português pode ser caracterizado mais por um movimento de frente ampla do que por um movimento com uma identidade ideológica bem definida. Embora, já nesse período, possa ser considerado com um viés mais à esquerda, há sérias divergências entre os intelectuais e dirigentes desse matiz.

Entre tais divergências a mais significativa, nos primeiros anos do MPLA, foi a rivalidade entre Agostinho Neto e Viriato da Cruz. Este, em resposta às críticas de outros movimentos de libertação quanto a tendência do MPLA em favorecer mestiços, desejava a saída de mestiços da direção do movimento. E esta era apenas uma das incompatibilidades.

[...] o problema não se resumia aos mestiços, mas incidia também sobre os universitários, que eram questionados por seus títulos, ou seja, por suas trajetórias, até mesmo dentro do movimento. Esse, talvez, seja o momento mais explícito quanto à existência de divergências no interior do MPLA relativas às diferentes condições sociais desfrutadas pelos seus membros, na esfera colonial (BITTENCOURT, 2012, p.242).

Viriato da Cruz desconfiava do comprometimento dos militantes que tiveram boa parte da sua experiência no exterior, fora de Angola. Sendo assim, questionava a lealdade tanto de alguém como Agostinho Neto como dos estudantes da Casa do Estudante do Império, que é o caso de Pepetela (BITTENCOURT, 2012, 243). Como bem ressalta Bittencourt, Viriato da Cruz não é uma voz isolada dentro do MPLA, é o porta-voz mais eloquente de uma das suas correntes, e foi justamente tal condição que fez seu embate com Agostinho Neto ser tão marcante.

A manutenção dessa percepção segmentada do MPLA por parte de Viriato da Cruz, entre os militantes do interior e os do exterior, caracterizada pela conduta e pela forma de adesão à luta anticolonial, condicionava o confronto de Agostinho Neto e outros dirigentes. A rivalidade crescente com Agostinho Neto implicava problemas de liderança, evidentemente, mas, acima de tudo, trazia à discussão questões que estavam relacionadas a trajetórias diferenciadas e a condicionamentos resultantes dessa diferença, bem como a perspectivas até mesmo antagônicas quanto ao desenvolvimento da luta pela independência. Eles não agem individualmente, seus nomes polarizam grupos de militantes (BITTENCOURT, 2012, p.246).

### **2.3 CEA, afinidade eletiva, comunidade imaginada.**

Henrique Abranches, nascido em Portugal, chegou à colônia de Angola com 15 anos, nela prestou o serviço militar e participou de mobilizações populares. Preso em 1961, foi enviado para Lisboa para cumprir prisão de residência fixa. Da capital do império português, por intermédio do Partido Comunista Português, alcança Paris, onde contata o MPLA. Todavia, não é integrado ao movimento de libertação, o fato de ser branco, naquele momento, inviabiliza tal disposição. Diante da negativa delibera ir para Argel combater em outro front, propõe a outros “exilados” do MPLA, como ele, a criação de um Centro de Estudos Angolanos, CEA, cuja proposta foi aceita com entusiasmo por nacionalista angolanos estabelecidos na cidade; incluindo os que Figueiredo considera ser os que se tornarão o núcleo duro, junto com Abranches, do CEA pelo menos até 1969: Maria do Céu Reis, Artur Pestana (Pepetela), Adolfo Maria e sua esposa, Helena Maria (FIGUEIREDO, 2012, p.239).

A carta programática do Centro de Estudos Angolanos trazia em si o claro objetivo de influenciar o MPLA com o intuito de balizar o caráter da Angola independente.

No entanto, a consolidação da luta de libertação, o seu aprofundamento e a criação de condições para se vencer definitivamente o imperialismo não são possíveis sem o conhecimento dos fins a atingir, dos obstáculos a vencer, sem sabermos quem são os nossos inimigos e os nossos aliados. Há que ter sempre presente que o neocolonialismo instala-se facilmente nos países subdesenvolvidos, aproveitando-se do atraso económico e cultural existente, da fraca consciência política das massas trabalhadoras e, na maior parte dos casos, da fraqueza ideológica dos dirigentes nacionais.

Impõe-se um profundo conhecimento das realidades do país. Tem de se conhecer as estruturas sociais e os valores culturais angolanos. É necessário o conhecimento das classes sociais e dos interesses específicos de cada uma delas. É preciso saber enunciar as contradições económicas, sociais e políticas de Angola e estar em condições de lhes dar solução. Tem-se de

estudar as consequências da abolição radical das estruturas coloniais e a edificação de um estado livre da influência imperialista onde o problema de estruturas e de quadros se porá com acuidade. É urgente desenvolver a consciência revolucionária das massas angolanas

A realização de tais objectivos requer um trabalho sistematizado e um Centro de Estudos, disposto a realizar actividade paralela aos movimentos políticos, é o organismo indicado para o fazer.

Assim nasceu o Centro de Estudos Angolanos que, ao lado dos movimentos progressistas angolanos, se propõe contribuir para a heróica luta do Povo Angolano contra o colonialismo português e o imperialismo, sob todas as suas formas (FIGUEIREDO, 2012, p.241).

O termo neocolonial utilizado na carta parece ir ao encontro da definição de N'krumah disponível na introdução de seu livro *Neocolonialismo*. Nele, o neocolonialismo é a sujeição econômica de países que se tornaram independentes, sendo assim, em tese, não estão mais sobre o jugo de outra nação. Entretanto, essa sujeição econômica a países desenvolvidos, seja por meio de empréstimos ou de dependência de empresas oriundas deles, tira a autonomia dos países emancipados e os fazem gravitar em torno de interesses externos e que geralmente são contrários ao desenvolvimento social da população local (N'Krumah, 1967).

A diferença dos membros do CEA para o presidente de Gana é a descrença na possibilidade da terceira via, uma alternativa ao capitalismo e ao socialismo. Provavelmente enxergavam na terceira via um flerte com o imperialismo, enquanto N'Krumah considerava que a luta contra o neocolonialismo “não tem por objetivo a exclusão do capital do mundo desenvolvido das operações em nações menos desenvolvidas”. Acreditava ser viável a utilização desse capital para promover nações que recentemente deixaram de ser colônias. Por isso defendia a terceira via, o não alinhamento que permite a cooperação com todos os estados, sejam eles socialistas ou capitalistas.

Sendo assim, ao colocar a ideia de terceira via no campo da fraqueza ideológica dos dirigentes nacionais, os membros do CEA pretendem conduzir o MPLA e posteriormente, quando governo, Angola para a esfera socialista do mundo. Figueiredo pontua o trecho que considera mais marxistizante da carta do CEA.

Uma Revolução é um processo científico, nascido e desenvolvido em circunstâncias próprias da evolução histórica de um povo. Para que essa Revolução seja triunfante, — tendo conseguido mobilizar profundamente a generalidade das massas — é necessário que ela seja organizada o mais objectivamente possível, tendo em conta todos os problemas que se põem a essas massas, estudados e resolvidos por critérios científicos. O Centro de

Estudos Angolanos utilizará tais critérios e desenvolverá uma actividade militante de esclarecimento das massas angolanas, propondo-se:

1) Contribuir para a elevação do nível político e cultural das massas e dos militantes angolanos, de maneira a ajudar o desenvolvimento da luta de libertação e anti-imperialista em Angola, que permitirá o seu acesso a uma independência livre do neocolonialismo:

a) participando no esclarecimento das massas e dos militantes angolanos na sua luta contra a opressão imperialista e as correntes nacionalistas oportunistas;

b) participando na sua alfabetização e formação cultural tendo presente que a cultura angolana terá de ser revolucionária e científica;

2) Recolher e difundir material de estudo de natureza económica, histórica, social e política sobre Angola a fim de contribuir para um conhecimento mais profundo da realidade angolana e tornar possível a realização de análises sobre a situação actual e dos problemas que se porão ao futuro estado angolano e que se põem já à própria estratégia revolucionária.

3) Colaborar activamente com os movimentos políticos progressistas e com as organizações estudantis de Angola ou com organizações similares ao CEA para a realização de fins comuns ou a formação de quadros.

4) Colaborar com os movimentos políticos progressistas e organizações similares das colónias portuguesas e também de Portugal para a realização de fins comuns, de campanha de denúncia do colonialismo português e do imperialismo, assim como na troca de experiências. O CEA considera que a luta em moldes progressistas contra o colonialismo português será um golpe importantíssimo no imperialismo.

5) Desenvolver todos os esforços ao alcance do Centro para a unificação e intensificação da luta anti-imperialista em África. A influência imperialista continua sendo fonte de opressão na maior parte do continente africano cuja total libertação não pode ser conseguida sem a extirpação total dessa influência.

6) Colaborar com os centros similares ou instituições científicas de África para a troca de informações e estudos, permitindo o enriquecimento dos conhecimentos sobre Angola e o continente africano; e trabalhar para a realização de um grande Centro de Investigação Científica Africano. A coordenação da actividade de pesquisa realizada em comum pelos países africanos torna-se cada vez mais urgente.

7) Colaborar com os centros culturais e científicos estrangeiros similares organismos culturais científicos da ONU, para a troca de informações e estudos, para a aquisição de material de ordem política, científica ou outras, interessando a actividade e os fins do Centro de Estudos. A concepção de cultura do CEA é universalista, assim como seu conceito de luta anti-imperialista.

8) Colaborar com as agências de imprensa, órgãos de informação escrita ou falada, para a propaganda da luta nacionalista e anti-imperialista do Povo Angolano. A mobilização da opinião internacional, sobretudo a progressista, em favor da luta do Povo Angolano será de grande importância; assim como



o desmascaramento do colonialismo português e do imperialismo em Angola (FIGUEIREDO, 2012, p.242).

Seus integrantes almejavam ser o uma “espécie de *think tank* do nacionalismo progressista angolano” (FIGUEIREDO, 2012, p.244). No entanto, Figueiredo reluta em caracterizar o CEA como marxista, apenas reconhece ser influenciado por essa ideologia. O mesmo se dá com o próprio Pepetela, quando indagado não se coloca como marxista, apenas admite que foi inspirado por ele, assim como pelo anarquismo. Notadamente nas obras de Pepetela não há exortação a tal ideologia e tão menos um convite ao leitor a procurar a se interessar pelo tema. A questão parece não se reduzir apenas a um receio de que ocorra um transplante direto de uma teoria sem que se leve em conta as características do povo angolano, no próximo capítulo esse ponto será aprofundado. Sendo assim, o marxismo, no caso do CEA, remete à situação apresentada na citação de Alonso no subcapítulo 2.1, dá a um grupo socialmente alijado, inclusive do próprio movimento de libertação, respaldo teórico que explica a crise social e aponta um caminho a seguir, além, de dar legitimidade a seus portavozes como agentes da mudança estrutural pretendida (ALONSO, 2000, p.45). Portanto, o marxismo está mais para um arcabouço ideológico inicial para respaldar suas intenções de ter lugar na luta pela independência e combater o neocolonialismo; além de contribuir para uma solidariedade internacional. Em outras palavras, analisam o marxismo-leninismo com o intuito de constituir um marxismo-angolano, não querem cometer o erro de evitar o neocolonialismo do mundo capitalista e se verem pegos por um de outro tipo.

Desse modo, ter conhecimento do marxismo não basta, nem sequer é o mais importante, pois, talvez viesse a tornar-se outra coisa que não poderia mais receber esse nome. Dessarte, o marxismo se assimilaria a uma estrela guia inicial para esses jovens navegantes, mas que pode vir a ser abandonada caso construam um instrumento melhor, mais adequado à conjuntura angolana, e tal perspectiva parece ser aventada de forma indireta na carta programática do Centro de Estudo Angolanos. E nas obras da década de 80 de Pepetela, destacadamente em *Lueji*, ela é apresentada.

À vista disso, o termo afinidade eletiva parece ser mais adequado para compreender as intenções do CEA e por consequência de Pepetela em sua obra, uma vez que reproduz nela as intenções do Centro de Estudos. Ambos, CEA e Pepetela, projetam para a sociedade angolana a mesma afinidade eletiva. A definição de afinidade eletiva usada neste trabalho é a proposta por Löwy:

Propomos, então, a seguinte definição, partindo do uso weberiano do termo: afinidade eletiva é o processo pelo qual duas formas culturais – religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas – entram, a partir de determinadas analogias significativas, parentescos íntimos ou afinidades de sentidos, em uma relação de atração e influência recíprocas, escolha mútua, convergência ativa e reforço mútuo (LÖWY, 2011, p.139).

Antes de tudo, essa afinidade eletiva projetada para Angola é concebida em oposição ao que creem ser a afinidade eletiva capitalista ou a sua consequência. Para os protagonistas do CEA, ela é geradora e legitimadora de preconceitos raciais e culturais, de exploração de indivíduos e de sociedades, além de sacralizar a competição e a rivalidade.

Sebastian Conrad, ao discorrer sobre História Global, aborda sobre a profundidade e a capilaridade da integração. Em sua obra, traz como exemplo o uso do relógio no Japão nos primeiros séculos de contato, chamado pelo autor de conexão, com europeus e a partir da segunda metade do século XIX em diante. Nos primeiros séculos, o objeto é um artigo quase exclusivamente de ornamento e de curiosidade exótica; ele não é utilizado para pautar a vida social. Contudo, após a entrada do Japão no mundo capitalista e como uma força industrial candidata ao imperialismo:

Os relógios ocidentais e as torres de relógio emergiram como símbolo da modernidade; a pontualidade e as noções de progresso converteram o tempo ocidental numa práxis cotidiana, e a introdução do calendário gregoriano, em 1873, levou à abolição dos métodos tradicionais de contagem do tempo, preparando o Japão para a sincronia global [...] Neste novo contexto, as importações culturais já não eram incorporadas nas cosmologias locais e acabaram por assumir uma força suficientemente capaz de transformar profundamente as práticas quotidianas (CONRAD, 2019, p.89).

A diferença é que para os intelectuais do CEA parte substancial da tradição nativa em Angola, chamada de tribalismo, não foi destruída ou substituída, ela se converteu em um instrumento útil por ser receptiva ao capitalismo. Para o CEA ela se molda a ele por possuírem, para ficar nas palavras de Löwy, um parentesco íntimo. Dessa forma, contribuía para sua afinidade eletiva e suas consequências ao invés de se opor a elas ou ao menos amenizá-las.

À vista disso, é imperativo deixar esse mundo, não porque o capitalismo seja percebido como o gerador de preconceitos, de rivalidade e de submissões. Essas capacidades são inerentes ao ser humano, todavia, o capitalismo é concebido como o mecanismo que transforma essas possibilidades deletérias em ordenadores sociais. É a seara perfeita para o império delas. Por isso, projetam uma sociedade que iniba essas disposições. Almejam criar

um terreno inóspito para o florescimento dessas ações perniciosas. E a alternativa que se materializou no mundo, ao seu ver, foi o bloco socialista e é nela que inicialmente se respaldam.

Portanto, não obstante a ferve revolucionária dos integrantes do CEA em seu empenho em reelaborar a sociedade angolana, eles se baseiam em uma empiria global. Ao olharem para o mundo em busca de uma alternativa materializada ao espectro capitalista depararam-se com a União Soviética, a China e, em África, com a Argélia. Sendo que uma dessas alternativas concretizadas, a União Soviética, foi agente fundamental para a derrocada do nazifascismo ao qual o regime salazarista possuía grande afinidade. Notadamente com o modelo italiano que teve sua aventura em África ao anexar a Etiópia.

Inspirados nesses modelos acreditam na capacidade de uma interferência direta e estrutural na sociedade, principalmente se tiverem os equipamentos do estado em suas mãos. Sua retórica e sua convicção, por conseguinte sua utopia, miram essas vanguardas alternativas não para as copiar, e sim para viabilizar a sua própria, uma vez que está provada a viabilidade de opções fora da economia de mercado.

Como explicitado na carta de criação do CEA, a emancipação de Portugal, embora fundamental, não é suficiente para o desenvolvimento social, livrar-se da condição de periferia do capitalismo é o que consiste em emancipação real, sem o risco do neocolonialismo. Em outras palavras, o CEA declara a existência de dois adversários que se aliam, em âmbito local é Portugal e em âmbito global é o capitalismo.

A primeira obra de Pepetela, *Muana Puó*, entre as metáforas que carrega traz a disputa entre corvos e morcegos. Os corvos representando os agentes do colonialismo e os morcegos, os explorados desse sistema. A análise dessa metáfora específica feita por Martinho evidencia que Pepetela leva para a ficção as pretensões do CEA.

A alegoria poderia ter acabado aí – os morcegos conheciam finalmente a luz ao fim da noite que, nos momentos de desânimo, lhes parecera sem termo, e podiam sem receio comer o “mel” por eles criado. Mas Pepetela leva mais longe o seu projecto, entra no domínio do futuro, da utopia. Os morcegos transformam-se em homens; estes entendem a libertação não como uma simples expulsão dos corvos, mas como uma transformação profunda, revolucionária da sociedade que torne inviável qualquer regresso a outros modos de alienação e exploração (MARTINHO, 2009, p.148).

Os bolcheviques ao obterem êxito em implantar a primeira revolução “planejada”, levaram outras sociedades periféricas do capitalismo perceberem como crível sua emancipação (ANDERSON, 201, P.218).

O modelo revolucionário bolchevique foi decisivo para todas as revoluções do século XX, ao permitir que elas se tornassem imagináveis em sociedades ainda mais atrasadas do que todas as Rússias [...] As habilidosas experiências de Mao Tsé-Tung confirmaram a utilidade do modelo fora da Europa. Assim, podemos ver a culminância do processo modular no Camboja, em 1962, com um total de 2,5 milhões de habitantes em idade ativa, dos quais 2,5% eram “operários”, e nem 0,5% era “capitalista” (ANDERSON, 2019, p.218).

Os membros do Centro de Estudos Angolanos acreditam que podem ser artífices de uma revolução angolana que vai muito além da independência, pretendem transformar a economia e a consciência dos indivíduos. Entretanto, para efetivação desse nível de transformação precisam ter em seu poder o estado e por meio dele obter a capacidade de difundir na sociedade um nacionalismo orientado.

Benedict Anderson propõe a seguinte definição para nacionalismo: “como uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo soberana” (ANDERSON, 2019, p.32). Imaginada, pois, os indivíduos jamais trarão conhecimento direto com todos os seus conterrâneos, contudo, são capazes de visualizar e internalizar tal comunhão. Limitada devido a não pretender abarcar nessa comunhão toda a humanidade, está presa dentro de um território mais ou menos fixo e às pessoas que nele vivem ou possuem com ele uma conexão umbilical. Resta ainda o sentido de comunidade na definição do autor:

[...] é imaginada como uma *comunidade* porque, independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal. No fundo, foi essa fraternidade que tornou possível, nestes últimos dois séculos, que tantos milhões de pessoas tenham-se disposto não tanto a matar, mas sobretudo a morrer por essas criações imaginárias limitadas (ANDERSON, 2019, p.34).

Quando defendem o nacionalismo em Angola é a essa camaradagem horizontal que os membros do CEA almejam. Pretendem suplantar, através de uma imaginação internalizada e compartilhada, todas as diferenças, principalmente as étnicas. Isso não significa que acreditem que os indivíduos irão perder a sua identificação com sua localidade de origem ou com a sua etnia em favor da nação, mas que essa identificação não dará mais ensejo para discriminação e para rivalidade. Portanto, não trata-se necessariamente de uma troca, e sim de

uma sobreposição. O que antes dava vazão a desigualdades e disputas, dentro dessa perspectiva, tornar-se-á tonalidades do ser angolano.

Em acréscimo, o nacionalismo possui um alcance muito maior que as ideologias, além de sua capacidade de difusão ser mais rápida. Benedict Anderson considera erro crasso dar ao nacionalismo o caráter de ideologia nos mesmos moldes que se faz com o liberalismo ou o comunismo. Segundo o autor, o nacionalismo não é equiparável a ideologias conscientemente adotadas, aproxima-se mais de grandes sistemas culturais que o precederam, como a religião (ANDERSON, 2019, p.39).

A intensão dos intelectuais do CEA é conduzir os indivíduos a serem e a sentirem-se angolano. Tal condução, naquele momento, consistia em criar um parentesco entre nacionalismo angolano e uma concepção progressista. Aqui surge uma das afinidades eletivas, infundir e estimular na população uma ética socialista, fazendo do nacionalismo angolano uma espécie de socialismo para as massas. Porém, essa vulgarização, ao contrário do que Nietzsche alega ser o cristianismo com relação ao platonismo, seria em prol da vida, notadamente a coletiva. Não que esses intelectuais cogitem poder literalmente transformar o nacionalismo em um marxismo leninismo vulgarizado. A ideia é providenciar que os valores tidos como essências ao marxismo, que podemos chamar de uma ética socialista, sejam assimilados pelo sentir-se angolano e que possuam um papel central nessa comunidade imaginada. Com isso, a complexidade dessa comunidade imaginada, que não tem como ser totalmente esculpida de cima para baixo, ao menos terá tal ética orientadora.

O segundo pilar da afinidade eletiva se dá no campo econômico, é a rejeição ao capitalismo. A planificação da economia obrigaría, quase que mecanicamente, os indivíduos a cooperarem entre si, e não a competirem-se entre si, característica *sine qua non* do capitalismo para os intelectuais do CEA. Essa escolha não é propícia a características socialmente deletérias e dá uma justificativa pragmática ou material a ações e sentimentos de comunhão entre os indivíduos, ou seja, a uma ética socialista.

No entanto, para desencadear esse processo é necessário ter a posse de uma ferramenta fundamental: a estrutura administrativa do território. Essa é a necessidade objetiva de tomar aos portugueses esse instrumento. Com a máquina administrativa da colônia sob o controle dos revolucionários ela passa a ser a estrutura administrativa do estado angolano. É por meio do estado que os intelectuais revolucionários pretendem viabilizar a sua afinidade eletiva que resultará na efetivação de uma comunidade imaginada cujos pilares são o desenvolvimento social e a fraternidade social.

Se partirmos do pressuposto que as obras de Pepetela estão imbuídas dos princípios do CEA e tem por meta principal vulgarizar e internalizar nos angolanos tais princípios, deduziremos que a literatura para Pepetela é um instrumento de batalha, é outra maneira de lutar pela emancipação plena de Angola, que é a realização da utopia: a conquista do desenvolvimento social e da fraternidade social. Marcon, assim como outros, entende cada obra de Pepetela como uma alegoria, ou seja, para ele a escrita do autor remete a uma moral não diretamente escrita nos romances, porém, possível de ser apreendida (2005, p.30). Silvio de Almeida Carvalho Filho também possui a mesma concepção e discorre sobre o seu entendimento de qual seja a dimensão alegórica de *Muana Puó*.

Em *Muana Puó*, propalava a utopia comunista de dar a cada um de acordo com as suas necessidades fundamentais, evitando a acumulação por uns em detrimento de outros. Tinha consciência que pessoas na nova sociedade em gestação formaram-se nos valores capitalistas, para os quais vencer na vida equivalia a conseguir bens inatingíveis para a maior parte da população. Para mudar esta concepção, tornava-se imprescindível realizar a “proletarização” dos pensamentos e dos hábitos, libertando o ser humano de todas as suas escravidões históricas, tornando-o mais solidário (CARVALHO, 2018, p. 368).

A “proleterização” dos pensamentos e dos hábitos tendo por consequência transformar o indivíduo em alguém mais solidário não é defendida por Pepetela apenas em *Muana Puó*, ela é a comunidade imaginada defendida pelo autor em toda a sua literatura. Por meio de uma comunidade imaginada ou de um nacionalismo com essa índole, acredita o autor, que a utopia um dia poderá ser alcançada, sendo que o esforço continuado para a criar é o caminho para a sua realização.

## **2.4 Denominador comum**

### ***As Aventuras de Ngunga***

Como afirmou Figueiredo, os intelectuais do Centro de Estudos Angolanos tencionam ser o *think tank* do nacionalismo progressista e Pepetela carrega tal pretensão para suas obras publicadas nas décadas de setenta e oitenta. Em entrevista concedida a Laban, Pepetela afirma: “Querendo ou não, sempre fui professor, mesmo quando não dava aulas. É dever lecionar em um país com tanto analfabetismo. Também é uma forma de estar em

contato com as novas gerações, perceber seus anseios e receios (CHAVES; MACEDO, 2009, p.32)”. Em *As Aventuras de Ngunga* o autor, tal qual um professor, delineia o processo de transformação do indivíduo no novo homem que será o responsável por construir a nação angolana.

O enredo traz como protagonista Ngunga de treze anos cujos pais foram assassinados pelos colonialistas. O órfão vaga de aldeia em aldeia vivenciando os hábitos e os costumes do povo e entrando em contato com os guerrilheiros do MPLA. Mais do que isso, Ngunga passa a pensar por si mesmo, analisando se os discursos dos adultos são coerentes com seus atos, é o novo homem em processo de formação. Embora, quando não ocorrem diálogos, a narração seja em terceira pessoa, o narrador onisciente narra, na maior parte da trama, as observações e conclusões de Ngunga.

Esse novo homem, que só se realizará na obra de Pepetela em *Lueji*, é o mestiço cultural engajado com a utopia, esse termo será melhor desenvolvido no próximo capítulo, mas em síntese é alguém que consiga realizar uma harmonia entre o que se toma por tradição, hábitos e crenças construídos antes da presença europeia, e valores ocidentais oriundos do iluminismo e faça uso dessa condição para sedimentar o caminho da utopia. Sendo Assim, em *As Aventuras de Ngunga* e em *Mayombe* Pepetela por meio de Ngunga e Comissário, respectivamente, aponta o caminho a ser percorrido para se tornar o novo homem, por conseguinte, a nação composto por esse tipo de indivíduo irá realizar a “proletarização” dos hábitos e costumes identificada por Carvalho em *Muana Puó*.

Em *As Aventuras*, o colonizador é personagem secundário, entretanto, a luta pela independência é enfatizada, é nela que o novo homem, o cidadão da nação por vir, será forjado.

Entre as muitas personagens, símbolo de resistência, que compõem a galeria dos que vieram à luz para divulgar entre os angolanos a convicção de que a luta pela reconquista da terra, destacamos o jovem Ngunga em sua trajetória de aprendizagem de como tornar-se um guerrilheiro-modelo, através da conquista da integridade, do autoconhecimento e da consciência política (ROSÁRIO, 2009, p.230).

Ngunga aprende sobre os propósitos da luta pela emancipação, mas, sobretudo, assimila, por meio da observação e da reflexão dos atos que acompanha, a capacidade de discernir qual o comportamento adequado para a utopia. Uma das funções de Ngunga é apresentar ao leitor a necessidade de uma clivagem das tradições.

Ngunga é, dessa forma, porta voz de uma ideia recorrente em *Pepetela* que aponta para a necessária desconstrução de valores da tradição da sociedade africana que entraram em decomposição para que se torne possível a construção da identidade de uma nova nação (o devir-Angola), que possa ser incorporada pelas novas gerações que devem continuar o projeto político e tornar Angola liberta do jugo português (LAURITI, 2008, p.214).

Uma das críticas em *As Aventuras de Ngunga* é a respeito às chefias tribais que não fizeram por onde obter tal consideração, tão menos suas ações as tornam merecedoras de autoridade; a posição de destaque baseia-se apenas na tradição. É o caso do presidente Kafuxi que adotou Ngunga apenas para poder explorar sua força de trabalho, em termos práticos faz com o menino o que Portugal faz com Angola; além de se esquivar para contribuir para a alimentação dos guerrilheiros (PEPETELA, 2013, p.20).

[...] Afinal o velho estava a aproveitar. Era mais rico que os outros, pois tinha mais mulheres. Além disso, tinha Ngunga que trabalhava todo dia e só comia um pouco. Uma parte do seu trabalho, uma canequinha talvez, ia para os guerrilheiros. Algumas canecas iam para a sua alimentação. E o resto? As quindas de fubá que ajudava a produzir, o que pescava no Kuando, o mel que tirava dos cortiços? Tudo isso ia para o velho, que guardava para trocar por pano.

Quando chegava um grupo de guerrilheiros ao Kimbo, Kafuxi mandava esconder o fubá. Dizia às visitas que não tinham comida quase nenhuma. Se alguma visita trouxesse tecido, então ele propunha a troca. Sempre se lamentando que essa era a última quinda que possuía. Se a visita não tivesse nada para trocar, então partia do kimbo com a fome que trouxera (PEPETELA, 2013, p.21).

Ressaltando que o argumento de Kafuxi que levou o jovem protagonista a concordar em se estabelecer nos seus domínios e cultivar suas terras era o auxílio que presta à causa do MPLA, via fornecimento de suprimentos. Ngunga liberta-se do julgo paternalista de Kafuxi.

E, um dia em que apareceu o comandante do Esquadrão com três guerrilheiros, aconteceu o que tinha de acontecer.

O velho lamentou-se da fome, dos celeiros vazios. Mandou trazer um pratinho de pirão para o comandante. Para os outros nada havia. O comandante teve de dar dois metros de pano e outro pratinho apareceu.

Ngunga não falou. Começava a perceber que as palavras nada valiam. Foi ao celeiro, encheu uma quinda com fubá e mais um cesto. Trouxe tudo para o sítio onde estavam as visitas e o presidente Kafuxi. Sem uma palavra, pousou a comida no chão. Depois foi à cubata arrumar as suas coisas (PEPETELA, 2013,p.22).

A mensagem é clara, as autoridades que não dão suporte à construção da afinidade eletiva almejada, comunidade imaginada pretendida e estrutura econômica e política que a



corrobore, para assim alicerçar o desenvolvimento social e a fraternidade social devem ser contestadas. A legitimidade não vem mais da tradição, mas desse princípio, por isso a parte dela que deve ser preservada é a que concorre para a viabilização dessa afinidade.

Se uma liderança tradicional pode e deve ser questionada, o mesmo vale para toda prática tradicional que não contribua para favorecer a utopia. Assim, a venda de filhas por parte dos pais para serem esposas de outros homens, a compra de esposas e a exploração da força de trabalho dos demais por parte de lideranças funcionam como uma demonstração ao leitor da tese que tribalismo e capitalismo possuem afinidade eletiva e, portanto, ambos legitimam sentimentos e ações egoístas de submissão, de rivalidade e de competição. Isto posto, tribalismo, em Pepetela, não é considerado tudo o que se julga ser toda a tradição, mas tão somente parte dela, a parte perniciosa que permitiu naturalizar a economia de mercado e suas consequências para Angola. Pois, a parte da tradição que contribua para a afinidade eletiva da utopia deve e tem de ser preservada.

[...] a importância da participação coletiva em todos os acontecimentos; a parceria tanto para a preparação dos alimentos quanto das atividades revolucionárias; o direito que todo visitante possui de participar de uma festa; o respeito à fala dos mais velhos; e, sobretudo, o estabelecimento da reunião comunitária como espaço de troca de informações. Ngunga está atento aos costumes de sua terra e observa o comportamento inadequado do Presidente Kafuxi, registrando sua decepção. Estabelece-se, neste ponto da narrativa, a função primordial do protagonista das aventuras: denunciar o desrespeito aos costumes que precisam ser mantidos e questionar os que devem ser alterados [...] (ROSÁRIO, 2009, p.233).

Entretanto, para a “proletarização” dos hábitos e dos costumes não basta apenas depurar a tradição, o comportamento dos próprios membros do MPLA deve ser transformado. Ngunga critica o professor União por ter mandado embora Chivuala quando descobriu que este roubou sua comida e agrediu Ngunga, pois, o jovem expulso poderia se modificar se o professor se empenhasse mais em reeducá-lo (PEPETELA, 2013, p.43). Em acréscimo, também é alvo da obra o comportamento de alguns comandantes guerrilheiros que em vez de fazerem uso do cargo para dar guerra ao colonizador, o fazem para obter regalias. Tal procedimento é sintetizado na personagem do comandante Avança que recebe uma reprimenda do comandante Mavinga “Para que te serviam as armas, se tu anda a fugir do inimigo? Passas a vida nas sessões e nos kimbos; se há uma ofensiva, escondes-te na mata” (PEPETELA, 2013, p.74).

Por meio de *As Aventuras de Ngunga*, Pepetela ministra a conta-gotas a ideia de utopia e o tipo de comportamento capaz de a viabilizar.

Acreditamos que Ngunga, em função do contexto em que é gestado, espelha todas as virtudes essenciais ao modelo de identidade angolana com que o escritor em questão deseja ver formadas as novas gerações de sua terra que deverão sustentar as conquistas já alcançadas e dar continuidade ao aprofundamento das lutas pelas quais garantirá o futuro da nação que naquele momento está sendo construída (ROSÁRIO, 2009, p.230).

Entre essas virtudes, talvez a mais fundamental, está a disposição em conhecer, em se entregar com afinco tanto ao aprendizado empírico quanto ao teórico. Essas duas condições fundamentais do novo homem estão metaforizadas nos conselhos dos comandantes Nossa Luta e Mavinga a Ngunga. O livro abre com a recomendação de Nossa Luta ao descobrir que o jovem chora por ter uma ferida no pé. O comandante diz para ele ir ao socorrista e tratar o machucado, por medo Ngunga arranja várias desculpas para não ir tratar-se e todas são derrubadas por Nossa Luta que adverte o garoto, se não for o seu estado só irá piorar (PEPETELA, 2013, p.9). Assim, é que Ngunga deixa seu comodismo e começa sua jornada de aprendizado por meio de experiências vividas. É por meio dessas vivências que realizará o valor do estudo, até então desdenhado pelo adolescente, ao tentar se comunicar com o professor União que está preso, porém, a única forma possível seria por um bilhete, entretanto, Ngunga não sabe escrever (PEPETELA, 2013, p.54). A busca pelo aperfeiçoamento intelectual do pioneiro do MPLA tem início após mais uma decepção com relação aos costumes da terra, a garota pela qual se apaixonou foi vendida pelo pai a um velho. Pensa em fugir com ela, no entanto, comandante Mavinga o aconselha.

[...] Devemos saber sempre aquilo que somos capazes. E, quando vemos que não conseguimos uma coisa que está acima das nossas forças, devemos desistir. Não é vergonha retirar se estamos sós contra vinte inimigos. Tu és muito novo. Queres lutar para melhorar a vida de todos. Para isso, tens de estudar. Com Uassamba, não poderás fazer. Serás homem casado, terás de trabalhar para lhe dar de comer. Nem luta nem estudo, nada. Só Uassamba. Até quando? (PEPETELA, 2013, p.79).

O trecho é uma recomendação do comandante Mavinga para que Ngunga se intelectualize; considerando intelectualizar-se ser conseguir fazer uso da razão de forma metódica para refletir sobre suas experiências e sobre a realidade social, além de ter acesso a realidades inspiradoras para alcançar o que se almeja. Por seu turno a empiria, a qual Ngunga ao final do livro já possui alguma, é essencial para evitar uma alienação intelectual, não obstante, a falta do filtro intelectual pode transformar o indivíduo em um prisioneiro dos

instintos, como Ngunga estava disposto a fazer se não fosse a interferência de Mavinga e da própria Uassamba.

*As Aventuras* foram publicadas em 1973 com o propósito de chegar a crianças e jovens em fase de alfabetização e guerrilheiros que buscam aprender a ler e a escrever, localizados na frente leste.

Aí, eu estava na frente leste, portanto na província atual do Moxico, Cuango-Cubango, ao longo do rio Cuango, e apercebi-me que as escolas do MPLA só havia aqueles manuais, que nos tínhamos feito, para ensinar português, manuais de história, e às vezes nem chegavam às pessoas da fronteira. Além disto, havia as pessoas, que não eram só as crianças, mas os guerrilheiros, que apreendiam a ler, mas tinham muito pouca literatura e não podiam desenvolver o hábito da leitura, senão naqueles mesmos livros sempre. Então, resolvi escrever uns textos que fossem uma espécie de complemento aos livros que no fundo, como tinham sido eu que tinha feito quase todos os manuais das primeiras classes do ensino que estavam sendo utilizados, eu sabia mais ou menos o que faltava. Então comecei a escrever alguns textos daquilo que a realidade me ensinava. Daquilo que eu apreendia da realidade imediata e eu via que eram mais necessários (MARCON, 2005, p.257).

Antes mesmo da libertação acontecer, o CEA, financiado pelo MPLA, produziu material de alfabetização para os guerrilheiros que tinham inspiração no método de alfabetização de Paulo Freire e no manual cubano de alfabetização (SOUZA, 2019, p.53). A escolha foi realizada pelo motivo de não reduzir a alfabetização apenas a uma formação instrumental ou técnica, há o desejo de forjar uma ética comum, de criar uma consciência política. São esses os manuais mencionados por Pepetela na resposta a Marcon, os quais escreveu entre 1964 e 1969 quando estava na Argélia antes de integrar a guerrilha do movimento no último ano do período citado. Portanto, *As Aventuras de Ngunga*, como o próprio autor afirma, é o complemento de uma educação libertadora, por conseguinte, traz em seu cerne os ideais defendidos na carta do Centro de Estudos Angolanos.

### ***Mayombe***

*Mayombe* é uma trama que se passa no pedaço da floresta de Mayombe ocupada pela província angolana de Cabinda em pleno período de luta pela emancipação. Um grupo guerrilheiro do MPLA, comandado por Sem Medo, é o protagonista do romance. Essa obra também traz a preocupação com o tribalismo, todavia, o foco não é o mesmo de *As Aventuras*, não questiona algumas tradições e suas afinidades eletivas, socialmente deletéria, com o

capitalismo, como no caso do presidente Kafuxi e da venda de Uassamba. O alvo, dentro do tribalismo, é o combate à rivalidade étnica, entendida como o principal empecilho para criar a comunidade imaginada e assim caminhar para utopia.

De fato, existe na Base uma tensão forte entre o grupo de homens de origem kimbundo e os de origem kikongo. Os dois grupos desejam a ruptura entre o Comandante Sem Medo (kikongo) e o Comissário Político (kimbundo), porém, ambos os responsáveis são grandes amigos e não se veem condicionados pelo problema tribal. (OLIVEIRA; PAIVA, p. 3418).

Quanto à luta pela independência, ela é travada, no entanto, o trabalho de convencimento da necessidade dela se dá apenas junto à população e o mais empenhado nesta missão é Comissário.

-Vocês ganham vinte escudos por dia, para abaterem as árvores a machado, marcharem, marcharem, carregarem peso. O motorista ganha cinquenta escudo por dia, por trabalhar com a serra. Mas quanta árvores abate por dia a vossa equipa? Umas trinta. E quanto ganha o patrão por cada árvore? Um dinheirão. O que é que o patrão faz para ganhar esse dinheiro? Nada, nada. Mas é ele que ganha. E o machado com que vocês trabalham nem sequer é dele. É vosso, que o compram na cantina por setenta escudos. E a catana é dele? Não, vocês compram-na por cinquenta escudos. Quer dizer, nem os instrumentos com que vocês trabalham pertencem ao patrão. Vocês são obrigados a comprá-los, são descontados de vosso salário no fim do mês. As árvores são do patrão? Não. São vossas, são nossas, porque estão na terra angolana. (PEPETELA, 2013, p.35).

Por seu turno, os guerrilheiros não precisam ser convencidos da necessidade do rompimento dos laços de submissão com Portugal, nem sequer tem relevância entre eles tal tema; é uma autoevidência tão grande que dispensa qualquer defesa. A luta pela independência, como prognostica a carta do CEA, é encarada como sendo somente um primeiro passo, além de ser compreendida como uma fatalidade; a preocupação é sobre o pós-emancipação.

Organizados contra um inimigo comum e mais poderoso, os guerrilheiros devem vencer também os fantasmas deixados como herança pelo sistema colonial : o racismo, o tribalismo, o regionalismo como conflito. O “tuga”, como eram chamados os portugueses, já não tem sequer estatuto de personagem essencial. Como uma espécie de figuração é só uma sombra que corta o caminho dos guerrilheiros. Embora a situação da guerra colonial seja evidente no texto, o romance, escrito mesmo nos intervalos do combate por um escritor fisicamente empenhado na luta, avança no tempo e refere-se a problemas que virão depois (CHAVES, 1999, p.222).

Ao longo do romance os diálogos entre as personagens e a narrativa do narrador onisciente cedem lugar para que personagens falem diretamente ao leitor, realizando o equivalente no teatro de quebrar a quarta parede. Por meio desse processo o leitor entra em contato com os anseios de parte do elenco. Esses discursos em primeira pessoa possuem em comum a convicção de que a independência de Angola é essencial e ao mesmo tempo em que práticas sociais do período colonial não irão embora com o colonizador, pois, ou são defendidas por alguns narradores ou são percebidas por outros narradores no comportamento de seus companheiros de armas.

A refletir essa pluralidade, encontramos uma multiplicação de narradores que dividem com o narrador titular a tarefa de dar a conhecer as fases e as faces da luta, ou seja, o narrador titular cede espaço a outros que se identificam e, assumindo o discurso, narram em primeira pessoa as suas preocupações e angústias. Em seus monólogos, evidencia-se a convicção da sua ruptura com o projeto colonial; cada um sabe e afirma o seu pertencimento a um universo que não está contemplado no conceito de província ultramarina. A experiência da incorporação ao Império por tanto tempo, no entanto, deixou uma complicada herança. (CHAVES, 2009, p.132).

Por meio desses discursos ou desabaços das personagens, Pepetela transforma sua obra em uma espécie de ágora, faz o leitor se comunicar com o tribalista, com marxista ortodoxo que em nada transige e com o mestiço que não possui lugar nenhum dentro da mentalidade tribalista. Entre os objetivos desse procedimento na obra está em colocar o leitor a par dos desafios a serem superados, que estão muito além da presença do colonizador, e, em acréscimo, apontar que o nacionalismo ou a comunidade imaginada é o meio de superação desses imbróglis, ou nas palavras de Abdala Junior “a ideia de um estado-nação que contemplasse dialogicamente a diversidade dos povos angolanos” (2009, p.175). Não se trata de aceitar sectarismos como o tribalismo ou a intransigência de teóricos em relação aos comportamentos que julgam incompatíveis com a revolução, mas a defesa da necessidade de ouvir para compreender e para empreender a superação dessas ideias, pois, a intenção é repudiar a ideia e não o indivíduo; do contrário não haverá a comunidade imaginada, e sim guerra civil, pois, todos são angolanos. Não há uma casa para aonde retornarem, como no caso do colonizador. De todos os sectários tribalistas, Milagre é de longe o militante mais ferrenho.

A minha terra é rica em café, mas o meu pai foi um pobre camponês. Eu só fiz a Primeira Classe, o resto aprendi aqui, na Revolução. Era miúdo na

altura de 1961. Mas lembro-me ainda das cenas de crianças atiradas contra árvores, de homens enterrados até o pescoço, cabeça de fora, e o trator passando, cortando as cabeças com a lâmina feita para abrir terra, e dar riquezas aos homens. Com que prazer destruí há bocado o buldózer! Era parecido com aquele que arrancou a cabeça de meu pai [...].

E eu fugi de Angola com a mãe. Era miúdo. Fui para Kinshasa. Depois vim para o MPLA, chamado pelo meu tio, que era dirigente. Na altura! Hoje não é, foi expulso. O MPLA expulsa os melhores, só porque eles se não deixam dominar pelos kikongos que o invadiram. Pobre MPLA! (PEPETELA, 2013, p.34).

Ao longo de outras falas de Milagre e em outros trechos de diálogo direto com o leitor, percebe-se que este personagem considera o seu grupo étnico o mais prejudicado pela colonização e a vanguarda da revolução, sendo assim, tanto por reparação quanto por merecimento merece ser privilegiado no estabelecimento da nova nação. Entretanto, ao longo do romance, fica patente que o que mantém a eficiência do grupo é a solidariedade entre os indivíduos de diversas etnias e os mestiços. Com isso, fica evidenciado que a defesa do tribalismo não é o cuidado com a tradição ou a busca em preservar uma identidade, e sim o desejo de ocupar o espaço do colonizador. É por meio de Milagre que Pepetela demonstra a afinidade íntima do tribalismo com o capitalismo e com a colonização, assim como estes, aquele legitima a submissão e a tutela do outro, muitas vezes até lançando mão dos mesmos argumentos.

[...] É verdade que todos os homens são iguais, todos devem ter o mesmos direitos. Mas nem todos os homens estão no mesmo nível; há uns que estão mais avançados que outros. São os que estão mais avançados que devem governar os outros, são eles que sabem. É como as tribos: as mais avançadas devem dirigir as outras e fazer com que estas avancem, até se poderem governar (PEPETELA, 2013, p.47).

Ou seja, ao longo da trama, os argumentos tribalistas, encarnados em Milagre, revelam-se ao leitor como pretextos para obter benefícios particulares e para estabelecer a hegemonia de um grupo social em detrimento dos demais.

[...] Dessa forma, após analisarmos cinco dos principais narradores de primeira pessoa de *Mayombe* (2013), pudemos concluir que acima do tribalismo, e da mestiçagem existem fatores mais determinantes para os conflitos sociais e problemas que atravancam o avanço da Revolução em Angola, como a ambição pessoal e o desejo de poder (OLIVEIRA; PAIVA, p. 3419).

Outra justificativa para a defesa da comunidade imaginada pretendida pelo CEA em oposição à concepção tribalista, é a necessidade em superar o sectarismo para abrigar, no mundo a ser erigido, os não encaixados na ordem étnica. Na trama, a personagem a encarnar os mestiços é Teoria, o professor do grupo guerrilheiro.

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Talvez não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros, o Mundo é geralmente maniqueísta (PEPETELA, 2013, p.14).

A construção do novo homem também é abordada em *Mayombe*, a personagem símbolo dessa construção, na obra, é Comissário. A exemplo do que acontece com o protagonista de *As Aventuras de Ngunga*, Comissário não chega a se tornar esse novo homem, porém, tal como Ngunga, conscientiza-se da necessidade dessa transformação e passa a persegui-la. Seu ponto de partida é o extremo oposto do de Ngunga, este parte da empiria e da observação direta e, ao não conseguir engendrar uma solução para as injustiças vividas e presenciadas, conclui que precisa estudar para ampliar seu entendimento e, assim, ter condições de contribuir para a construção de uma sociedade melhor: a comunidade imaginada; aquele, por seu turno, é um intelectual do partido e por isso possui o ímpeto de saber como o futuro será e como deve conduzir os homens para ele, entretanto, sua convivência com os guerrilheiros revela a ele que os homens e as situações são mais complexos e ambíguos do que o pretendido em suas teorias. Com isso, aos poucos, Comissário deixa de ter a atitude de um professor e assume mais e mais a de aluno, ou de Ngunga, percebe que sua formação é incompleta e vê na convivência com os demais o meio de sanar a deficiência.

[...] Desde o princípio da narrativa, aqui e ali, aparecem pequeninos sinais da transformação em processo do Comissário, o qual vai se dando conta, pelos choques que sofre, de que a realidade não corresponde exatamente aos nossos sonhos, nem mesmo a realidade de uma luta de libertação nacional, e de que, ainda lutando para erigir o projeto libertário em realidade, não há nenhuma espécie de garantia de que o sonho vá-se transformar em realidade plena (RUIVO, 2009, p.244).

*Mayombe* tem a intenção de apresentar ao leitor os vários entraves que podem inviabilizar o futuro de Angola: tribalismo, intransigência ideológica, rivalidades pessoais e ambição individual. Além do nepotismo, “Há outros no exterior, com suficiente experiência, mas como são primos de tal ou tal responsável, não podem vir para a guerrilha. Os que não têm primos é que aguentam...” (PEPETELA, 2013, p.68). Advoga não a expulsão dos que ainda não estão em sintonia com a comunidade imaginada que levará à utopia, e sim o entendimento de suas disposições e motivações com o intuito de as superar, para trazer os divergentes para dentro da convergência. Para além do raciocínio lógico de que a saída do fator de união de toda essa diversidade contraditória, o combate ao colonizador, o país, uma vez liberto, pode mergulhar em guerra civil; pois, pelo fato de Angola ser retardatária na conquista da emancipação no continente africano, Pepetela pôde observar a recorrência em várias nações africanas a obtenção da independência ser sucedida por uma guerra fratricida. Portanto, o autor pretende buscar uma maneira de evitar a entrada de Angola para esse quadro comum da geopolítica do continente. E o caminho apresentado para triunfar sobre as ações e as mentalidades refratárias é a causa em comum. Esta inicialmente é a luta de libertação de Angola.

[...] ao final da história, durante um enfrentamento entre os combatentes do MPLA e os soldados portugueses, o tribalismo é superado simbolicamente. Os combatentes dão a vida para salvar a de outros, independentes das rivalidades étnicas existentes. Desse modo, o livro termina com uma espécie de ritual que instaura o fim do tribalismo através da luta contra o colonizador. Abre-se como possibilidade de leitura, por essa perspectiva, outro catalizador da experiência que não seja as afinidades tribais, pois a morte do kikongo Sem Medo para salvar um kimbundo cria, nos demais combatentes, a consciência da necessidade de se estabelecer o princípio da nacionalidade como elemento da experiência comum. Sob seu cadáver se cria uma espécie de pacto nacional entre as personagens “representantes” das várias “etnias” que vivem no território angolano e que lutavam nas filas do Movimento para Libertação de Angola (MELO; RAMOS, 2011, p.179).

O sacrifício de Sem Medo para salvar Comissário também assinala a transição para a próxima fase, a que virá após a independência em relação a Portugal. A etapa seguinte é a construção da nação que ocupará o lugar de força aglutinadora, até então pertencente à luta pela emancipação.

As vozes narrativas das personagens de *Mayombe* são círculos concêntricos ou ondas concêntricas que se expandem (com regiões de turbulências, é verdade) para conformarem um círculo maior da unidade nacional angolana. Esta se mostra, assim, como um produto dialético não só de confluências que



levam à copa unificadora, mas (por ser dialético) também das diferenças de matizes dessas copas, já que os troncos das árvores são específicos (ABDALA JR., 2007, p.265).

Dessa forma, as diferenças, sejam elas étnicas, ideológicas ou de temperamento, deixarão de ser fonte de ruptura e segregação para tornarem-se particularidades do ser angolano.

Minha leitura é a de que *Mayombe* trata de duas transformações entremeadas e indissociáveis. De um lado, a transmutação de sentimentos “tribais”, que conduzem a dissensões internas e ameaçam inviabilizar a guerrilha, em um sentimento de pertença nacional. De outro, a criação do “Novo Homem”, cavalo de batalha do terceiro-mundismo revolucionário, que se desenrola no plano individual mas implica a possibilidade de uma dramática reorganização social (FIGUEIREDO, 2012, p.369).

Comissário é anunciado como a liderança dessa próxima fase, construção da comunidade imaginada, assim como Sem Medo foi da fase da luta armada contra o colonizador. No entanto, todos os que sobreviveram, por meio do aprendizado com o martírio de Sem Medo, encaminham-se para ser o novo homem, olhar como a um igual seu todos os angolanos, passo primeiro para essa transformação crucial.

### ***Pedagogia do Oprimido e as obras de Pepetela durante a guerrilha***

No trecho deste subcapítulo que trata da obra *As Aventuras de Ngunga*, Pepetela afirma a Marcon que criou a referida obra com o intento de complementar os manuais de alfabetização do MPLA, os quais ele mesmo participou da elaboração, pois percebeu que não havia literatura acessível. Esses manuais são inspirados no método de Paulo Freire, por conseguinte podemos estender essa característica à obra citada, e acreditamos que o mesmo vale para *Mayombe*; dessarte, ambas estão, portanto, imbuídas da mesma intenção dos manuais de alfabetização. À vista disso, algumas definições de Freire, encontradas em *A Pedagogia do Oprimido*, são úteis para apreender a intenção de Pepetela com as obras.

As duas obras do romancista transmitem para a ficção literária a concepção de educador-educando, buscam evitar a prática da educação bancária. Nesta, o educador é sempre o que sabe e o educando o que não sabe, não há diálogo, e sim dissertação. Dessa forma os educandos são vasilhas a serem preenchidas pelo educador (FREIRE, 2016, p.104). Esta é a educação conveniente ao opressor por se destinar a moldar a mentalidade do

oprimido à situação vigente e não em contribuir para a transformação de tal situação. Para a construção da comunidade imaginada ideada no CEA é preciso estar ciente de que “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2016, p.120). É exatamente o que ocorre com Ngunga e com Comissário em suas respectivas tramas. Em suas trajetórias aprendem muito, amadurecem, no entanto, não deixam de perceber contradições e inconsistências, apenas absorvem as experiências e as explicações após elas passarem pela clivagem de suas consciências.

Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador (FREIRE, 2016, p.120).

E no diálogo, ou seja, na aceitação do fato de que o educando tem algo a contribuir é que Ngunga repreende o professor União por mandar Chivuala embora, após este ser pego mentindo, pois, na opinião do personagem, se persevera-se com o aluno, ele poderia mudar (PEPETELA, 2013, p.42). Este também é o motivo de em *Mayombe* algumas personagens quebrarem o equivalente à quarta parede e dialogarem diretamente com o leitor; visto que os homens educam-se entre si, mediatizados pelo mundo.

Em *Mayombe* (2013), Pepetela cria personagens-tipos que representam as diferenças étnicas-culturais-tribais existentes em Angola, transferindo para o microcosmo da base militar no mayombe a pluralidade de identidades que compõem a sociedade angolana. Além disso, dá voz aos diversos sujeitos representados, conferindo-lhes o poder da narrativa, fazendo com que a história seja observada de perspectivas múltiplas. Esta construção multidiscursiva articula as diferenças sociais, desnudando as tensões geradas neste espaço de negociação cultural, denominado por Bhabha (1998) de “terceiro espaço” (OLIVEIRA; PAIVA, p. 3412).

Outro ponto em comum, claramente defendidos nos romances, com o do educador brasileiro é a necessidade dos indivíduos conscientizarem-se e de cada vez mais aprofundarem-se nessa busca.

Na verdade, porém, não é a conscientização que pode levar o povo a “fanatismos destrutivos”. Pelo contrário, a conscientização, que lhe possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita os fanatismos e o inscreve na busca de sua afirmação (FREIRE, 2016, p.54).

Em *As Aventuras de Ngunga*, o protagonista descobre a importância da conscientização para deixar de ser objeto para tornar-se sujeito e assim poder contribuir para a melhoria da sociedade. Em *Mayombe*, Lutamos é admoestado por Sem Medo por não ver valor no conhecimento:

- Tu, Lutamos, és um burro! – disse Sem Medo. – Quem não quer estudar é um burro, o Comissário tem razão. Queres continuar a ser um tapado, enganado por todos... As pessoas devem estudar, pois é a única maneira de poderem pensar sobre tudo com a sua cabeça e não com a cabeça dos outros. O homem tem de saber muito, sempre mais e mais, para poder conquistar a liberdade, para saber julgar. Se não percebes as palavras que eu pronuncio, como podes saber se estou a falar bem ou não? Terás de perguntar a outro. Dependes sempre de outro, não és livre. Por isso toda a gente deve estudar, o objetivo principal duma verdadeira Revolução é fazer toda a gente estudar (PEPETELA, 2013, p.75).

Tanto em Freire quanto em Pepetela, a conscientização busca a práxis.

O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma *coisa* que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo (FREIRE, 2016, p.118).

O autor brasileiro sugere uma forma de contribuir para a práxis.

O que temos de fazer, na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta não só no nível intelectual, mas no nível da ação (FREIRE, 2016, p.146).

Este é o caminho seguido por Pepetela em *As Aventuras de Ngunga* e em *Mayombe*. Nas obras, apresenta uma gama de comportamentos que são inconciliáveis com a comunidade imaginada, entre elas: a compra de esposas em *As Aventuras* e o tribalismo de Milagre em *Mayombe*, além da ganância individual presente nas duas obras.

A fé nos homens, posição defendida em *A Pedagogia do Oprimido*, está no cerne das ficções do escritor angolano, “Não há também diálogo se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de *ser mais*, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens” (FREIRE, 2016, p.138). Isto pode ser

observado na progressiva conscientização de Comissário e de Ngunga ao longo dos seus respectivos enredos. Também no episódio em que Ngunga repreende professor União por mandar embora Chivuala e idem no desmonte, pelo enredo, do discurso de Milagre tentado legitimar a supremacia de sua etnia sobre as demais.

O discurso de Milagre, como demonstrado no espaço deste subcapítulo dedicado a *Mayombe*, mimetiza o discurso do colonizador, apenas substituindo o europeu por sua etnia. Ao fazer Milagre defender sua tese em diálogo direto com o leitor, evidentemente, Pepetela não tenciona corroborar sua concepção. Ela vai contra os pressupostos defendidos na carta do CEA e incensados nos dois livros. O propósito maior é levar o leitor que se identifica com Milagre a perceber, por meio do contexto apresentado no romance, a contradição que é tal pensamento, a realizar que está internalizando o ideal do colonizador, cuja única diferença é que ocupa o papel de opressor. Sendo assim, fazer com que se dê conta que oprimido que hospeda em si o opressor só poderá se libertar de tal condição se tomar consciência dela, pois seu ideal também é ser homem, porém, para o oprimido que hospeda o opressor, ser homem é ser opressor (FREIRE, 2016, p.65).

A contradição entre o ideal da emancipação e da mentalidade de Milagre é destacada para que ocorra a superação desta. “O empenho dos humanistas, pelo contrário, está em que os oprimidos tomem consciência de que, pelo fato mesmo de que estão sendo “hospedeiros” dos opressores, como seres duais, não estão podendo ser” (FREIRE, 2016, p.145).

Quanto à outra intenção, ela consiste em afirmar a fé no ser humano, mesmo contraditório e não afinado com a comunidade imaginada, em menor ou maior grau isto pode ser aplicado a todas as personagens, os indivíduos em diálogo e em comunhão podem superar-se e realizar o inédito viável de Paulo Freire.

Há um acréscimo em *Mayombe* que não se faz presente em *As Aventuras de Ngunga*, a arrogância dos que ocupam o papel de intelectual por conhecerem profundamente, em relação à maioria, teorias marxistas. Colocam-se em uma posição superior, inviabilizando o diálogo, e caindo no erro de dar vida à educação bancária. Pepetela defende o que Freire chama de humildade “Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A *pronúncia* do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. [...] Como posso dialogar se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?” (FREIRE, 2016, p.137).

A figura símbolo dessa arrogância é Mundo Novo, entretanto, Comissário possui vestígios dessa característica, no entanto, ele vai perdendo tais traços ao longo do enredo. Porém, enquanto ainda mantém esse atributo, Sem Medo o repreende. “Uma coisa, por

exemplo, que me põe doente é a facilidade com que vocês aplicam um rótulo a uma pessoa, só porque não tem exatamente a mesma opinião sobre um ou outro problema” e continua:

Por que fazes parte de um grupo: os futuros funcionários do Partido, os quadros superiores, que vão lançar a excomunicação sobre os heréticos como eu. “Vocês” representa todos os que não têm humor, que se tomam a sério e ostentam ares graves de ocasião para se darem importância... (PEPETELA, 2013, p.110).

A arrogância de Mundo Novo se dá mais pela verbosidade, já a do Comissário tem o aspecto de alienação, não se dá conta da sua dificuldade em dialogar. Isso fica evidente em sua relação com sua noiva, Ondina. Uma das possibilidades da personagem Ondina é que ela seja a representação do povo. O Comissário não consegue atender suas necessidades afetivas e, em grande parte do livro, nem sequer percebe essa sua incapacidade, não nota a falta de sintonia entre eles. A insatisfação com o noivo frustra Ondina a tal ponto que a leva a se relacionar com o fisiológico, porém carismático, André, e essa infidelidade culmina no rompimento do noivado por parte da noiva.

Utilizando termos empregados por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*, seguramente podemos afirmar que ambos os romances, escritos enquanto Pepetela estava integrado na luta armada, objetivam superar *situações-limites*: o sentimento de que a história é pré-determinada, de que não resta mais nada a fazer a não ser resignar-se, pois, a situação em que se encontra não pode ser transformada. Contribuir para a criação do *inédito viável*: a superação crítica às situações-limites, problematizar a realidade em que se encontra para se indignar com as injustiças e as denunciar com o fito de despertar os demais e promover a busca de uma solução.

Enfim, os romances analisados neste subcapítulo estão imbuídos do mesmo espírito da mais conhecida obra de Freire, fazer com que o indivíduo não seja objeto de opressores e nem de autoproclamados revolucionários, e sim sujeito que participa da construção de novas possibilidades e diante disso criar a fraternidade e as condições necessárias para viabilizar a utopia.

O *inédito viável* é uma sociedade sem opressores, é, nas palavras de Carvalho, a proletarização dos hábitos e costumes. Dessa forma é crucial transcender as situações-limites do tribalismo, representado por Milagre, do dogmatismo, cuja expressão é Mundo Novo e do fisiologismo, simbolizado pelo personagem André. É justamente pela realização desse inédito viável que Sem Medo sacrifica-se, tal qual um educador educando ajuda a construir essa nova possibilidade, mesmo sabendo que dela não participará.

No romance, o Comandante reconhece em si mesmo os sinais de envelhecimento e procura preparar e possibilitar o surgimento do novo. Desejando ardentemente a independência angolana, não conseguia, contudo, conceber sua participação na nova nação, vislumbrar sua participação neste novo momento histórico que viria. Acima de tudo, com se vê, Sem Medo é o que prepara as novas condições e realidades, o que faz a ponte entre o passado e o futuro, mas que reconhece seus próprios limites, os limites de seu papel (RUIVO, 2009, p.243).

Em suma, tanto o brasileiro quanto o angolano perseguem uma sociedade e um sentimento de pertencimento diferentes dos até então existentes e que incluam todos de forma horizontal e não hierárquica. Em outras palavras, a utopia socialista de Pepetela, o estabelecimento do desenvolvimento social e da fraternidade social.

## Capítulo 3

### Apesar da desilusão, há esperança

Sei que a escrita de Pepetela continha, desde o primeiro livro, um sentido de nação, uma proposta de integração de tempos e espaços que, em geral, não transparecia tão vivamente na produção literária que fazemos em nosso país [...]

Os seus grandes romances sugerem uma continuidade entre gerações, uma harmonização de diferenças numa mesma totalidade. Esta urgência de pertença, esse contorno que contém e esbate diferenças é, afinal, Angola. A ideia de angolanidade está presente em toda sua obra mas de forma tão natural que não a condiciona ao ponto de vista literário. Pepetela está a escrever não sobre Angola. Ele está escrevendo Angola, essa que há mas não existe, a sonhada e a geradora de sonhos (Mia Couto 1999)<sup>3</sup>

#### 3.1 *O Cão e os Caluandas*: a desilusão

##### *O ambiente em que surgiu a obra*

A confecção da obra *O Cão e os Caluandas* durou de 1979 a 1983, começou a ser escrito no ano do falecimento do presidente Agostinho Neto e foi concluída no ano seguinte ao desligamento de Pepetela do governo, quando renunciou à pasta de vice-ministro da Educação. Esses dois eventos são determinantes para a apreensão do livro, entretanto, para aprofundarmos nosso discernimento sobre ele faz-se necessário esmiuçar-se sobre as disputas políticas geradas ou acirradas pelo vazio de poder gerado pela morte de Agostinho Neto.

Vidal define o período que vai de 1979 a 1983 como fase de afirmação de Eduardo dos Santos, o novo presidente de Angola (2016, p.818). Apesar de em 1977 o MPLA, partido único no poder, se declarar oficialmente marxista-leninista e por isso se alinhar à União Soviética, o partido possui duas grandes facções, sendo uma delas favorável a estabelecer relações com o mundo capitalista, além de adotar em Angola algumas de suas práticas. Nuno Vidal nomeia essas duas grandes alas de progressistas-socialista, alinhada à URSS, e de pragmática-liberal, adepta da adoção de alguns expedientes capitalistas. Portanto, o ambiente

<sup>3</sup> CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. Portanto... Pepetela. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p.82.

político angolano, por meio de partidários nativos, reflete em escala local a disputa global; fazendo, assim, de Angola uma das peças do tabuleiro da Guerra Fria (SILVEIRA FH, 2020, p.3).

Nas palavras do autor, os progressistas-socialistas são:

Em termos de economia política, advogavam uma luta cerrada contra as chamadas práticas contrarrevolucionárias, como o mercado negro, o absentismo, o desvio da produção e o não cumprimento das metas de produção, assim como uma maior cooperação política e econômica com ditos países progressistas internacionalistas do Bloco de Leste, especialmente Cuba e URSS. Esta posição era liderada por Carlos Dilolwa (ministro do plano e segundo vice-primeiro ministro).

Em termos de gestão política, defendiam um sistema determinado por critérios ideológico-revolucionários progressistas-internacionalistas, onde as posições estratégicas de topo do partido/Estado deveriam ser ocupadas por uma vanguarda versada na teoria marxista-leninista, empenhada na construção do Socialismo. Rejeitavam qualquer critério de peso demográfico (nacionalista) na aliança M'Bundu/Creolo no seio do MPLA, rechaçando as pressões da ala pragmática-liberal por uma base negra M'Bundu do poder (VIDAL, 2016, p.819).

E os pragmáticos-liberais:

Por outro lado, incrédulos em relação ao Socialismo marxista e defendendo essencialmente cultura e tradição, a ala oposta [...] sustentava em termos de política econômica uma posição mais flexível e pragmática, aceitando a organização econômico-política tal como vinha evoluindo, i.e. um oficialmente proclamado modelo socialista, mas aceitando e indiretamente suportando os esquemas de arbitragem entre mercados oficiais e mercados paralelos/informais (negócios privados), mantidos pelo sistema hierárquico de privilégios gerido pelo topo da liderança do partido/Estado.

Esta ala nutria um profundo descrédito pelas políticas comunistas de coletivização da terra e criticava a postura radical da ala socialista em relação à iniciativa privada. Em termos de gestão política do poder, a ala liberal apoiava um sistema de liderança “nacionalista” que respeitasse o peso demográfico de cada segmento da elite Mbundu/Creolo no interior do MPLA, mediante o qual, ainda que menos assimilados, do interior e genericamente menos versados em teoria marxista-leninista, poderiam finalmente atingir a primazia política, destronando a ala socialista intelectual/ideóloga, incluindo a sua base sociológica, que desde o tempo colonial fora relativamente privilegiada. (VIDAL, 2016, p.820)

Agostinho Neto fazia o papel de acolchoado entre cristais entre as alas rivais, porém sua morte acirrou o embate entre os antagonistas (VIDAL, 2016, p.821). Por isso, nessa política de mediação e conciliação, ao contrário da decisão de Moçambique, o governo



angolano aceita travar relações diplomáticas com o Brasil, permitindo o estabelecimento de um embaixador em Luanda.

Brasília – Através de uma nota oficial divulgada pelo Itamarati, o Brasil fixou ontem a sua posição diante da declaração de independência de Angola.

1 – Reconhece o Governo instalado em Luanda;

2 – Credencia o seu Embaixador especial em Luanda, Ministro Ovídio de Melo, para representá-lo nas cerimônias da independência, hoje, e designa-o como Encarregado dos Negócios em Luanda;

3 – Declara a sua disposição de não interferir nos assuntos internos do novo Estado independente, o que equivale a não tomar partido nas disputas travadas entre os três principais movimentos políticos angolanos: o MPLA, a FNLA e a UNITA (Jornal do Brasil, 11 de novembro de 1975, p.12).

Com o intuito de realizar uma limpeza no partido, de sanar o que o CEA em sua carta denomina fraqueza ideológica, a ala progressista-socialista, a qual pertence Pepetela, começou uma campanha de combate e denúncia à corrupção envolvendo estatais. Corrupção esta operacionalizada por membros da ala pragmática-liberal (VIDAL, 2016, p.830).

O novo presidente tomou medidas para inviabilizar as apurações ou providências para que as investigações existentes apresentassem conclusões inócuas. Com isso o próprio presidente se torna alvo da crítica da ala progressista-socialista, que tem seu auge em uma peça satírica em que é associado à corrupção e à vida opulenta graças à sua posição de poder (VIDAL, 2016, p.833). Esse procedimento é tomado por um caso de honra, de questionamento de autoridade.

Dentro de uma racionalidade patrimonial, ao contrário de uma racionalidade burocrática moderna, acusações de corrupção, desvios, roubos, etc. não têm grande impacto, nem para os visados, nem para a opinião pública em geral, contudo, ofensas pessoais (dramaticamente apelidadas em Angola de “faltas de respeito”), têm um efeito demolidor na imagem pública, sobretudo se o visado ocupa posições de chefia e liderança e não responde com dureza e firmeza, perdendo toda a credibilidade enquanto “Chefe”, incapaz de mostrar os principais atributos de um chefe – autoridade e força (VIDAL, 2016, p.833).

Tal qual Agostinho Neto, em 1977, Eduardo dos Santos realiza uma purga para se afirmar após ser contestado de forma tão incisiva. Não ocorreu o banho de sangue do revide ao nitismo, mas a retirada de cargos relevantes de quadros da ala progressista ao longo do aparelho do Estado e do partido foi ampla (VIDAL p.834).

Esse é o contexto de gestação de *O Cão e os Caluandas*, contexto esse que culminou com Pepetela desligando-se do governo, no final de 1982, após a derrota acachapante do seu grupo, progressista-socialista. Sendo assim, a obra expressa a desilusão do autor com o rumo tomado pelo governo e pela sociedade angolana. Todavia, o livro não trata da disputa entre as alas inventariadas por Vidal, e sim dos comportamentos e mentalidades que ainda continuam a inviabilizar a marcha para a utopia.

*O Cão e os Caluandas* são acontecimentos ocorridos com várias personagens moradoras de Luanda, os caluandas, nos primeiros anos da década de 80 cuja ligação entre elas é um cão pastor. Outro elemento em comum é o narrador, que não se identifica, que escreve no ano de 2002 e de um lugar chamado Calpe. Sobre esse local fictício, Marcon afirma “Calpe também é o nome imaginado de um lugar idealizado e, também como a data, parece muito distante dos acontecimentos narrados” (MARCON, 2005, P35). As personagens relatam ao autor, que só irá escrever a respeito no ano de 2002, o seu encontro com o cão, além destas, também há outras manifestações que documentam a presença do cão, entre elas, matéria de jornal e documentos burocráticos.

Em acréscimo, há uma narrativa que corre em paralelo e que parece não ser apresentada ao leitor pelo narrador que apura os relatos dos caluandas com o cão. Trata-se de uma quinta, nela, existe uma buganvília, a protagonista dessa trama à parte, e seu desenvolvimento é descrito por uma menina, filha do proprietário, em seu diário. Embora o enredo dos caluandas e o enredo da buganvília ocorram separados, existe uma relação simbiótica entre eles, pois, o progresso e a vitalidade da buganvília estão intimamente ligados às atitudes das personagens descritas pelo narrador de Calpe.

Como já anunciado, *O Cão e os Caluandas* é o livro da desilusão de Pepetela, não traz em si o tom de esperança triunfante encontrado em *As Aventuras de Ngunga* e de *Mayombe*. A narrativa dos caluandas é uma construção de como hábitos e costumes do dia a dia conservaram uma mentalidade que inviabilizou a utopia, em outras palavras, em como os conselhos e as defesas feitas nos romances anteriores foram ignorados. O cão, ou melhor, a relação dos caluandas com o cão denunciam essa mentalidade, esta revela definitivamente que não ocorreu a proletarização dos hábitos e costumes defendido pelo autor desde o seu primeiro livro, *Muana Puó*. “Ao se deslocar entre diferentes grupos e tipos sociais, o animal vai revelando cenas do cotidiano da cidade e fornecendo um painel da sociedade pós-independência” (SALGADO, 2009, p.267).

O fato de as possibilidades de tecer críticas à sociedade e ao governo terem se esvaído para os membros do governo provavelmente foi determinante para o afastamento de

Pepetela. Assim, livres das amarras com o MPLA, cuja gestão já não mais aninhava seus ideais, pôde expressar-se por meio da literatura sem sofrer represálias.

Neste ambiente é que surgiu *O Cão e os Caluandas*, concluído em 1983 e publicado em 1985. A obra em questão poderia ser considerada uma série de contos cujos elementos em comum são Luanda e a essência de seus habitantes, representados pelas diversas personagens, afinal, os vários enredos podem ser compreendidos se lidos separadamente. Entretanto, uma recorrência comum a todos, a presença do cão, dá unidade a esse conjunto, dessa forma, transformando os contos em capítulos.

### *Os parasitas*

A obra trata de ações de diversos indivíduos que não se furtam em lançar mãos de todos os meios para alcançar algum prestígio ou vantagem e os discursos ou palavras que remetem a uma coletividade são apenas pretextos para conquistar tais benefícios. Poeta é o primeiro personagem a surgir, é um jovem adulto e pedante por possuir uma escolaridade acima da média, vê a si mesmo como uma espécie de casta superior, apesar de viver à custa de sua mãe quitandeira, e por isso não está disposto a conseguir qualquer emprego, mesmo em um período de dificuldade econômica em Angola. Ocioso, vive a vadiar pela cidade, gastando o dinheiro da mãe e imaginando para si um grande futuro. Em uma dessas andanças encontra o cão que passa a acompanhá-lo. Neste mesmo dia, sua tia Alice indigna-se por encontrar o sobrinho à toa novamente e dando desculpas para não trabalhar “Menino, deixa de mentiras. Um rapaz novo, cheio de força, não tens trabalho? Não queres, masé. Uma vergonha! A tua mãe é que faz tudo” (PEPETELA, 2019, p.17) ao que o Poeta responde sem nenhum tipo de constrangimento “Ora, ela tem boa profissão, de quitandeira” (PEPETELA, 2019, p.18).

Quando tia Alice sugere o trabalho nas plantações de café, sempre a precisarem de braços, Tico, o Poeta, desdenha da sugestão por ser uma atividade que não está a sua altura “[...] eu sou rapaz da cidade. Com estudos, segundo ano do Liceu, um intelectual revolucionário... Até tenho um poema publicado no jornal” (PEPETELA, 2019, p.18). Tia Alice não desiste e menciona o exército e Tico também faz pouco caso dessa oferta, afirma que tio João Domingos já passou quatorze anos na guerrilha, lutou pela família toda (p.18).

Tia e sobrinho separam-se, cada um segue seu rumo, e Tico vangloria-se ao narrador sobre sua vitória no suposto debate com a tia. Em seguida, relata que foi a um restaurante e, com o dinheiro da mãe, comprou comida para o cão e cerveja para si. Ambos repetiram a dose

algumas vezes. Cansado, Tico dirige-se para praia para descansar, tendo o cão consigo, ao despertar da soneca, percebe que seu companheiro de vadiagem desapareceu. E revolta-se, sente-se explorado:

[...] abancou meu almoço, dormiu, quando acordou foi à vida. Sem despedir. Um parasita, um explorador. E eu, Tico, um intelectual revolucionário não fiz o tal poema que pensei (ao cão). O sacrista não merecia, continuava com mentalidade de burguês, inimigo de classe dum operariócamponês como eu, cinco séculos explorado. Filho de cobra é cobra! (PEPETELA, 2019, p.2019)

Cão apenas mimetizou o comportamento do poeta, entretanto, este não compreendeu a lição dada pelo cão que se comportou como ele em relação à mãe. Pôs-se na condição de explorado e se autodenomina operariócamponês, sendo que ao longo do conto não deixa escapar uma oportunidade de se colocar acima dessa classe.

No capítulo seguinte, a buganvília faz sua primeira aparição e temos acesso à escrita da menina sobre a buganvília, “A buganvília continua a crescer. Apareceu no alpendre ao lado da casa, mesmo por baixo do meu quarto e ninguém sabe como, o Antônio diz que deve ter sido cortada antes do pai comprar a quinta e ter ficado alguma raiz” (PEPETELA, 2019, p.23). Lucapa, o cão pastor que vive na propriedade tenta matar a planta incipiente, ela sente o golpe, porém não morre e continua a se desenvolver.

Após a estreia da buganvília na obra, Primeiro Oficial é o próximo a ser entrevistado pelo narrador, é uma espécie de funcionário público. Logo de início a personagem se mostra muito aberta, é do tipo que já naturalizou a corrupção, não mais distingue a coisa pública de assuntos privados. Começa reclamando da papelada burocrática e por isso prefere que a conversa seja gravada e não escrita, para em seguida, por conta própria, revelar ao entrevistador o seu esquema para conseguir engradados de cerveja de graça. Primeiro Oficial fala do esquema, que nada mais é do que um suborno continuado, com ar de esperteza e com orgulho de o ter providenciado. Sua atitude remete a um *ethos* de meritocracia, contudo, nesta vertente, a virtude é ser hábil em utilizar a burocracia e o bem público para obter vantagem para si.

Vai mais uma? Pode-se servir, tenho um esquema para conseguir as que quero. [...] Malandro, não é, o camarada também quer entrar no esquema. Seja! Lá na fábrica de cervejas tenho um cliente. Coisa de nada. O rapaz estava atrapalhado, precisava dum papel da Repartição, aí combinamos: arranjei-lhe o papel em dois tempos e ele passa-me. Grátis, grátis, claro. [...] Sem esse papelito, nenhuma transferência para o exterior e ele tem a mãe na

Melói, deve mandar-lhe dinheiro todos os meses. Compreende? Como eu mando no serviço, sim, mando no serviço, porque isto de ser primeiro-oficial é um cargo importante... Mais do que se pensa, nós somos os que ficamos na sombra, parece que não valemos nada, mas afinal nada se faz se não quisermos (PEPETELA, 2019, p.25).

Por fim, Primeiro-Oficial fala de seu encontro com o cão pastor. Afirma ao narrador que após pesar as vantagens em ter um cão daquele, decide o levar para casa para cuidar da propriedade e para fazer inveja aos vizinhos, pois, segundo sua convicção, só alguém em sua posição poderia ter um cão assim. Após o colocar o animal para dentro do terreno de sua casa, o batiza de Leão dos Mares. Porém, em pouco tempo irrita-se com a aquisição ao descobrir que o animal é bonachão e por isso não defende a casa. As crianças da rua pulam o muro para roubar frutas no jardim e o cão nada faz. Para o disciplinar, Primeiro-Oficial aplica-lhe um castigo, o deixa amarrado e quando um dos seus filhos manifesta contrariedade é agredido.

Veja lá! Na minha casa, não. Eu falo e o resto ouve. Quem traz dinheiro para a casa? Quando eles ganharem o seu sustento e tiverem mulher em quem mandar e bater, então aceito que venham comigo. Antes não, sou eu o chefe. Com este feitio enérgico é que subi na Repartição [...] (PEPETELA, 2019, p.29).

O autor da fala monetiza o direito a ter voz, o direito a discordar, além de voltar a misturar assunto privado com assunto público ao alegar que sua atitude firme o faz ter tanto a família quanto a repartição sob seu controle. Fala com orgulho de seu comportamento, quase um *self-mad man* dos labirintos burocráticos do Estado. Primeiro-Oficial, a representação do funcionalismo público e burocrático, manifesta os valores do tempo colonial que não pereceram com a independência; a grande preocupação do CEA, em sua carta, e de Pepetela, nas obras anteriores.

Não é de surpreender que o corolário do capítulo *O primeiro oficial* seja *A buganvília 2*, justamente a sua segunda aparição na obra que merece por parte da menina apenas um discreto relato. Ela se dedica mais a falar das suas férias, da sua amiga e de como a frutas da quinta, cultivadas pelos trabalhadores Bailundos, estão bonitas e boas. Somente no final há uma breve menção à buganvília: “A buganvília continua a crescer e um ramo já se agarrou a um arame do alpendre e sobe. Em breve dará flores. De que cor serão?”. Embora discreto, a segunda manifestação deixa transparecer a correspondência entre a prosperidade da quinta e a vitalidade da planta.

### *As xenofobias*

Somado ao costume de se locupletar com a coisa pública ou com o trabalho alheio, como nos dois exemplos anteriores, a xenofobia também é um hábito difundido na sociedade. Na obra de Pepetela, ela se manifesta com relação ao preconceito racial e de origem, em geral é evocada para mascarar ambições, legitimar alguma superioridade ou direito natural que estaria sendo desrespeitado, e para justificar atraso social ou civilizacional.

O título do primeiro capítulo a trazer tal tema foi batizado de *Luanda assim, nossa* e essa escolha parece afirmar tratar-se de uma prática corrente da população da cidade. O entrevistado do momento, que torna-se o narrador de todo o capítulo, recorda-se de quando e a forma do aparecimento do cão em sua casa. Contudo, o cão é transformado em tema secundário e acaba servindo de escada para o assunto realmente importante para esse novo narrador, criticar os forasteiros, em especial os malanjinos, “Estava eu na varanda de minha casa, ao frescor, em conversa mole com Malaquias, bom amigo apesar de malanjino (já aí volto), quando o cão pastor-alemão farejou para dentro do quintal” (PEPETELA, 2013, p.35). Não demora para o narrador explicar o motivo da sua inimizade com malanjinos, exceção feita a Malaquias. O motivo foi uma disputa no seio da igreja protestante pela hegemonia dessa vertente cristã, iniciada em 1957, nela, segundo o entrevistado os malanjinos pretendiam usurpar os direitos de controle dos nativos do Catete, região de Luanda, que na sua visão são equivalente a estrangeiros, quase invasores.

O entrevistado espria sua xenofobia para além da questão religiosa e dos malanjinos, traz a concepção de uma pureza racial e atribui toda sorte de atraso e mau funcionamento à conspurcação dessa pureza. Dessarte, a pureza racial é um paradigma moral e social para essa personagem.

Isto é uma Babilônia ingovernável, uma Torre de Babel. Os esgotos não funcionam, as ruas parecem queijos, as árvores imitam as ovelhas da Europa, tosquiadas rentes, os ratos confundem-se com coelhos, os passeios sujos, os prédios a feder de podres, a luz elétrica sempre com falhas, os jardins mortos. [...]. Não é possível: malanjino com ambaka e bailundo não dá. Só servem para estragar, sujar, não são civilizados. Daí vem o drama todo. Se me deixassem, expulsava daqui todos os não genuínos, todos, esses é que empestam a cidade. Ia ver que num mês Luanda era uma cidade orgulho nosso (PEPETELA, 2013, p.36).

Obviamente, o entrevistado não aceitou ficar com o cão, pois dentro de sua concepção, ele é um estrangeiro. Quem o adotou, ao menos temporariamente, foi Malaquias.

O capítulo seguinte, *Ata*, é uma ata de uma empresa econômica estatal sem nome identificado. O objetivo do documento é descrever a reunião cujo “Ponto único: crítica e autocrítica do Cda Venâncio”. O registro revela que camarada Venâncio, chefe dos armazéns, foi admoestado por não ter repreendido e nem denunciado camarada Adriano por furtar panos do armazém da empresa. Ele trás, também, a autocrítica do chefe dos armazéns.

Reconheceu logo que tinha culpa de falta de vigilância, porque quando começou a desconfiar do Adriano devia de ter avisado imediatamente a Direção [...]. Felizmente apareceu aquele cão pastor-alemão, anjo vingador, que corrigiu seu erro, ao se agarrar no pano cuja ponta andava a sair das calças do Adriano quando este pulou embora o muro da fábrica. Se não fosse o cão, até hoje que Adriano andava nas calmas, a fingir trabalhar e a roubar o suor dos operários, tudo por culpa dele Venâncio (PEPETELA, 2013, p.40).

Quando indagado do motivo de não ter denunciado Adriano, em sua resposta apresenta alguns e entre eles “Como todos viam, ele era branco. Que teve medo de lhe acusarem de colono, porque estava a avisar sem provas” (PEPETELA, p.40). Esse tema também é recorrente no capítulo do Primeiro Oficial ao referir-se ao seu superior.

E o chefe não diz nada. Sabe? É mulato, tem medo de mim que se pela. Por isso não abre os olhos, ou faz por fechá-los. Quando me chatear, acuso-o de pequeno-burguês e dica à pega com o resto dos funcionários. A coisa de que um mulato tem mais medo é de ser acusado de pequeno-burguês. Então não são? (PEPETELA, 2013, p28).

Em ambos os casos, Venâncio e o chefe do Primeiro Oficial, por não serem negros, por possuírem alguma suposta impureza, deixaram de agir. Ao menos a personagem do Primeiro Oficial conscientemente tira proveito desse preconceito arraigado na Angola independente.

Com relação aos mestiços, chamados de mulatos, que não possuem uma etnia única e por isso são vistos com desconfiança na sociedade luandense, há o capítulo *Entre judeus*. Um jovem escritor elabora um conto sobre um encontro marcante e o oferece ao autor do livro sobre o cão. O encontro foi em um bar com uma prostituta mulata, assim como ele, que inicialmente viu nele um possível cliente. Acredita que ele seja brasileiro e fala sobre o que os dois têm em comum.

Lá no Brasil não sei como é. Mas aqui nós os dois temos uma coisa em comum. A cor, sabes? Mulato é judeu de Angola. Ouí isso dum amigo poeta e gostei da ideia. Mulato-judeu-de-Angola! Os judeus sempre foram tipos que levaram de todos. Aqui é o mulato. Se alguma coisa corre mal, a

culpa é do mulato que estiver mais perto. Porque os negros têm a sua tribo, as suas grandes famílias, defendem-se. Mulato não tem tribo (PEPETELA, 2013, p.128).

Em seguida a essa declaração, o jovem escritor revela ser angolano e pobre, portanto, nada pode oferecer. A honestidade ganha a simpatia da jovem que decide continuar a conversa. É nessa conversa que surge o pastor-alemão. A jovem meretriz, batizada Judite pelo amigo de conversa, confia ao novo amigo que teve vários homens, porém nunca se apegou a nenhum deles. Fora uma boneca, o único ser que amou foi um cão pastor-alemão “Ia dizer-te que esse cão me apareceu – foi o único que apareceu – como o tal príncipe encantado. Um príncipe encantado disfarçado de cão” (PEPETELA, 2013, p.130).

Judite, como está explícita na primeira fala selecionada, sente-se desamparada, alguém sem família e sem lugar. O único ser vivo que por algum tempo a fez vivenciar algo diferente foi o pastor-alemão. Se o cão for tomado pela afinidade eletiva que levaria à utopia de Pepetela e do CEA, é ele o único caminho dos mulatos, dos sem tribo vierem a ter um lugar de pertencimento afetivo e social. Pois, se o sentimento primeiro de fraternidade for o de o território nacional, a nação passaria ser a grande tribo, a grande família. Entretanto, isso não aconteceu, ou pelos menos ainda não, e por isso o cão teve de deixar Judite.

A questão racial em Angola é uma permanência do período colonial, pois já em *Mayombe*, o mulato Teoria, professor da guerrilha retratado no romance, abordava o seu não lugar por conta da sua condição de mestiço. O tema é tão relevante e crucial ao ponto de ter servido de argumento para a revolta nitista em 1977.

Após assumir cargos diretivos no MPLA e transformar-se em Ministro do Interior e da Administração Interna, Nito Alves e seus aliados montam uma rede de contestação contra o que chamavam de desvios da direção. Os militantes que apoiaram esse grupo foram inflamados por um discurso racial crítico às chamadas “vantagens” destinadas aos brancos e mestiços. Tentariam derrubar o comando de Agostinho Neto, então presidente do MPLA e de Angola (BITTENCOURT, 1999, p.94).

Segundo Carlos Pacheco, ainda no século XXI esse argumento é evocado para permitir o acesso aos cargos mais proeminentes apenas “aos angolanos verdadeiros [entendidos como os naturais dos grupos étnicos dominantes]” (PACHECO, 2011, p.200).

Ao longo da obra o termo pequeno-burguês é utilizado com frequência e faz referência a comportamentos incompatível com os ideais da Revolução, mesmo quando quem acusa também não saiba dizer quais eles são. A expressão, em tese, é utilizada para referir-se a atitudes inadequadas como preconceito contra as classes mais populares, hábito de explorar



essas classes e incapacidade ou indisposição para assimilar o princípio da igualdade social. Contudo, isso é em tese, dado que ao longo do enredo inequivocamente a pecha pequeno-burguês é empregada não para denunciar ou corrigir uma conduta equivocada, e sim para demonizar um crítico, um rival ou alguém que está no caminho da ambição pessoal do acusador.

No capítulo *Lição de economia política*, um operário da Temex entrevistado pelo autor, que escreve sobre o cão, se refere assim ao diretor da fábrica:

Parece lhe apertaram as mãos lá no Partido, lhe chamaram de incompetente, o que é verdade, e ele agora está armar em durão. Quer aumentar a produção. [...] Então o plano é esse: esse ano produzir o dobro do ano passado. As contas são muito bonitas, isso é muito fácil também sei somar, aprendi na Alfabetização... Mas nem querem saber como aguentar com o calor da fábrica e estar sempre em pé. Por isso os meus colegas começaram a refilar o Diretor, tem de saltar não defende os nossos interesses. Ele era operário qualificado, virou pequeno-burguês. Querem um dos nossos, um genuíno operário como Diretor (PEPETELA, 2013, p.101).

Evidentemente, dentro do relato do entrevistado, ele é esse operário genuíno. Todavia, ao imaginar-se na função de Diretor não planeja ou cita alguma melhoria na fábrica para o bem estar dos trabalhadores como até então exigia dos superiores. Passa a pensar qual carro o partido irá lhe disponibilizar, um Lada ou um Fiat, e comenta sobre os vestidos novos que sua esposa começou a fazer, pois em breve será a esposa de um Diretor.

Em *O mal é da televisão*, um político do partido se enfurece ao ser questionado sobre o excesso de burocracia e a falta de efetividade do governo pelo mecânico Antônio Radiador.

- Isso já percebi há muito tempo. Na mecânica não pode haver desculpas. Ou o carro anda ou não anda. As mãos e a cabeça é que tem de consertar o que está estragado, não as palavras.

[...]

- Gostava mesmo que vocês mexessem um coche também com as mãos. Somos amigos, tenho o dever de dizer o que sinto. Quando os fenelas estavam aqui em Luanda, neguei arranjar os carros do Éme, qualquer hora que fosse? Cobrei alguma vez? Não roubei mesmo peças dos outros carros para consertar mais depressa os vossos? Nunca pedi nada em troca nem vou pedir. Por isso tenho o direito de dizer o que sinto e mesmo de dar conselhos. Curem-se dessa doença de reunite! (PEPETELA, 2013, p.46).

O político, contrariado, praticamente expulsa o amigo de sua casa e quando este sai, fala pelas suas costas: “Estes gajos, lá porque são operários, agora pensam que só eles

trabalham... Nem operário é. Biscateiro é operário? Nada. É dono dos instrumentos de trabalho, é pequeno-burguês” (PEPETELA, 2013, p.47).

Em todos os exemplos de xenofobia citados há uma rotulação ou a atribuição de identidade: mulato, forasteiro e pequeno-burguês. Essa rotulação não se reduz a uma simples diferenciação, pois “A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais” (SILVA, 2018, p.81). Nos casos escrutinados, as identidades são definidas dentro de uma classificação binária:

O filósofo francês Jacques Derrida analisou detalhadamente esse processo. Para ele, as oposições binárias não expressam uma divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa (SILVA, 2018, p.83).

### *O fio das miçangas*

Na primeira página do romance, o leitor encontra uma breve explicação do autor ficcional do livro sobre o que ele trata. Ela, a explicação, traz o título de *Aviso ao leitor*.

As cenas que se vão narrar passaram no ano de 1980 e seguintes, nessa nossa cidade de Luanda. No século passado, portanto. Século sibilino.  
[...] Os que conheceram o cão pastor-alemão deixaram os documentos escritos ou gravados [...] O pouco conseguido aí está e ficou guardado muitos anos na gaveta, por promessa feita a alguns dos informantes benévolos [...]  
Calpe 2002 (PEPETELA, 2013, p.15).

No parágrafo seguinte arremata: “Trata-se pois de estórias dum cão pastor-alemão na cidade de Luanda. Também trata-se de uma toninha, ser todo de espuma, algas como cabelos, que talvez só tenha vivido na minha cabeça. E na do cão, claro”.

No subcapítulo 2.3 deste trabalho afirmou-se que a afinidade eletiva pretendida para Angola pelo CEA e, portanto, por Pepetela foi concebida em oposição ao que considerava-se a afinidade eletiva capitalista: legitimadora de uma miríade de preconceitos, da exploração do homem pelo homem, da competição desenfreada entre os indivíduos e a rivalidade. Tendo isto em vista, já em sua carta de apresentação, o CEA defende a edificação de outra afinidade, oposta à capitalista, imbuída de uma ética socialista na qual a comunidade é o território

angolano. Porém, para esses intelectuais, para tal concepção vingar é vital sua associação com um modelo econômico socialista. Somente por esse caminho a proletarização dos pensamentos e dos hábitos torna-se plausível. É preciso trabalhar o campo dos valores, da subjetividade, na qual atua a literatura de Pepetela, mas também no campo material. A afinidade eletiva entre esses dois campos conduzirá, no futuro, à utopia.

Neste trabalho, o cão é compreendido como uma metáfora dessa afinidade, que também inclui os militantes e intelectuais que a defendem, e a utopia é a toninha, a qual o autor ficcional indaga se ela existiu fora de sua mente. Ao longo dos capítulos é impossível ao pastor-alemão permanecer junto com as várias personagens, isto ocorre por representar as ações e os valores para caminhar para a utopia. Portanto, o fato de não encontrar acolhida em nenhum lugar significa que tais valores e ações não têm lugar em Luanda.

Os capítulos da obra não se restringem a denunciar atitudes perniciosas e contumazes de indivíduos que podem ser tomadas por práticas sociais correntes em Luanda, examinando com mais acuidade, do conjunto dos capítulos emerge uma estrutura econômica e material afinada com a prática social deletéria denunciada.

No capítulo *Lição de economia política*, o mesmo operário da Temex que almeja o cargo de Diretor explica como faz para ter uma vida um pouco mais digna.

Eu cá não é dinheiro que me governa, não [...] Agora não é nada o salário, esse é melhor esquecer. Mas as latitas que cada um tem direito por dia e mais aquelas que cada um faz sair mesmo sem ter direito, essas é que dão. Vou com uma lata ao talho e troco por meio quilo de carne. Vou com uma lata à padaria e troco com o pão que quiser. Assim... Pró dinheiro, entrego umas latitas à mulher que vai vender no bairro. No mercado agora está ficar difícil, tem fiscais. Eles têm medo, fingem não veem, mas com esse deles nunca se sabe, um dia podem armar em vivos e dá maka. A minha barona é assanhada, nasceu mesmo pró negócio, ninguém lhe aldabra. Vende cada lata dez vezes mais caro que a fábrica vende ao comércio interno (PEPETELA, 2013, p.95).

Em *A buganvília 4*, a menina escreve em seu diário:

Ontem chegaram os dois tratores prometidos. Foi a festa na quinta. O pai veio à frente do cortejo na carrinha, a mostrar o caminho, e os dois tratores vinham atrás. Saímos todos a recebê-los no portão gradeado. Foram emprestados pelo diretor dum organismo estatal qualquer, não liguei quando o pai explicou à mãe. Parece que não é coisa legal, por isso o pai pediu silêncio absoluto sobre o assunto. Vão abrir o terreno para aumentar a horta. A mãe diz que a horta assim vai dar muito dinheiro. Vai ser preciso arranjar mais trabalhadores bailundos. O Antônio vai à terra para convencer alguns parentes a vir. Antes fazem outra cubata para os

novos. A quinta está a aumentar, qualquer dia é um verdadeiro kimbo (PEPETELA, 2013, p.61).

A partir da quarta aparição da buganvília começa a evidenciar-se o que a quinta, que a abriga, representa. Inicialmente aparentava ser um pequeno negócio familiar, no entanto, foi avolumando-se ao ponto de um punhado de bailundos<sup>4</sup> não darem mais conta. A ambição do negociante exige máquinas e mais homens. O pai da menina e sua propriedade representam a corrupção de grosso trato enquanto, em geral, as demais personagens são manifestações da corrupção a varejo. A primeira forma é uma expropriação privilegiada, o estado via corrupção e de forma ilegal fomenta empreendimentos privados sem obter nenhum retorno, a não ser para seus agentes. Assim, tal arranjo sustenta um aumento exponencial de poder e riqueza. A segunda forma é uma expropriação vulgarizada e de pequena monta, sua consequência é a melhora no estilo de vida e no que se põe na mesa, não vai além disso. Na primeira, ocorre o sequestro parcial do estado para favorecer agentes privados. Na segunda, o indivíduo age por conta própria, sua ação conta mais com a omissão do estado e seus agentes, e não com uma parceria com eles.

A quinta é uma alegoria de Angola e seu proprietário, da elite econômica que começa a despontar. A comparação com o regime colonial é evidente e o colono branco apenas foi trocado pelo explorador local, pois a situação dos trabalhadores rurais, os bailundos, permanece. Pela forma como Pepetela construiu sua narrativa, a independência de Angola teve um desfecho semelhante aos que se deram na América Latina mais de um século antes. A despeito de toda a esperança e ideais envolvidos, resultou em uma autonomia econômica de uma elite, que no caso de Angola se fez surgir, em relação à metrópole, no entanto, sem promover uma revolução ou ao menos um desenvolvimento social e, desse modo, contribuiu e continua a contribuir para a manutenção da situação social.

Em *A buganvília 4*, a menina apenas faz um curto comentário sobre a planta: “O Lucapa consegue dormi no alpendre, com a buganvília a crescer ao lado?” (PEPETELA, 2013, p.61). Não há, como nas oportunidades anteriores, a descrição do seu desenvolvimento. Não é preciso, pois o crescimento da quinta ou a forma com que a quinta se desenvolve equivale a descrever o progresso da buganvília.

---

<sup>4</sup> Bailundo refere-se a população do planalto central que durante o período colonial era recrutada para trabalhar em fazendas de colonos em torno de Luanda. Essa mão-de-obra era tão importante ao ponto de durante a luta de independência o estado português organizou grupos armados para proteger os bailundos durante as colheitas. Link: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/instrucao-de-combate-de-voluntarios-em-angola/>

“Por isso, a Buganvília representa o desenvolvimento de uma economia capitalista, além de uma política corrupta e desigual, que por mais que ocorram tentativas de impedir seu crescimento, ela volta a crescer e é nutrida pelas ambições de homens e mulheres que compõe a sociedade angolana” (SOUZA, 2019, p.2006).

O cão é a tentativa de destruir tal crescimento, nos capítulos dedicados à buganvília atende pelo nome de Lucapa, e tenta destruí-la quando começa a despontar. A escolha dessa planta para metaforizar o capitalismo ou a manutenção da ordem social anterior, apenas com uma roupagem nova, não é gratuita. A buganvília é um adorno comum nos jardins coloniais em África.

“Em todas as colônias, vemos esse *tableau vivant* cruelmente divertido: o cavalheiro burguês declamando poemas, tendo ao fundo um cenário de vastas mansões e jardins cheios de mimosas e buganvílias, e um grande elenco de apoio, lacaios, cavaleiros, jardineiros, cozinheiras, amas, criadas, lavadeiras e, sobretudo, cavalos”. (ANDERSON, 2008, p.210).

Quando a quinta e a buganvília surgem novamente, em *A buganvília 5*, a menina escreve em seu diário:

Parece que vão construir novos galinheiros. Ouvi o pai falar nisso e a mãe disse que se podia, desde que o negócio da camioneta estivesse resolvido. Porque é preciso uma camioneta para trazer as coisas e as rações para as galinhas e para depois levar os produtos da quinta para o mercado. Vai ser um grande negócio, diz o pai. [...] Mas é difícil encontrar camionetas para comprar. Parece que vai ser dada como morta irrecuperável num serviço do Estado e depois vendem ao pai as peças soltas e a carroçaria. Ele arranja um mecânico que repõe as peças todas juntas e aí está a camioneta. Mas não se deve falar nisso, senão descobrem o esquema e o amigo do pai que trabalha no tal serviço e vai dar a camioneta como morta pode ainda parar na cadeia (PEPETELA, 2013, p.75).

Obviamente, a buganvília fica ainda maior, “A buganvília continua a crescer para desespero de Lucapa. Ele já desistiu de lutar: olha só para ela como se fosse um fantasma” (PEPETELA, p.75).

No capítulo *Objeto: Relatório da bicha do Martal* trata de uma disputa popular para o recebimento de alimentos por parte do governo. Correu o boato de que haveria distribuição de bacalhau o que aumentou em muito o número de interessados, alguns chegaram mais cedo e colocaram pedras na enorme fila para marcar o lugar e quando voltaram perto do começo da distribuição descobriram que suas pedras foram desrespeitadas. Eis o motivo da briga popular e a necessidade de intervenção policial para dar cabo dela.

Em *Regressados*, como o próprio nome já diz, as personagens são jovens homens angolanos que viviam no Zaire, com a independência de Angola estabelecida voltam para a terra natal. Entretanto, possuem sérias dificuldades em estabelecer-se dignamente. Não conseguem moradia, por isso invadem uma casa abandonada. O médico do grupo, graduado no Zaire, não encontra caminhos para validar seu diploma em Angola. O indivíduo mais bem sucedido do grupo, ou o único bem sucedido, é o ladrão: quem teve a ideia de invadir a casa e quem põe comida na mesa.

No episódio tratado anteriormente, *Entre Judeus*, a jovem prostituta admite que a partida do cão se deu por conta de uma incompatibilidade existencial, devido ao fato da essência dele não coadunar-se com a objetificação do ser humano e nem com a monetização do afeto, “Ele percebeu não dava, estragava-me o negócio, abandonou-me. Para eu ser livre de fazer a minha vida” (PEPETELA, p.132).

Em o *Carnaval com Kianda*, o pastor-alemão intromete-se no carnaval. O capítulo evidencia o sequestro dessa manifestação popular pela política, principalmente pela bajulação política. O mote desse evento não é mais a diversão e a manifestação popular, e sim a adulação ao governo. Assim, a natureza do evento foi distorcida “Era uma mistura de marcha fúnebre com ritmo de carnaval” (PEPETELA, p.88). Esse sequestro novamente se repetiria se não fora a intromissão do cão; sua presença arruinou a seriedade bajuladora do espetáculo. Os integrantes das escolas tentavam de todos os meios o pôr a correr. Somente o grupo mais pobre e sem pretensões lisonjeiras ao poder, União Kianda da Corimba, aceitou bem a presença do cão. Brincou com ele e o fez integrar o grupo e o povo que apenas assistia à manifestação deixou sua posição passiva e efetivamente aderiu à festa ao ingressar no grupo União.

*Carnaval com Kianda* pode ser lido como um ataque ao alijamento do povo na participação social por parte do poder constituído. Aquele foi reduzido a mero espectador enquanto este tornou-se o protagonista e tudo deve ser voltado para o seu engrandecimento e não do povo. A irrupção do cão inverte a situação e devolve ao povo o seu papel de protagonista. Fato este duramente criticado pelos jornais nos dias seguintes.

No entanto, um ato que se pode explicar pela negligência pequeno-burguesa da organização, veio tirar o lustre a tão importante acontecimento cultural. Um cão, ao introduzir-se no meio dos grupos carnavalescos, impediu estes de mostrarem sua arte. E, sabe-se lá por que, não o fez com o “União Kianda da Corimba” [...] O “União Kianda”, sendo dos mais fracos, com uma canção corriqueira do dia-a-dia, foi assim o vencedor.

Outros grupos mais estruturados, mais corretamente trajados e, sobretudo, com canções de um conteúdo político, foram prejudicados (PEPETELA, 2103, p.90).

Em *Que raiva!*, um técnico em sanidade animal apresenta, em um memorando, uma proposta a ser realizada com urgência para evitar um surto de raiva canina na região de Luanda. A proposta é anunciar pelos meios de comunicação a necessidade dos proprietários de cães de os levarem para vacinar durante o mês de março, após essa data os animais encontrados sem coleira e sem vacina serão recolhidos e abatidos. A urgência se deve não apenas à iminência do surto, mas ao fato de a conservação das vacinas estarem em situação precária, por isso devem ser aplicadas o quanto antes. Em acréscimo, o tom é lisonjeiro ao superior, é cheio de mesuras, quase desculpando-se por ousar a sugerir algo.

O memorando, de 2 de fevereiro de 1980, recebe o parecer do Chefe de Setor, a resposta vem apenas em 15 de abril e após várias divagações políticas termina da seguinte forma:

[...] deixo a decisão à alta consideração e ao critério sempre isento e competente do camarada Chefe de Departamento.  
O mais importante é resolver os problemas do Povo!  
A luta continua!  
A Vitória é certa!  
(PEPETELA, 2013, p.118)

O parecer do Chefe de Departamento ocorre em 27 de junho, também vem recheada de ode à Revolução e sua conclusão não difere muito da feita pelo subordinado.

Mas como Diretor é para dirigir, envio à consideração do superior.  
O mais importante é resolver os problemas do Povo!  
A luta continua!  
A Vitória é certa!  
(PEPETELA, 2013, p.119)

E por fim, vem a determinação, porém em 5 de outubro, mais de oito meses após a comunicação da urgente demanda. O despacho do Diretor é curto e direto, sem os rodeios dos memorandos dos subordinados: “Não deve haver receio da opinião popular, se a decisão é justa. Autorizo. Acionar.” (PEPETELA, 2013, p.120). Por ser o topo da hierarquia em sua área, o Diretor não precisa bajular ninguém para não ser punido ou para conseguir aprovação. Contudo, todos os demais carecem desse rito.

O tom irônico com que a saga da autorização é descrita é um deboche sobre a rígida hierarquia da burocracia no estado angolano, nela, o indivíduo teme agir por conta própria, mesmo quando a situação exige, e para se precaverem sempre procuram a aprovação, mesmo que em detrimento da eficiência.

A saga da autorização para a medida sanitária revela que o único especialista no assunto é o técnico em sanidade animal, justamente a base dessa hierarquia, todos os demais parecem estar em seus cargos por ligações políticas e não por conhecimento técnico. Ao contrário do autor do primeiro memorando, os intermediários, o Chefe de Setor e o Chefe de Departamento, nada dizem sobre a questão sanitária, apenas refletem sobre consequências políticas e opiniões públicas que a medida pode gerar.

O técnico em sanidade animal declarou ser urgente pôr em prática a sua sugestão, tal não se deu e o que fora anunciado tem sua realização confirmada:

[...] As vacinas deterioraram-se, devido às más condições de conservação a que já fizera alusão na minha proposta; muitos dos quadros-operadores já arranjaram empregos noutros serviços que pagam salários mais elevados e até o cão pastor-alemão que o Cda Chefe de Departamento conhece deixou de aparecer na Mutumba há meses (PEPETELA, 2013, p. 121)

O técnico, ao informar a falta de condições de realizar em outubro algo que deveria ter sido efetivado em março, aproveita a oportunidade e apresenta algumas propostas para no futuro a situação não volte a suceder-se. Entretanto, por estar ao rés-do-chão da estrutura do poder, não é ouvido e seu esforço tem por resposta uma reprimenda e uma punição. Reprimenda e punição que andaram muito mais rápido que a autorização da medida sanitária; vieram, no despacho do Diretor, apenas dez dias após a resposta do técnico, “Anulo o meu despacho de 5 de outubro de 1980. Quando se fazem propostas, elas devem ser realistas e possíveis de aplicação. Censura registrada ao técnico-principal em sanidade animal” (PEPETELA, 2013, p.122).

Se Considerarmos o enredo desse capítulo uma parábola da administração estatal, pode-se constatar que os cargos de comando ignoram a qualificação técnica e os critérios para ocupá-los são outros. Se associarmos *Que raiva!* a outros capítulos, no qual é exposto a corrupção de agentes do estado, a denúncia de Pepetela assemelha-se à afirmação do historiador angolano Carlos Pacheco, “Socorrendo-me do conceito do filósofo argentino Jorge Garcia Venturini, direi que a direcção central do Estado está nas mãos dos piores, dos mais ineptos e corruptos, a chamada *kakistocracia* que engloba governantes, legisladores e juizes” (PACHECO, 2011, p.35).



Buganvília é a distopia de Pepetela e ao mesmo tempo a realidade que o autor enxerga em seu país. A afinidade desejada e defendida não prosperou. Pelo contrário, aquela que em suas obras anteriores combateu com afinco, além de não perecer com a revolução, adaptou-se muito bem à nova situação de Angola. A estrutura política-burocrática somada à escassez econômica validaram o individualismo, a disputa por privilégios e a corrupção em suas várias escalas. Estas em suas formas vulgarizadas, encarnadas nos demais capítulos, colaboram para legitimar a privilegiada, representada nos dedicados à buganvília, uma vez que passa a ser uma versão muito mais bem sucedida de práticas e valores comuns.

No contexto em questão, o falso converteu-se em verdadeiro; não há projeto, ou melhor, os projetos são todos individualistas, por mais que os apelos constantes ao coletivo tenham-se transformado em palavras de ordem, tornando-se, por isso mesmo, meros clichês (SALGADO, 2009, p. 268).

Esse meio ambiente criado pela afinidade deletéria é antagonista à afinidade metaforizada no cão pastor-alemão.

Em *Buganvília 8*, Xico o irmão mais velho da menina propõe ao pai investir na plantação de tomate para, no futuro, criar uma fábrica de extratos. O pai empolga-se com a ideia e deixa o projeto na mão do primogênito. Não por acaso, após a exposição desse próximo passo, a menina afirmar que a buganvília está ainda maior. Talvez se deva porque a implantação da fábrica irá seguir os mesmos procedimentos dos negócios anteriores. A planta exótica, que foi muito bem acolhida, cresceu ao ponto de matar uma trepadeira nativa de bagos vermelhos. Este fato irou a menina que pediu a Antônio, trabalhador bailundo e chefe dos demais, para vingar a trepadeira. Contudo, o pai interveio.

Pedi a Antônio para a cortar. O pai berrou que não. Eu disse que ela era voraz, matava tudo. O pai disse para a deixar, tocarem nela era o mesmo que tocarem nele.

A buganvília está quase a encher todo o alpendre. Para dormir lá, o Lucapa vai certamente arranhar-se e não vai gostar (PEPETELA, 2013, p.125).

Nas duas últimas intervenções da planta, *A buganvília 9* e *A buganvília 10*, a menina, que agora não parece ser mais tão menina assim, relata o progresso dos negócios e da planta. Por fim, registra o desaparecimento de Lucapa, o pastor-alemão, pois a buganvília ocupou em definitivo todo o alpendre não deixando ao cão nenhuma superfície para deitar-se.

Dessa forma, a obra narra o paulatino fracasso do cão em se estabelecer onde quer que seja em Luanda e arredores. O relato do seu desaparecimento é a derradeira derrota do cão

pastor-alemão frente à buganvília e a essência que encerra em si. Em *Epílogo*, temos acesso ao destino final do cão, partiu para o exílio, para a ilha do Mussulo, habitada por pescadores pobres, onde foi acolhido por um pescador idoso e foi viver seu malogro. No ostracismo, faz vários descendentes, que perambulam por toda parte, e, por fim, encontra pela primeira vez a toninha, a sua utopia, porém por ele ser da terra e ela do mar o encontro é furtivo, apenas uma curta troca de olhares.

*O Cão e os Caluandas* é uma série de miçangas unidas por um fio que dá unidade às peças separadas. O leitor pode perguntar-se se o fio é o cão, a ideia de utopia ou a vontade de caminhar para ela, entretanto, fica patente ao longo dos contos o quanto o cão se frustra e raramente encontra algum alento. Depara-se, na maioria dos casos, com atitudes antipáticas à sua índole. Isto posto, o verdadeiro fio que confere unidade aos caluandas é a buganvília. O que em princípio pode nos levar a crer que o elemento unificador seja o cão, em uma análise mais detalhada, torna-se notório que é apenas a presença física do cão que transpassa os vários enredos, o espírito é o da buganvília.

Todavia, não obstante a narrativa desoladora dos sucessivos desenganos do pastor-alemão, Pepetela não o mata e não encerra a sua obra de forma a dar a entender que esse foi o destino do animal. Pelo contrário, realiza uma reviravolta em sua obra. O narrador ficcional, apesar do capítulo intitulado *Epílogo*, apresenta ao leitor mais um capítulo, *Primeiro episódio: outra versão possível*.

No último capítulo do livro, ou no primeiro de uma revolução, ao qual o narrador chama de sonho, o cão já bem idoso e com poucos dentes decide voltar para a cidade de Luanda, pega o ferribote, Kapossoka, que liga a ilha de Mussulo à grande cidade. Ao desembarcar dispara para a quinta. Nela, encontra sua inimiga: a frondosa e exuberante buganvília.

Os olhos perderam a meiguice de longamente contemplarem o mar. Fulguravam agora, como os olhos dos que empunham a raiva da fome como estandarte. Atirou-se, rosnando contra o tronco descomunal.

A buganvília travou o desafio mudo das suas flores. Pôs todos os espinhos em riste, fincou bem as raízes na terra vermelha, apelou os tentáculos cravados na parede. O cão rugia, mordida, cavava com as patas, puxava com a boca. Um a um, os velhos dentes iam ficando incrustados no tronco nodoso (PEPETELA, 2013, p.160).

O único membro da família presente na propriedade no momento do confronto é um menino, neto do proprietário da quinta. Não fica claro se é filho da menina ou de Xico, entretanto, por simpatizar com o cão e não com a buganvília pode-se inferir que sua mãe é a

menina. Esse menino assusta-se com a violência da batalha e corre para chamar os trabalhadores bailundos. Estes, ainda liderados por Antônio, apresentam-se e assistem à luta. Vendo o desgaste do cão, o menino pedi a Antônio para o ajudar. Este hesita, mas com a insistência da criança acabar por agir.

O velho trabalhador coçou a carapinha branca, olhou os outros. A catana na sua mão, estava também na mão dos outros. Esquecida no côncavo da mão durante horas.

- Patrão velho fica bravo se tocamos na buganvília.

[...]

O velho, num salto e num uivo de ódio ancestral, fez cintilar a catana na noite que caía, desferindo um único golpe no tronco da buganvília. Fatal, o golpe razou o solo e cortou o tronco em dois. Os outros gritaram e avançaram para a raiz e arrancaram-na (PEPETELA, 2013, p.162).

Com o socorro dos bailundos, a buganvília é abatida e, após a vitória, o cão pastor-alemão rasteja até o mar, onde o sol nascente o encontra morto, fitando o horizonte em busca da toninha. O arremate do último capítulo, de fato, é a seguinte sentença: “E o meu sonho... se foi. Com ele começa a vossa fala” (PEPETELA, 2013, p.163).

Essa frase apresenta uma ideia que será trabalhada de forma mais demorada em *Lueji* e de maneira muito insistente em *A Geração da Utopia*: a geração que realizou a independência de Angola fracassou no projeto de transformação da mentalidade e da realidade social do país, malgrado isso, há uma esperança, o povo, as classes mais baixas e excluídas, unido a uma nova elite intelectual e política pode providenciar a verdadeira revolução.

Na última sentença do livro, parece ser a voz do próprio Pepetela, que ao deixar o MPLA viu o seu sonho de participar da proletarização dos hábitos e costumes desmoronar diante de seus olhos. Apesar de não mais ver em sua geração a capacidade de colocar a sociedade angolana no rumo da utopia, Pepetela não perdeu a esperança de que um dia isso possa acontecer. Por isso, a intenção de Pepetela com *O Cão e os Caluandas* é levar o leitor a questionar a situação angolana, a não se conformar com ela. Pois, é a insatisfação e as perspectivas frustradas que promovem as transformações, por isso é imprescindível “uma incessante busca de questionamento pelo estabelecido” (SALGADO, 2009, p.272).

Embora, não tenha sido encontrado nas entrevistas de Pepetelas analisadas e nem nos textos dos autores que analisaram sua obra uma influência de Frantz Fanon, sua obra da década de oitenta em diante terá por mote principal o mesmo sentido da frase que encerra a

obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*: “Ó meu corpo, faz sempre de mim um homem que questiona” (FANON, 2020, p.242).

### **3.2 *Lueji, o nascimento de um império: a alternativa***

#### ***Adesão à economia de mercado e a construção de uma alternativa***

Tal qual o caso da obra *O Cão e os Caluandas*, *Lueji* é escrito por um Pepetela imbuído de um espírito divergente ao do MPLA. Nos anos de conclusão de sua escrita, 1988, e de sua primeira publicação, 1989, as diferenças entre Pepetela e a política encampada pelo governo estavam ainda maiores. O autor não mais se contentou em fazer uma crítica dentro da ordem, como se deu no caso da obra do cão pastor-alemão, em *Lueji*, defende, não mais apenas vislumbra, o surgimento de outras lideranças para guiarem Angola.

Nesse aspecto é o desenvolvimento da fala final da obra anteriormente analisada, na qual o narrador afirma que seu sonho acabava e com ele continua o do leitor. O que em *Cão e os Caluandas* aparece de forma incipiente e amorfa, em *Lueji*, é burilado com maestria; trata-se da urgência do advento de outra geração que viabilize a utopia por outros caminhos, uma vez que a que levou a cabo a independência de Angola, a do próprio Pepetela, não é mais capaz de a propiciar, seja porque uma parte foi alijada do poder e por isso pouco pode fazer a respeito, seja porque a outra parte traiu os ideais da revolução, ou por outra, abriu mão da utopia, se é que algum dia chegou realmente a tê-la.

No ano de 1985, o presidente de Angola, José Eduardo dos Santos, segue os passos do secretário geral da União Soviética, Mikhail Gorbatchov, no que diz respeito à economia, e anuncia a entrada de Angola na economia de mercado. Suas principais críticas ao modelo econômico vigente no país são a ineficiência da economia estatizada e o entrave que representa a burocracia estatal. Sendo assim, o caminho defendido para superar tais dificuldades é a entrada no mercado global. Para realizar tal intento, em agosto de 1987, o governo apresenta o Plano de Saneamento Econômico e Financeiro, SEF, responsável por realizar a transição do socialismo para o capitalismo. Entre as medidas tomadas para realizar essa transição estão privatizações, fim dos subsídios e das fazendas estatais. O SEF, ou seja, a adesão econômica à economia de mercado foi declarada concluída no III Congresso, de 1990 (VIDAL, 2016, p.840).

A redação de *Lueji* é uma crítica a essa adesão, contudo, isso não significa que na obra ocorra a defesa do modelo econômico anterior. Nela, há o reconhecimento da saturação daquele modelo e da necessidade da criação de outro capaz de promover o desenvolvimento social. Este último ponto é o cerne do livro. A alegoria que é *Lueji* põe em questão a forma que se deu essa transição por não enxergar nela nenhuma contribuição positiva no campo social.

A tendência da globalização para um mundo sem fronteiras, não obstante, não implica desconsiderar a existência concreta desse mesmo Estado e seus instrumentos de poder, que continuavam e continuam a atuar na vida social. Mais, os Estados voltados para o conjunto de sua rede social poderiam desempenhar papéis efetivos nessas articulações supranacionais inclinadas ao comunitário. Mesmo em processo de debilitamento, os Estados ainda reúnem condições de formular e estabelecer agenciamentos políticos em favor da sociedade, tornando factível que as fronteiras nacionais possam se abrir ou fechar, de maneira a aparar as assimetrias dos fluxos da globalização (ABDALA, 2007, p.19).

Eis aí, o mote da obra. Em 1989, quando da publicação de *Lueji*, Pepetela ainda não tinha meios para empiricamente saber o que a liberalização econômica faria em Angola. Porém, Pepetela, assim como os demais oriundos do CEA, como já demonstrado, veem a política, a economia e a área sociocultural como uma trindade indivisível, a alteração em um desses elementos acarreta transformações profundas nos demais. Dessarte, “Não há fenômenos particularmente econômicos distinguíveis de fenômenos políticos e de fenômenos sociais: o todo é um tecido inconsútil” (WALLERSTEIN, p.303).

A alegoria de Pepetela defende que a reestruturação econômica e política que ainda estava sendo conduzida pelo estado angolano não tem um viés comunitário, seu percurso não é uma nova trilha para alcançar a utopia. A vereda escolhida leva para outro lugar. Por conseguinte, os dirigentes do estado angolano por não serem mais capazes de encontrar uma nova rota rumo à fraternidade social e ao desenvolvimento social, devem ser substituídos por aqueles que possuem a capacidade de traçar essa nova rota até lá.

Tendo isso em vista, *Lueji* traz uma novidade em relação às obras já escrutinadas: trabalha de forma simultânea dois tempos cronológicos.

Em *Lueji*, o enredo ocorre em dois tempos cronológicos. Um é sobre um passado mítico, aborda a existência de um reino à beira da desintegração que foi unido e ampliado por uma soberana, que realizou tal façanha por conseguir conciliar as diferenças e as rivalidades.

O segundo se passa em futuro próximo em relação à data de publicação da obra, ano 2000, e é sobre a construção de uma apresentação de um grupo de dança cujo tema é o império da rainha Lueji (SILVEIRA FH, 2020, p.5).

No livro, os dois tempos não são trabalhados separadamente, cada época não ocorre em capítulos próprios, apartados da outra. Ambas as cronologias misturam-se, em um determinado parágrafo o leitor está a ler sobre Lueji e seu tempo e no seguinte percebe que se está a falar de Lu e seu tempo. Parece ser um artifício do autor para ligar ainda mais as protagonistas e evidenciar a interferência do passado no futuro.

### ***O uso da Lenda***

Pepetela não é o inventor da lenda de Lueji, a lenda da soberana do império Lunda é comum na região central e nordeste do estado angolano. Entretanto, não há um consenso sobre a lenda, há uma miríade de versões sobre a rainha e seu império. Pepetela privilegiou aquela em que Lueji pode ser facilmente trabalhada como uma heroína, o que transforma o romance *Lueji* em uma obra nodal na literatura pepeteliana por ser a última de uma série contínua a ter caráter exemplar e a primeira a defender abertamente que uma alternativa ao MPLA deve ser buscada.

O Lueji, a ideia nasceu em Argel, na altura de A História de Angola, que eu descobri o mito. Eu fazia a parte sobre a Lunda e o Abranches estava a fazer outra parte. Aí eu disse, este mito é muito bonito, um dia ainda vou escrever um livro sobre ele e vou ter uma filha que vai se chamar Lueji. Cumpriu-se a profecia (MARCON, 2005, p.261).

No primeiro tempo cronológico do romance, Kondi, o rei idoso da Lunda, é espancado pelo seu primogênito e fica em estado grave. Seu estado é crítico, não lhe resta esperança, entretanto, o soberano moribundo ainda está em condições de proferir sua última vontade. Convoca o conselho dos Tubungo, algo semelhante à nobreza, e, nele, afirma que Tchinguri, seu filho mais velho, não é a pessoa adequada para o suceder, anúncio é corroborado por quase todos os presentes. Todavia, quando anuncia que o lukano, o bracelete feito de tendões humanos de uso exclusivo do rei, irá cingir o braço de sua filha Lueji, muitos contestam, porém, acabam aceitando, pois, o lukano, segundo a tradição, tem que estar dentro da descendência de Kondi.

O segundo tempo cronológico se passa em Luanda e ocorre entre 1999 e 2000. Nele, Lu, a bailarina do grupo de dança Kukina, está insatisfeita com a peça que estão a ensaiar devido às intervenções realizadas pelo coreografo tcheco, contratado pelo governo, e que nada entende e nem sequer procura entender sobre a cultura local e sobre as características dos bailarinos do grupo de dança. Essa insatisfação também se estende aos demais integrantes.

Ambas as protagonistas encontram-se em situações tensas. Lueji torna-se rainha pouco prestigiada por ser mulher, tem que lidar com os pretendentes que almejam assumir o trono logo que consigam consumir a união e mais o desejo do irmão Tchinguri que está disposto a ir à guerra para se fazer o senhor da Lunda. Por seu turno, Lu está desgostosa com os ensaios e por conta da condução do coreógrafo tcheco prefere passar seu tempo no Centro de Documentação Histórica do que no Kukina.

E Lu agora ia a caminho do Grupo de Dança Kukina, nome redundante mas que ficava disfarçado pela diferença de línguas. Ia chegar atrasada ao ensaio, o que começava a se tornar rotina. Nunca antes tinha acontecido, era modelo de pontualidade do grupo. Mas ultimamente, talvez pela ânsia de devorar livros do Centro de Documentação, talvez pela procura cega que efetuava, talvez porque as marimbas tocavam e ela não as entendia, perdia a noção do tempo e chegava depois do aquecimento. Talvez não lhe agradava o que dançavam. Também era isso (PEPETELA, 2015, p.28).

Os livros devorados por Lu no Centro de Documentação referem-se à Lunda e a Lueji e o som de marimbas em sua cabeça são do casamento da rainha. Portanto, existe uma busca ativa por parte da protagonista Lu em se ligar à outra protagonista. Acompanhando o desenvolvimento do enredo fica evidente que Lu busca em Lueji uma inspiração para sair do impasse atual do grupo Kukina, embora, a protagonista não se dê conta disso em um primeiro momento, “As personagens têm outra dimensão digna de nota. São, por assim dizer, os representantes morais de sua cultura, e assim o são devido à maneira como as ideias e teorias metafísicas e morais assumem, através deles, uma existência concreta no mundo social” (MACINTYRE, 2021, p.62). Evidentemente, por se tratar de uma lenda apropriada por Pepetela e modulada para atender seus objetivos, tanto as personagens Lueji quanto Lu são representantes morais não do século XV ou XVI, mas do final da década de oitenta do século XX.

A busca empreendida por Lu também é uma busca para conhecer o seu passado, por via da avó materna, ela se considerada descendente de Lueji. Sendo assim, se considerarmos o

grupo de dança Kukina uma metáfora da sociedade angolana contemporânea, Lu busca inspiração no passado para superar um impasse no presente.

O meu pai é descendente de Kinguri, o chefe fundador dos Imbangala, que parece deram trabalho aos portugueses... A todos.

- Kinguri, o irmão de Lueji?

- Esse mesmo. Conheces a estória?

- Coincidência incrível! Tenho uma avó, ainda hoje vive em Benguela. Sempre me contou veio da Lunda e é descendente de Muatiãnvua, quer dizer de Lueji. Mas chama Tchinguri a Kinguri.

- Acabamos por ser irmãs? – se maravilhou Marina.

- Se as estórias forem verdadeiras... Quem pode saber? Seríamos primas em centésimo grau... Lueji e Tchinguri viveram a mais de quatrocentos anos. O Herculano diz que todos os lundas se consideram descendentes de Lueji. Da mesma maneira os Imbangala se consideram de Kinguri ou Tchinguri. Que são mito de formação das etnias.

- Quem é esse Herculano?

- Um historiador meu amigo – disse Lu.

- Deve ser um chato, armado de espírito europeu. Somos mesmo irmãs, à boa maneira africana (PEPETELA, 2015, p.44).

Provavelmente a explicação de Herculano, definido por Marina como chato e armado de espírito europeu, deve assemelhar-se à de Thornton.

Antropólogos modernos que examinaram os sistemas de parentescos africanos constataram que muitas sociedades africanas têm (ou tiveram em um passado recente) sistemas de parentesco que definem unidades familiares razoavelmente grandes. Cada grupo descende de um (usualmente mítico) ancestral comum [...] (THORNTON, 2004, p.130).

A edição analisada de *Lueji* nestas linhas possui quase quinhentas páginas e logo no começo Pepetela deixa claro qual a sua intenção com a lenda. Pepetela, ao utilizá-la, faz uso de uma personagem presente no imaginário popular com o intuito de gerar afetividade coletiva. Por meio dessa personagem, ao fazê-la encarnar o mestiço cultural ideal que em sua ficção promove a sua utopia, tenciona levar o leitor a ter afeição por sua concepção de nação. Inexiste a pretensão em ser fiel ao que poder ser historicamente demonstrado ou crível.

Devido à obra *Yaka*, publicada em 1984, Rosário compara Pepetela a Homero (2009, p.228). Nela, a família do velho Semedo abandona Angola quando ocorre a independência, fica no novo país apenas o seu neto Alexandre que adota o nome de Ulisses. Segundo Rosário, o motivo se deve ao fato de caber a esse descendente que ficou encontrar o caminho para a Ítaca simbólica, ou seja, para o lar, assim, cabe a ele a construção da nação.



Contudo, talvez *Lueji* sirva melhor a esse paralelo entre Pepetela e Homero, pois a sua versão do império Lunda realiza papel semelhante ao da *Iliada*, o mito de formação do mundo da Grécia antiga em que os gregos ao conquistarem Troia fazem do mar Egeu o seu lago; quanto a *Lueji*, ela é o ideal do cidadão angolano, à semelhança de Ulisses para o homem grego. Não é apenas uma promessa como o Alexandre/Ulisses de *Yaka*, ela encontra o lar, ela supera toda sorte de adversidade encontrada pelo caminho e constrói a nação, tanto que é usada como referência por Lu.

No caso das identidades nacionais, é extremamente comum, por exemplo, o apelo a mitos fundadores. As identidades nacionais funcionam, em grande parte, por meio daquilo que Benedict Anderson chamou de “comunidades imaginadas”. Na medida em que não existe nenhuma “comunidade natural” em torno da qual se possam reunir pessoas que constituem um determinado agrupamento nacional, ela precisa ser inventada. É necessário criar laços imaginários que permitam “ligar” pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum “sentimento” de terem qualquer coisa em comum. (SILVA, 2014, p.85).

Sendo assim, o império Lunda, no romance de Pepetela, é o mito de formação do povo angolano, pois todas as etnias existentes em Angola descendem desse império, e sua soberana é o modelo de comportamento. Entretanto, os anos e as gerações sucessivas levaram à perda desse mundo, dessa forma, cabe a Lu providenciar a reunificação dessa grande família que se distanciou com os séculos. Com isso, com o mito de *Lueji* sobre o passado, remodelado para atender às suas intenções, o autor angolano o encaixa dentro da sua utopia, gerando uma segunda heroína, Lu, a quem cabe o papel de a viabilizar. Lu é a nova geração, aquela tangencialmente mencionada no final de *O Cão e os Caluandas* quando o narrador afirmar que o sonho continua com o leitor, ou seja, com a geração que veio depois da que fez a independência.

### ***Mestiço Cultural ideal***

O termo mestiço cultural vem do próprio Pepetela que considera ser o termo que o define melhor do que crioulo.

Não há dúvidas que eu sou. Para evitar o termo crioulo<sup>5</sup>, que eu não gosto e que alguns utilizam, acho que não é o que existe aqui em Angola, eu prefiro definir-me como um mestiço cultural, quer dizer, alguém que herdou de duas ou mais culturas, talvez predominantemente uma, mais uma do que outra, de qualquer modo mestiço, mestiço há de várias gradações (MARCON, 2005, p.273).

Embora, o termo não seja do agrado de Pepetela, a criouldade de Abdala Jr parece aproximar-se do que Pepetela nomeia de mestiço cultural.

A aculturação, na situação de desigualdade colonial, significou a assimilação do africano aos valores da metrópole – uma culturação a padrões externos e externamente impostos a ponto de causar uma desculturação em relação a valores da nacionalidade. Em sentido inverso – de recuperação desses valores da nacionalidade numa perspectiva cidadina que se alarga para o conjunto do país – é que situamos a criouldade. Trata-se de um processo de apropriação cultural de grupos sociais mais dinâmicos e progressistas da África, tendo por base as culturas tradicionais e as culturas europeias. O dominante não é o externo, mas interno e situa-se nessa população que procura construir uma nação por sobre os fragmentos de antigas nações, para estabelecer um conjunto nacional unitário (ABDALA JR, 2007, p.66).

Mestiço cultural vai ao encontro do que Russel G. Hamilton, citado por Abdala Junior, compreende ser o crioulo. Eles, os crioulos, são frutos das convergências socioculturais, apoderaram-se dela e lhes deram uma característica autêntica e própria, por conseguinte deixaram de ser uma espécie de casta inferior a daquela integrada pelos que vem da metrópole e que tinha por finalidade alcançar esse suposto ápice (2007, p.66).

No que concerne à mestiçagem, o ponto-chave é saber qual mestiçagem é a adequada, qual deve tornar-se um exemplo a ser seguido pelos demais, pois sua propagação levará a Ítaca, reunirá a família dispersa fazendo-a lutar pelo bem comum. O mestiço cultural ideal é o indivíduo que faz uso da sua condição para realizar a utopia, e não para beneficiar-se individualmente em desconsideração aos demais, enxergando no próximo apenas um adversário ou alguém de quem possa obter vantagem. *O Cão e os Caluandas* está repleto deste último tipo de mestiço cultural, que se torna consciente ou inconscientemente um

---

<sup>5</sup> Jill Dias emprega o termo crioulo para se referir a elementos heterogêneos, desde descendentes de europeus nascidos localmente a africanos destribalizados, razoavelmente adaptados à cultura europeia; o ponto em comum entre essa variedade é a formação de um grupo intermediário entre europeus da metrópole e a população negra e rural (DIAS, 1984, p.61). Contudo, a restrição de Pepetela ao termo não se deve a essa definição, posto ela ser semelhante ao entendimento do autor angolano sobre mestiço cultural. Em considerações feitas durante a defesa da presente dissertação, Marcelo Bittencourt, membro da banca, comunicou que a reserva de Pepetela a respeito do termo crioulo advém do significado que Savimbi, líder da UNITA, lhe atribuiu durante as eleições de 1992, o utilizando de forma a dar uma conotação pejorativa aos mestiços e os associando à corrupção.

promotor do neocolonialismo, compactuando na urdidura de uma afinidade eletiva incompatível com a utopia.

Tal preocupação com a interferência na sociedade do mestiço cultural que se desvirtuou ao ponto de tornar-se um neocolonizador nativo é uma recorrência nos países africanos independentes e a arte é utilizada para denunciar essa prática. O cineasta Ousmane Sembéné no filme *Mandabi* de 1968 retrata as dificuldades de um homem no Senegal em resgatar uma promissória de seu sobrinho que vive na França, pois, não possui documento de identidade e não conhece os procedimentos burocráticos para realizar a operação e fica à mercê de um mestiço cultural que, definitivamente, não se comporta como um do tipo ideal. O cineasta Souleymane Cissé em seu filme *Baara*, rodado no Mali em 1978, apresenta a mesma questão, indivíduos que nem sequer granjeiam assimilar a convergência cultural entre valores ocidentais e tradição africana; ao trazer entre suas personagens um carregador de mercadorias que passa a trabalhar em uma fábrica e não consegue entender a luta por direitos e o motivo de uma greve, apenas é tragado pelos acontecimentos tal qual um tronco levado pelas cheias de um rio.

Isto posto, no tempo cronológico da Lunda nos deparamos com dois arquétipos, neocolonizador nativo ou agente do neocolonialismo e mestiço cultural ideal, encarnados em duas personagens. Sendo o primeiro representado por Tchinguri e o outro por Lueji. Somado a isso, a forma vigente de condução da sociedade está obsoleta, à vista disso, para o bem social, ela necessita ser transformada. O romance apresenta duas maneiras de a realizar. Uma é a mentalidade de Tchinguri:

Kondi, junto com os grandes da terra, representa uma tradição obsoleta, que se baseia em costumes e mitos. Enquanto Tchinguri representa a transformação total, quer governar por conta própria, eliminando a tradição que enxerga como um estorvo. Tchinguri possui uma confiança muito grande em si mesmo, é uma espécie de empreendedor, não precisa para governar de nada que o auxilie além da competência que arroga a si. Por isso quer se impor como governante, a despeito do crime que cometeu e das tradições que rompeu (SILVEIRA FH, 2020, p.7).

A outra mentalidade é a de Lueji:

Lueji é a saída sensata entre o mundo em decadência de Kondi e a tirania de Tchinguri. A nova rainha não se prende totalmente à tradição, a qual vê alguns problemas, entre eles o distanciamento entre o soba e o povo. Ela não impõe abruptamente novos costumes ao povo. Não faz terra arrasada do que havia antes para construir o que deseja sobre os escombros, como é a vontade de seu irmão. Ela remodela parte da tradição enquanto faz uso dela

para se legitimar. Lueji se aproxima do povo, evita os tradicionais intermediários e comunica suas decisões diretamente. Ela não trabalha com base no medo e na força, mas pelo convencimento e pela conscientização do povo. Por sua vez, Tchinguri enxerga a Lunda como uma presa a ser conquistada e uma fonte de poder e de prestígio. Lueji a percebe como uma forma de abrigar o povo e de auxiliá-lo em seu desenvolvimento (SILVEIRA FH, 2020, p.7).

A situação da mítica Lunda é um paralelo à Angola contemporânea, pois Lu busca nesse passado inspiração para sair do que Paulo Freire chama de situação-limite e, assim, propiciar o inédito viável. O primeiro passo é ter governantes que realmente busquem por esse inédito viável. Possuindo essa disposição, devem olhar para o passado não para o repetir, mas para compreender que ele é o elo entre as pessoas. Esse é o motivo de o passado receber o tratamento de uma memória que deve ser respeitada, pois sem ela não existe o nós. Todavia, isso não significa que ela deva ser mantida intocada “Numa revolução nacionalista, homens e mulheres devem ter o poder de decidir quais são as tradições que estão ultrapassadas, quais devem ser transformadas e quais devem ser preservadas” (MCCLINTOCK, 2010, p.563). Ou em outros termos, a memória coletiva e, por conseguinte a tradição e o costume, por serem as formas de experienciar tal memória, devem receber modificações que reforcem os laços de fraternidade e o desenvolvimento social.

A postura de Tchinguri despreza essa preciosa característica da memória coletiva. O primogênito de Kondi almeja fazer tábula rasa da sociedade e seus parâmetros, sua atitude e mentalidade remete à arrogância de um *self-made man* que considera poder fazer a si mesmo independente das circunstâncias e de ser capaz de atropelar toda sorte de limitações, o mesmo vale para governar. Em razão disso, dispensa conselhos, experiências alheias e a tradição; sua convicção em si mesmo está acima de tudo o que há, Tchinguri é um homem que não duvida e nem se questiona.

Leva tempo a criar um grande chefe. Eis que me nasceram, eu, Tchinguri, e compreendi esse grande chefe ser eu, que tinha coragem de afrontar os Tubungo com as suas próprias armas e não o meu pai, Kondi, um velho fraco querendo o calor das suas mulheres e cuja única guerra foi contra os desprezíveis Mataba, desconhedores da arte de forjar o ferro, caçadores de animaizinhos com fundas e armadilhas, só (PEPETELA, 2015, P.68).

E continua:

Para dominar nasci, eu me opus a Kondi aos Tubungo que só querem discussões e mais discussões, refestelados a fumar liamba no seu Conselho de comadres. Exigi do meu pai que formasse um exército só do chefe da

Lunda, força a se impor aos Tubungo recalcitrantes que não quisessem pagar tributos para sustentar esses soldados, força que ganhava escravos para vender aos árabes que demandaram Mussumba há anos e de Mussumba voltaram para as terras de Zanzibar, desgostosos pela incapacidade dos Tubungo em apanharem gente que pode ser trocada por armas poderosas e tecidos finos (PEPETELA, 2015, p.69).

O correspondente a Tchinguri no segundo tempo cronológico da obra é o coreógrafo tcheco imposto pelo partido ao grupo de dança Kukina, que nada sabe sobre as características dos bailarinos e da história da novela Cahama a ser encenada, mais do que isso, nem sequer procura se inteirar minimamente sobre essas questões. O coreógrafo estrangeiro tem uma ideia fixa, pré-concebida, e o ambiente é que deve se moldar a ela.

E agora iam dizer, não há bailado porque o grande Afonso Mabiala conseguiu de compor. Que desprestígio! Sacana de checo, não podia muito bem seguir a estória e deixar de modificações ao gosto do realismo socialista? Ora porra, afinal a estória é nossa! E coitada da Lu, a ter de dançar ao som de Katchaturian e a bater os pés no chão como os cunhamas. Ela é toda de formas suaves, para dançar músicas de flautas e marimbas. Marimbas, é isso, ela tem razão. Só que o checo matava-me se metesse marimbas na Cahama, ali só mesmo rugido de canhões, címbalos e pratos a chocar... Triste vida a de músico de encomenda (PEPETELA, 2015, p.55).

Dentro da lógica de *Lueji*, Tchinguri é um ancestral do coreógrafo, pois ambos compartilham a mesma mentalidade. Por sua vez, o coreógrafo é a metáfora para criticar a SEF. O MPLA, com a iminência do colapso do socialismo no mundo, não está buscando um caminho adequado para Angola, sua busca desrespeita as características da sociedade angolana, está simplesmente mimetizando o que se passa com a União Soviética, como se este país africano banhado pelo Atlântico fosse uma república do leste europeu, todas as abissais diferenças são ignoradas.

A verdadeira lição dos clubes jacobinos e sua ruína é que não se pode esperar reinventar uma moralidade à escala de uma nação inteira, quando o próprio idioma da moralidade que se procura reinventar é estranho de uma maneira para a vasta massa de pessoas comuns e de outra para a elite intelectual (MACINTYRE, 2021, p.345).

O grupo de dança simboliza a Angola pós-socialismo, cabendo a Lu engendrar outro caminho, diferente do escolhido pelo MPLA. Essa protagonista irá seguir os passos dos protagonistas de *As Aventuras de Ngunga* e *Mayombe*, respectivamente Ngunga e Comissário, assim sendo, aprimora-se pela ação e pela dedicação intelectual. Portanto, corrobora a

concepção de Aristóteles da existência de dois tipos de virtudes e que estão intimamente ligadas, as virtudes de caráter obtidas pela prática habitual, e as intelectuais, obtidas por meio do estudo continuado (MACINTYRE, 2021, p.232). A diferença crucial é que os protagonistas masculinos, em seus enredos, apenas iniciam essa jornada enquanto Lu a conclui, tornando-se uma mestiça cultural ideal.

Em acréscimo, Lu não possui a função de fundar a nação, uma que não existe, tais quais os protagonistas das obras anteriores. Em *Lueji*, Angola não é uma nação a ser urdida, ela já existe, o império Lunda é seu ancestral. Desse modo, cabe a Lu juntar os fragmentos de uma unidade estilhaçada, trata-se de uma refundação, de uma reunificação. Provavelmente a versão do império Lunda de Pepetela seja a criação de uma tradição para competir e tomar o lugar do que o autor entende ser a tradição tribalista, geradora de sectarismo, pois a Lunda, no romance, é engendrada como o berço das etnias existente em Angola, que surgiram graças a uma diáspora que tinha no império a sua origem. O artifício em modular uma lenda já imersa no imaginário coletivo para atingir o propósito de difundir sua concepção de nação e de conduta foi exitosa, como alega o próprio escritor.

Gostei de ver quando eu fui a Lunda, em 1991, fui através de uma fundação que nós criamos com dinheiro dos diamantes, eu fui lá e falei com uma série de pessoas que tinham lido o livro e outras mais velhas que não tinham lido, mas que tinham ouvido a história contada por outro e eles aceitavam perfeitamente a história. Alguns diziam, não, mas houve mudanças e outros diziam mas é esta a história que nós conhecemos. Portanto, a história oral que continuou, esta minha versão aproxima-se bastante da atual tradição oral (MARCON, 2005, p.270).

Lu tem em quem se inspirar e busca seguir esse modelo exemplar ao consultar textos sobre a rainha Lueji. A principal característica dessa soberana é não promover transformações radicais e ter ciência dos valores e tradições que conduzem a sociedade. Prova disso é o profundo respeito de Lueji por Kandala, um sábio ancião que é o principal sacerdote do império e também acaba fazendo o papel de griô para a jovem governante.

Note-se também que o fato de o eu ter que encontrar sua identidade moral através de sua membresia em comunidades como a família, a vizinhança, a cidade, a tribo não acarreta que o eu tenha de aceitar essas *limitações* morais da particularidade dessas formas de comunidade. Sem essas particularidades morais, a partir das quais começar, jamais haveria nenhum lugar para começar; mas é no avançar a partir dessas particularidades que consiste a procura pelo bem, pelo universal (MACINTYRE, 2021, p.322).

Ciente disso é que a soberana promove mudanças que aperfeiçoam o sentimento de pertencimento à comunidade. Trata-se de uma seleção, como defende McClintock mais acima, e como já defendido em *As Aventuras de Ngunga*.

E coisa inédita aconteceu naquele dia na Lunda. Pela primeira vez se via a rainha, de pé em cima da liteira suportada por dezasseis homens acima de suas cabeças, no meio da praça, cercada por todo o povo da Mussumba, gritando as novidades que sempre os Tubungo ouviam em primeira mão e depois se encarregavam de espalhar até os mais humildes, mas desta vez o contato era direto [...] mais uma tradição se rompia [...] (PEPETELA, 2015, p.388).

O grupo Kukina foi concebido com esse propósito, evitar ater-se a um passado idealizado e petrificado, contudo, não romper de todo com ele, assim, mantendo a consciência de onde se vem, tão menos em reduzir-se a simples cópia do que vem de fora, a ser uma versão inferior e subalterna do modelo europeu.

Lu lembrou a escola de dança para onde entrara, quinze anos atrás [...]. Lu era muito miúda mas ainda hoje recorda as diferentes opiniões. Havia os elitistas que diziam só o ballet clássico, europeu, é digno de uma escola. Os mais avançados entre os elitistas faziam um concessão ao chamado ballet moderno, com incursões pelo jazz. E havia os tradicionalistas, tentando com a mão fazer parar o tempo, que apenas admitiam as danças camponesas africanas. Os tradicionalistas invocavam as raízes bantas, tudo o mais era estrangeiro, alienante. Havia um grupo de síntese [...]. E chamaram os melhores bailarinos, de todos os grupos, para experimentarem coisas diferentes [...]. E aí foi nascendo um gênero próprio, nacional, indo buscar temas e passos à tradição dos camponeses, misturando por vezes as culturas de origem, e estilizando com recursos ao que mais de avançado se fazia no Mundo (PEPETELA, 2015, p.162).

O grupo surgiu mais ou menos na época do anúncio da transição de Angola para a economia de mercado, por este motivo é crível dizer que o grupo é uma representação dos que divergiam da postura adotada pelo governo, mas que, no entanto, entendiam que a situação vigente não era mais viável.

Embora a condição do país – nesse caso, a nação pós-colonial – seja uma preocupação importante entre escritores africanos lusófonos, a obra e a poesia deixaram de servir exclusivamente os interesses de uma grande causa nacional [...]. O grande investimento utópico dos escritores na criação de uma sociedade livre e justa sob uma bandeira marxista-leninista, até mesmo entre aqueles escritores que ocuparam cargos governamentais, foi abandonado em troca de uma multiplicidade de preocupações culturais,

sociopolíticas e históricas a nível macro e micrológico (ARENAS, 2019, p341).

Dessarte é possível fazer a relação entre os dois tempos cronológicos do romance, o de Lueji e o de Lu, e compará-los com o que Pepetela interpreta das mudanças ocorridas na década de oitenta em seu país. O reinado de Kondi representa o primeiro governo do MPLA que tornou-se obsoleto, incapaz de atender as demandas sociais, a opção tida por desastrosa não ocorre no primeiro período, que seria o reinado de Tchinguri; todavia, realiza-se na época de Lu, a SEF empreendida pelo MPLA metaforizada dentro do grupo de dança Kukina pela imposição do coreógrafo tcheco e que redundou em um tremendo fracasso.

Fazendo do grupo Kukina uma parábola da sociedade angolana, Pepetela decreta o erro das escolhas feitas pelo MPLA e suas consequências, além disso, anuncia uma nova geração que irá erigir um novo caminho após evidenciar-se o erro cometido ao trazer uma solução alienígena, o coreógrafo tcheco, ou no caso da Angola da década de oitenta em copiar os passos da União Soviética para a entrada no capitalismo.

Embora o socialismo tenha entrado em colapso no mundo na época da escrita do romance, Pepetela não repete o que fez em seus romances da década anterior, não apresenta uma ideologia como base de sustentação para viabilizar a utopia. Apenas mantém alguns princípios que devem ser levado em consideração, entre eles: selecionar a tradição de modo a contribuir para a fraternidade e a busca pelo autoaperfeiçoamento tanto pelo aprimoramento intelectual quanto pela ação. Desse modo, a nova alternativa terá de ser criada apenas com base nesses orientadores primários.

Uma busca é sempre uma educação, tanto no caráter daquilo que é procurado, quanto no autoconhecimento.

As virtudes, portanto, devem ser compreendidas como aquelas disposições que não apenas sustentarão as práticas e nos permitirão alcançar os bens internos às práticas, mas que também nos sustentarão no tipo relevante de busca pelo bem, possibilitando-nos superar danos, perigos, tentações e distrações que encontramos, e que nos fornecerão um autoconhecimento crescente e um crescente conhecimento do bem (MACINTYRE, 2021, p.320).

Desse modo, esses parâmetros básicos são a essência do mestiço cultural ideal, e, na obra, cabem às representantes dessa essência superarem o impasse político e social em que estão imersas ao providenciarem um novo trilhar para a utopia, em outras palavras, vencer a situação-limite vigente promovendo o inédito viável. Portanto, as concepções metaforizadas nas personagens coreógrafo tcheco e Tchinguri devem ser derrotadas pelas encarnadas em Lu



e Lueji para viabilizar a utopia; uma vez que Pepetela não tem mais a receita política e econômica para viabilizar a utopia, cabe a nova geração providenciá-la para o bem da sociedade angolana contemporânea. A alegoria do passado, enredo de Lueji, e a alegoria do futuro, enredo de Lu, têm o propósito de propagar o desejo e a convicção que Pepetela ambiciona ver difundida, a busca de uma solução inédita e angolana, tendo o passado e o estrangeiro por inspiração e não por modelo a ser copiado.

Em *Lueji*, a preocupação tem mais ênfase quanto ao último ponto, a solução angolana. Ela fica mais evidente com a contrariedade de Uli, principal bailarino junto com Lu no grupo de dança Kukina, quando descobre que há a intenção de o próprio grupo criar o enredo e a coreografia. Nem mesmo a desastrosa experiência com o coreógrafo tcheco, com o qual checou a discutir, o fez perceber na iniciativa nativa um artifício viável.

- Desculpa, mas é muito difícil coreografar uma peça inteira e tu nunca o fizeste. Sempre recorreremos a estrangeiros. [...]
- Segundo, não acredito nisso. Não vou arriscar o curso por um projeto que me parece duvidoso (PEPETELA, 2015, p.318).

Não trata-se de um nativismo tacanho, pois, como visto no trecho anterior de *Lueji*, tudo o que contribua para a fraternidade social e desenvolvimento social pode e deve ser usado, seja ele local, estrangeiro ou vindo do passado, desde que não se converta em uma corrente a aprisionar, pois a intenção é criar algo novo. Consequentemente, um dos ingredientes para o inédito viável é a assimilação do que Mbembe chama de declosão “Afirmar que o mundo é plural, lutar por sua declosão<sup>6</sup>, significa dizer que a Europa não é o mundo, mas apenas parte dele [...]. Afirmar que o mundo não se reduz à Europa é reabilitar a singularidade e a diferença. (MBEMBE, 2018, p.273).

Resta evidente, que uma das principais capacidades do mestiço cultural ideal, além de contornar adversidades, é o de conciliar as diferenças de maneira harmônica e favorável ao bem comum. A soberana da Lunda torna-se heroína não apenas por conseguir governar e promover a síntese adequada entre estrangeiro e local, entre passado e inovação, mas também por obter êxito em evitar a guerra; Lueji, ao contrário do que se dá com Ulisses da saga grega, não torna-se uma heroína por vencer guerras e abater adversários, e sim por granjear a reconciliação com os seus opositores. A sua grande vitória, o seu grande feito é a utopia, que é a Ítaca angolana.

---

<sup>6</sup> Declosão é um termo criado por Jean-Luc Nancy que preconiza um movimento de desconstrução da tradição cristã ocidental.

[...] é interessante notar que a paz que Lueji conseguiu para o seu império não adveio da guerra que não chegou a travar com o irmão, que se retira para o Cassai, mas da capacidade de ambos em porem em cima da mesa suas razões, diferenças e mágoas, num episódio que me parece dos mais expressivos de cumplicidade entre dois irmãos (MATA, 2009, p.202).

### **3.3 A Geração da Utopia: como se deu a morte da utopia**

#### ***Da utopia à traição***

Esta obra, publicada pela primeira vez em 1992 e escrita entre 1991 e 1992, é o romance seguinte ao de *Lueji*. Em parte aborda as mesmas questões desse romance, entre elas a necessidade de uma nova geração, que não ao dos que fizeram a independência, para conduzir Angola. Entretanto, há uma diferença de foco, enquanto em *Lueji* é descrito as características essenciais dessa nova geração, em *A Geração* discorre-se sobre como os libertadores perderam o rumo da utopia.

Ambas as obras são fortemente impactada pela transição para economia de mercado realizada pelo MPLA em Angola e tem nessa transição o seu eixo fundamental. No romance mais recente ela é a última pá de cal sobre a afinidade eletiva defendida pelo jovem Pepetela e pelo CEA, no anterior, é a geradora de um ambiente político e econômico incompatível com a utopia e justamente por isso provoca a reação: o surgimento de uma nova geração disposta a lutar pela criação de um novo caminho para chegar a ela.

Essa nova geração, portadora da utopia, é protagonista de *Lueji*, o enfoque de *A Geração* é a que a deixou escapar. Em *Lueji*, há o estabelecimento da concepção de que somente outros indivíduos que não os que fizeram a independência podem reconduzir o país, essa obra aponta para erros de procedimentos dos libertadores ou para sua incapacidade de ir além da emancipação de Portugal: apenas uma das etapas para o desenvolvimento e fraternidade sociais. *A Geração* vai além, sua escrita consiste em demonstrar o porquê do MPLA não deve mais ter o comando da nação, pois seu governo é incompatível com o bem estar social. Nesse livro não trata-se mais de equívoco ou limitação, trata-se de traição, de método e de cálculo. Ele busca evidenciar como os antes libertadores, com o poder,

converteram-se em novos opressores, criando alianças e uma estrutura política-econômica garantidora de sua permanência no poder, e por isso urge a sua substituição.

O romance é organizado em quatro grandes divisões que explicitam como se deu essa transformação de libertadores em opressores. Cada capítulo se passa em uma época diferente e traz um protagonista que nos leva a ter acesso às demais personagens essenciais por meio de diálogos e lembranças e às vezes faz o papel de personagem narrador. O primeiro capítulo, intitulado *A Casa*, se passa em 1961 e tem como cenário central a Casa do Estudante do Império, CEI, em Lisboa. A protagonista é Sara, estudante branca de medicina nascida em Benguela. O segundo, *A Chana*, ocorre em 1972 na frente Leste da guerrilha do MPLA e quem nos conduz por ele é o guerrilheiro Vítor, codinome Mundial. O terceiro, *O Polvo*, tem como local a região entre Benguela e Luanda em 1982, e Aníbal, codinome Sábio, é o principal personagem. No último, tem por cenário Luanda a partir de junho de 1991 e traz Malongo, o único dos personagens protagonistas que não integrou o MPLA, como ente principal. Todos os protagonistas aparecem em todos os capítulos e cada um é uma representação de uma mentalidade e forma de proceder.

### *A Casa*

A primeira parte, *A Casa*, apresenta os quatros protagonistas, além das relevantes personagens Marta e Elias. Todos são jovens, idealista e desejam a libertação das colônias portuguesas, com exceção de Malongo que não tem e nem quer ter opinião a respeito. As personagens estão em Lisboa, ano de 1961, e são frequentadoras da Casa do Estudante do Império e em sua maioria estão ligadas ao MPLA.

Pepetela usa *A Casa* para apresentar os vários matizes do MPLA do período, mostrando que a vertente comunista era apenas uma delas, além de ser minoritária e mal vista dentro do movimento de libertação por essa época. Aníbal, um dos protagonistas, é um estudante fugitivo que vive a se esconder da PIDE depois da descoberta que está para ser enviado para Angola para lutar pelas tropas portuguesas contra os movimentos de libertação. Ele é o primeiro fugitivo do grupo apresentado em *A Casa* e o único comunista convicto, percebe essa alternativa como a única capaz de suplantiar as questões raciais em Angola.

Antes de deixar Portugal rumo à França, Aníbal se esconde na residência de Marta cujas ideias e opiniões remetem ao anarquismo. Enquanto dura esse asilo provisório, além de

se tornarem amantes, o casal discute sobre suas convicções. Após a partida de Aníbal, Marta desabafa com sua amiga Sara.

[...] Dói-me saber que ele está errado, que vai se lixar.

Se não morrer, o que se enquadra melhor com sua maneira de ser, vai desiludir-se. A tal revolução que tem à frente não vai ser como imagina. Nunca nenhuma é como o sonho dos sonhadores. É um sonhador, apesar de toda a sua linguagem rigorosa de comunista. Acaba por ter ideias mais libertárias que as minhas, que ele chama de anarquistas. As revoluções são para libertar, e libertam quando têm sucesso. E tornam-se cadáveres putrefatos que os ditos revolucionários carregam às costas.

[...] Disse-lhe que a Revolução Francesa acabou no terror e Napoleão e que a Bolchevique terminou logo em estalinismo, mesmo antes do Stálin ser o patrão. Procurou rebater, é muito forte em argumentos históricos. Mas lá no fundo ficou tocado, senti. Porque é um sonhador, um utópico. Pior que eu. Ou morre ou se desilude, não tem outra alternativa (PEPETELA, 2013, p.131).

Marta faz na trama o papel de uma vidente, suas previsões pessimistas quanto aos rumos da revolução e sua convicção que, uma vez no poder, os vitoriosos tratarão de nele se manter e de protegerem-se mutuamente acabará sendo confirmada na seção três da obra.

A única protagonista mulher é Sara, branca de classe média, estudante de medicina e nascida em Benguela. É na metrópole que descobre-se angolana, e não portuguesa, também é longe de casa que conscientiza-se dos efeitos nefastos da política colonial.

Foram anos de descobertas na terra ausente. E dos seus anseios de mudança. Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colônias. As primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para uma ordem diferente. E ali, no centro mesmo do império, Sara descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses. Foi um caminho longo e perturbante. Chegou à conclusão de que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o fado português. Que a desejada medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e outros a nada. Que o índice tremendo de mortalidade infantil existente nas colônias, se não era reflexo direto duma política criminosa, encontrava nela um agravante e servia aos seus objetivos. E demonstrou essas ideias numa palestra que fez com um médico cabo-verdiano, no ano passado, que lhe valeu muitos aplausos no fim, mas também uma chamada na PIDE (PEPETELA, 2013, p.11).

Essa personagem com o estouro da guerra de independência em Angola, 1961, passa a ser evitada e até mesmo excluída dos assuntos dos angolanos partidários da emancipação: os nacionalistas negros olham com desconfiança para os nacionalistas brancos. As informações

que obtém são por meio do seu amigo Aníbal, porém, quando este parte de Portugal ela fica em uma espécie de limbo, com sérias dificuldades em descobrir o que se passa.

Não achas estranho que nem tu e nem o Vítor ou outro me falassem dessa nova organização, sabendo que estava preocupada? Era normal que me contassem. Mas fecharam-me, devem ter conversas secretas, todos vocês. Já não mereço confiança de saber das coisas. Por quê, porque sou branca? (PEPETELA, 2013, p.45).

O que não a impede de se integrar ao MPLA e de caminhar para o socialismo e ver no nacionalismo um importante passo para o alcançar.

- No nosso caso, ou no de África em geral, o nacionalismo é uma fase necessária e vale a pena lutar por ele. Não ponho isso em dúvida. Mas provoca também exclusões injustas. E, se exagerado, leva as sociedades a fecharem-se sobre si próprias e a não aproveitarem do progresso dos outros povos.
- Um casamento entre nacionalismo e internacionalismo, é isso?
- Definiste muito bem. Um casamento harmonioso entre os dois contrários antagônicos.
- Mas isso é linguagem marxista.
- Pois é. Resta a saber se essa utopia se pode realizar. Alguns dizem que já a realizaram, com o comunismo. (PEPETELA, 2013, p.91).

Vítor, também um dos protagonistas, é um jovem e inexperiente estudante que almeja a independência de Angola, contudo, não sabe ao certo como ela deve se dar. Seu destaque, nessa primeira parte, são acobertar as escapadas de Malongo e seus diálogos com Elias.

Por sua vez Elias é um protestante, estudante bolsista em Portugal através de sua igreja, e ferrenho defensor da UPA e seus métodos. Enxerga na violência, mesmo contra os próprios explorados, o caminho para emancipação do homem e da sociedade.

- [...] É absolutamente necessário ler Fanon, para entender o presente e o futuro dos nossos países. Ele é antilhano, médico, mas está com os argelinos na sua luta pela independência. Diz por exemplo que só a violência do colonizado pode fazer ultrapassar o complexo de inferioridade que o colonizador lhe inculcou. O colonizado só pode adquirir uma personalidade de homem livre se exercer a violência. Qualquer violência se justifica assim. Como o filho matando o pai, pelo menos em sonhos, para se tornar adulto.
- Por essa teoria, a violência da UPA justifica-se.
  - Exatamente. É a violência dos oprimidos para superar os traumas causados pela violência dos opressores.
  - Não estou de acordo. A UPA mata também a gente de minha terra e da tua, os contratados que vão trabalhar para as roças de café no Norte...

- É uma fase necessária. Para que ganhem a consciência de que são colonizados. Não têm nada de ir para o Norte engordar os roceiros. Estão a colaborar com o colonialismo, mesmo se inconscientemente. Na primeira fase, o terror é necessário para criar consciência. Depois isso terminará. E haverá integração de todos em um país independente (PEPETELA, 2013, p.96).

Segundo Figueiredo, Fanon defendeu a UPA, que usava suas teses para justificar suas ações, como único movimento legítimo em Angola, em detrimento das demais agremiações.

A própria UPA tinha, como já vimos, uma representação em Argel (a cargo de Johny Eduardo Pinnock, em 1963). Um de seus principais suportes era a viúva do grande herói nacional, Frantz Fanon, falecido em Túnis em dezembro de 1961. A Argélia permaneceu apoiando os dois maiores movimentos angolanos mesmo depois da recomendação do GRAE pela comissão de bons ofícios da OUA; os guerrilheiros da UPA seguiram sendo treinados em campos da FLN na Tunísia (a cargo de redes montadas por Fanon e operadas por seus herdeiros políticos), enquanto os do MPLA recebiam instrução de guerrilha em Tlemcen, no noroeste da Argélia, já próximo à fronteira com o Marrocos (FIGUEIREDO, 2012, p.264).

Em acréscimo, Elias é adepto de um nacionalismo de cunho racista. Sustenta a necessidade da exclusão dos brancos e dos mulatos na luta pela independência, principalmente na Angola pós-emancipação, pois eles representariam a continuação do colonialismo, uma vez que são caudatários dele.

- Tu não acreditas mesmo que possamos viver todos juntos em Angola um dia, sem injustiças nem desigualdades?  
 - Com os brancos e os mulatos não. Eles tenderão sempre a dominar-nos (PEPETELA, 2013, p.97).

Por fim, Malongo, o último protagonista. Em *A Casa*, é o único personagem desinteressado sobre a luta de libertação em seu país. Todas as suas ambições são pessoais e egoístas. É jogador do clube Benfica, contudo é desleixado na dedicação aos treinos e justifica suas traições conjugais e opiniões machistas com argumentos baseados no que afirma ser a cultura africana.

Para além dos protagonistas, o romance, não obstante ser de forma superficial, aborda a solidariedade africana aos movimentos de libertação de Angola ao colocar a Argélia como ponto de passagem e treinamento de integrantes do MPLA. Contudo, essa solidariedade vai além, dentro de organismos políticos internacionais, países africanos independentes

intercedem em favor dos movimentos de libertação angolanos. Um exemplo disso se dá já no dia 15 de fevereiro de 1961, apenas onze dias após o início da guerra pela independência, em uma reunião do Conselho de Segurança da ONU, o delegado da Libéria, Padmore, traz a questão do levante iniciado no dia 4 do mesmo mês; ao que o representante português resiste, pois, insiste na tese de que Angola não é uma colônia, e sim uma província portuguesa.

Portugal foi continuamente atacado por oradores anticolonialistas, na primeira parte da sessão da Assembleia Geral da ONU, que terminou a 20 de dezembro passado. Os portugueses insistiram que os ataques não procediam porque Angola – uma rica região agrícola e mineira – é, segundo eles entendem, parte integrante do Portugal europeu.

[...] O Presidente do Conselho Sir Patrick Dean, da Inglaterra, disse que a proposta liberiana não podia prosperar, dadas as normas do Conselho de Segurança, que proíbe ao Presidente do Conselho acrescentar o tema Angola ao programa de trabalho do órgão (Jornal do Brasil, 16 de fevereiro de 1961, p.4)

### *A Chana*

O cenário da segunda parte do livro é a frente leste, próximo à fronteira com a Zâmbia, em 1972. O seu protagonista é Vítor, que assumiu o nome de guerra Mundial. *A Chana* é dedicada a mostrar o começo da traição da Revolução. Nessa obra de Pepetela, Revolução é um termo mais amplo que a definição dada à utopia nesta dissertação, de modo geral ser leal à Revolução é lutar para emancipação de Angola e para o desenvolvimento social de sua gente, sem necessariamente ter uma definição mais precisa de como isso se deve dar.

Por conseguinte a traição da Revolução ocorre quando os guerrilheiros, principalmente os comandantes e responsáveis, passam almejar a independência do país para alcançarem o poder e usufruírem de privilégios. Mundial é a encarnação dessa traição, da transformação do sonho altruísta dos tempos da CEI em luta interesseira. O evento que marca o começo dessa transição é a Revolta do Leste, iniciada em 1972.

Antes de abordar a adesão de Vítor à Revolta do Leste temos acesso às lembranças desse protagonista enquanto esteve na Europa. Todas elas remetem a festas e farras. Não surge nenhuma sobre conversas sobre a situação de Angola e seu futuro. Essa estadia na Alemanha com direito a passeios na França revelam um estudante nada aplicado e nada interessado no que não lhe conferia prazer imediato.

[...] perdeu a bolsa de estudos por reprovar dois anos seguidos [...] viveu dum emprego de inquiridor numa firma de publicidade, até ser despedido por preencher os questionários em casa para não se maçar a interrogar pessoas; e voltou a ser chamado pelo Movimento, por não ter terminado o curso. Uma injustiça, pois outros nas mesmas circunstâncias tinham ficado pelas Europas (PEPETALA, 2013, p.158).

Portanto, foi incorporado à guerrilha por ter desperdiçado outras opções e não conseguir encontrar outra possibilidade.

É a insatisfação com a grande concentração de indivíduos do Norte em postos chaves que irá alimentar o descontentamento dos guerrilheiros da Frente Leste.

De fato, a tensão no leste tinha uma face étnica muito bem definida. A implantação do MPLA na região tinha-se dado pela transferência de comandantes militares e quadros da Frente Norte, em sua maioria ambundos ou congueses. Os guerrilheiros e a população do leste em geral ressentia-se de ser comandada por gente que eles chamavam de kamundongo (“os do Ndongo”, principal formação política da região ambundo entre os séculos XVI e XVIII). Em 1969, essa tensão havia tomado a forma de um motim, liderado por um guerrilheiro cognominado Jibóia. Apesar de abafado o levante, as clivagens seguiam muito bem demarcadas quando Pepetela chegou à região, alguns anos mais tarde (FIGUEIREDO, 2012, p.336).

Em, 1972, a manutenção dos principais cargos em mãos de membros do Norte será o argumento para a Revolta do Leste, liderado por Daniel Chipenda.

Mas, fosse no leste, fosse no norte, a situação evoluiu muito mal no interior do MPLA entre 1972 e 1974. Militarmente, o quadro era mesmo muito ruim. E, mais uma vez, raça e etnicidade forneceriam o vocabulário em torno do qual se organizariam as insatisfações, os agrupamentos e as demandas (FIGUEIREDO, 2012, p.337).

Com o começo da insatisfação no Leste, Mundial começa a medir o terreno com intuito de saber se é oportuno aderir à Revolta, considera que ela pode obter êxito e lhe proporcionar benefícios. Tem uma discussão com Aníbal, cujo nome de guerra é Sábio, sobre a Revolta. Os argumentos em favor do motim são o monopólio de postos elevados e privilégios na mão de guerrilheiros do Norte, ao que Sábio replica.

[...] O mal é que vocês agora opõem-se aos do Norte, não para corrigir os erros, mas para aproveitarem desses erros. Estaria do teu lado se disseses o Movimento não se preocupa com o povo, todo o tecido deve ser para o vestir, vamos acabar com os privilégios dos responsáveis, com o muatismo. Mas não. Dizes é um direito ficar com uma parte, direito instituído pelos primeiros responsáveis e que o Movimento tolerou. Mas para ter esse direito



é preciso ser responsável. Por isso corramos com os outros para nós gozarmos esse direito. Não estás a pensar em melhorar as coisas, em acabar com todos os erros que trouxeram a luta para trás. Estás, como os outros, a pensar utilizar a situação atual em teu proveito. Isso tem um nome, é oportunismo (PEPETELA, 2013, p.174).

Aqui, Sábio dá voz à opinião de Pepetela, entende as rixas étnicas como tribalismo: argumento supostamente baseados na tradição, contudo, com o intuito de providenciar privilégios privados. E Vítor, fazendo uso desse argumento, adere à Revolta do Leste. Mais uma ocasião evidencia que a Revolução não é a causa de Vítor, a sua causa é ele mesmo.

Ao longo de *A Chana*, Vítor está sozinho e perdido, ao mesmo tempo que busca localizar seu grupo revive vários acontecimentos, sejam eles na guerrilha ou na Europa. Nesse momento pensa em se entregar aos portugueses ao descobrir uma base deles próxima.

Com a farda e a arma, abandonará o nome de Mundial e retornará ao seu verdadeiro nome de Vítor Ramos, estudante de profissão. Em Nova Lisboa pode estudar Veterinária, formar-se-á com 35 anos, ainda não é tarde. Aqui é que nunca fará nada. Mesmo se não morrer ou for apanhado, que será dele quando o Movimento rebentar?

[...] Eu aceito arriscar, mas quando há a possibilidade de ganhar (PEPETELA, 2013, p.186).

Adia sua rendição para o período noturno, após recordar sua conversa com Sábio, nela, ele o taxa de oportunista. Aqui, Mundial se mostra mesquinho, planeja entregar o companheiro de luta para conquistar alguma posição junto aos inimigos. Diante de privações como fome e frio, deseja conseguir um lugar no lado colonial.

Um traidor, um renegado, irei indicar a base do Sábio, darei a todos os pormenores sobre a organização, explicarei como devem explorar os conflitos tribais que existem, como isolar ainda mais os camundongos, falarei de crimes na rádio, farei tudo o que me pedirem. Serei outro homem, já não serei fraco (PEPETELA, 2013, p.199)

A traição só não foi levada a cabo, pois no caminho para o posto é encontrado por outro grupo de guerrilheiros do MPLA, a ponta de um contingente maior, que estudava o local para um ataque posterior. Mundial é resgatado e quando questionado do perigo de estar a andar próximo do posto, afirma não o ter percebido, apenas aproximou-se do rio para beber água. Salvo de aderir às forças coloniais, parte para aderir à convocação da Revolta do Leste e tenta persuadir seus companheiros dessa necessidade, convence quase todos, menos Mukindo que murmura após ouvir sua palestra “O povo é como tronco de árvore. Todos se apoiam a

ele, sobem por ele, para apanhar os frutos que estão lá em cima. Não é o povo que lhes interessa. Só os frutos” (PEPETELA, 2013, p.212).

No final da segunda parte, enquanto ruma para a fronteira para se juntar à Revolta, Mundial e dois camaradas realizam uma caçada que pode ser percebida como simbolizando a morte dos ideais utópicos e a traição da Revolução e por consequência o aborto da nação fraternal e igualitária que germinaria dela.

Os três homens dispararam e voltaram a disparar. A cabeça desarticulou-se. O mbambi estava morto, os olhos abertos para o sol. Procurando talvez uma explicação. O ventre, rasgado pelas balas, deixara cair o feto que nele germinava e que agora era uma bola sanguinolenta e palpitante. [...] Com a bota, pisou a cabeça do feto, que parou de palpitar (PEPETELA, 2013, p.223).

### ***Revolta Nitista***

Sobre a Revolta Nitista, ocorrida em 27 de maio de 1977 em Luanda, pesa a controvérsia entre os autores se tratou-se de uma tentativa de golpe camuflado, isto é, não havia o intuito de apelar Agostinho Neto do poder, contudo, tencionava afastar os demais membros do alto escalão, excetuando os que capitaneavam ou se juntaram à Revolta Nitista; ou apenas um movimento que desejava reformar o MPLA. Esta é a tese defendida pelos autores Dalila Cabrita Mateus e Álvaro Mateus em *Purga em Angola* (2015).

Entre os chamados nitistas seria consensual a necessidade duma alteração na direção política e nas orientações seguidas. Mas não havia acordo quanto à forma de efectivar.

Uns terão considerado inevitável um golpe de Estado. Ao passo que outros, partindo do princípio de que a teoria revolucionária condenava o golpe de Estado, por ser uma ação desligada das massas, terão julgado preferível desencadear um amplo movimento de protesto, capaz de travar a repressão. Resolvem, pois, avançar para uma grande manifestação, conjugada com algumas acções militares, sobretudo de carácter anti-repressivo. (MATEUS, MATEUS, 2015, p.110).

Nito Alves era um dirigente da Primeira Região militar que ganhou proeminência ao fervorosamente se pôr ao lado de Agostinho Neto contra a Revolta do Leste e a Revolta Activa. Isso lhe angariou a entrada no Comitê Central e o cargo de ministro da administração interna. Sua influência torna-se ainda maior ao ser um dos principais articuladores de purgas

internas: contra os Comitês Almílcar Cabral, CAC, Organizações Comunistas de Angola, OCA e os integrantes da Revolta Activa.

Nesse processo, e amparando-se principalmente em suas leituras de Lênin, Nito Alves identificou uma série de inimigos políticos. Os primeiros foram os CAC. Nito Alves combateu-os através de meios de comunicação oficial, a que tinha acesso, e na prática da política cotidiana, por meio de uma aliança com os Comitês Henda, a partir de um dado momento liderados por Sita Valles, que abandonara seu curso e sua militância estudantil em Lisboa para voltar à sua Angola natal na altura da independência, integrando-se no Departamento de Organização e Massas (DOM) do MPLA. Os CAC terminaram dissolvendo-se, com parte de seus membros integrando-se ao movimento em bases individuais, outros deixando definitivamente Angola em direção a Portugal. Alguns, entretanto, foram presos, principalmente aqueles que se haviam dedicado à criação da OCA

O segundo alvo foi a Revolta Activa. Em 28 de março de 1976, na volta de um curto período de formação que tivera na União Soviética, o astro ascendente do MPLA defenderia, num comício amplamente repercutido nos meios oficiais de comunicação, a necessidade de eliminar os membros da corrente oposicionista. Nito Alves chegou a participar de reuniões de negociação, como emissário do MPLA. Adolfo Maria recorda uma ocasião particularmente tensa, quando foi exigida aos membros da Revolta Activa uma autocritica pública como condição para o reingresso no movimento. (FIGUEIREDO, 2012, p.356).

A autocritica nunca foi feita e os membros da Revolta Activa, muito graças a Nito, não foram integrados. Um dos principais meios de ascensão desse dirigente do MPLA foi em ser peça chave na promoção de purgas. Entretanto, a continuidade desse método, ao mirar a cúpula do partido:

Os integrantes da Revolta Activa foram encontrar as prisões já ocupadas por membros do CAC e da OCA; em junho de 1976, quando ocorreram as eleições para os órgãos do poder popular, essas duas organizações foram proibidas de apresentar candidatos, por serem consideradas de natureza contrarrevolucionária. A partir daí, Nito Alves tinha por trás de si o apoio de grande parte das assembleias de base, além de aliados bem posicionados em vários órgãos do MPLA. Nesse momento, identificou o seu terceiro inimigo, desta vez não congregado em uma sigla, como os anteriores, mas disperso nas próprias estruturas de poder do movimento e do Estado angolano: a aliança tática contrarrevolucionária que alegadamente unia maoísmo e social-democracia, corporificada na figura de Lúcio Lara e diversos outros integrantes do que poderíamos chamar de “direção histórica” da organização. Essa direção, entretanto, achou que bastava. Após meses de disputa por influência em praticamente todas as esferas da vida pública angolana, dos muceques aos órgãos do MPLA e do Estado, Nito Alves foi formalmente acusado de promover o “fraccionismo” em outubro de 1976, com base em informações da DISA. Seus apoiantes foram afastados dos cargos na estrutura do movimento e do Estado, e os órgãos do poder popular foram considerados ilegítimos. A disputa continuou no interior do Comitê

Central, e a 21 de maio de 1977 Nito Alves e José Van Dúnem foram afastados de suas funções — o que foi comunicado aos militantes da base do movimento pelo próprio Agostinho Neto, em um comício promovido nesse mesmo dia (FIGUEIREDO, 2012, p.357).

Em resposta à acusação formal e pública de fracionismo, Nito optou por aumentar a carga. Acusa vários dos mais destacados membros do MPLA de ameaçarem o desenvolvimento do processo revolucionário e prestarem um ótimo serviço ao imperialismo mundial (MATEUS, MATEUS, 2015, p.68). Esse procedimento além de não colocar os adversários na defensiva, piorou drasticamente sua situação aos olhos do presidente Neto. Assim, Nito Alves encontrou-se em situação semelhante às suas vítimas: a de deter de retratar-se publicamente. Ato este que significa a morte política. Recusou-se a isso, tal atitude levou Neto a lavar as mãos, deixando no ar o destino trágico que viria a ter (MATEUS; MATEUS, 2015, p.85).

Nito Alves é feito prisioneiro junto com vários de seus seguidores. Este será o estopim da Revolta, levará seus apoiadores a darem início ao levante de 27 de Maio. Fazendo uso de um tanque de guerra, nitistas invadem a cadeia de São Paulo, tirando de lá os seus partidários presos. Fazem o mesmo em outros locais, incluindo onde se encontra o seu líder (p.90). No mesmo dia, nitistas tomam a Rádio Nacional e van Dúnem, outra liderança proeminente, ocupa seu microfone para defender a Revolta Nitista.

A insubordinação não parou nisso, militares da 9ª Brigada, responsável pela defesa de Luanda, adeptos da Revolta fizeram presos políticos e os mantiveram dentro de seus muros. Esses dirigentes foram libertados pelos soldados cubanos ao recuperaram para o poder estabelecido a 9ª Brigada, a Rádio Nacional, além do controle sobre capital (p.95).

Pela enumeração dos eventos, a tese de golpe ou de tomada de poder com base em um pressuposto apoio popular não parece absurda, como fazem parecer em sua obra, *Purga em Angola*, Dalila Cabrita Mateus e Álvaro Mateus. Membros da Primeira Região militar já haviam demonstrado anteriormente, ainda durante o tempo da guerrilha, possuírem disposição para recorrerem à força para fazerem valer a sua vontade.

Em 1972, Lúcio Lara, representante do MPLA em Brazzaville, foi sequestrado nas instalações da representação por um grupo de guerrilheiros chegado da 1ª Região, em busca de meios materiais logísticos. A questão principal nas reclamações seria o papel de mestiços e brancos, assim como dos intelectuais, na organização. Denunciavam o estatuto privilegiado de que gozavam e o facto de serem poupados de tarefas essenciais da luta, ficando ao abrigo de privações e dificuldades. (MATEUS, MATEUS, 2015, p.54)

Portanto, a tese de golpe de Estado, seja de forma imediata ou mais provavelmente por escalas até atingir Neto, parece verossímil, pois, caso a purga iniciada por Nito fosse levada a efeito, sobriariam na alta cúpula do MPLA basicamente entes oriundos da Primeira Região, e Agostino Neto ficaria, em Luanda, rodeado majoritariamente por nitista, o que o poderia deixar em situação de virtual refém desse grupo; uma vez que até os militares da 9ª Brigada se aliaram à Revolta.

A questão de a Revolta de 27 de Maio ter ou não apoio popular se deve ao referencial tomado. Em Luanda, Nito Alves contava com esse apoio. Entretanto, os próprios autores de *Purga em Angola*, apontam em sua obra que militares de fora da Primeira Região não sabiam quem era Nito Alves, quanto mais das críticas que ensejaram a Revolta (p.122). Dado esse que pode ter exercido influencia no fato de Neto ter sido poupado pelas críticas nitista, uma vez que Agostinho Neto era o único líder reconhecido em âmbito nacional pelos membros do MPLA.

A base popular poderia crer tratar-se de um reforma e não de um emparedamento do presidente. Contudo, a entrada em ação dos militares ao prenderem dirigentes e libertarem presos políticos feitos pelo governo, possivelmente, contribuiu para o que assemelhava seguir os passos das demais purgas converter-se em uma carnificina que não se contentou em sacrificar apenas os líderes nitistas. O levante acabou sendo utilizado como pretexto para perseguições individuais, sejam por vingança, teorias da conspiração infundadas como a prisão e execução de estudantes mandados à União Soviética, e desejo de abrir espaço para ascensão dentro da burocracia estatal, seja pelos supostos bons serviços prestados ou por providenciar a vacância de cargos cobiçados. Portanto, a resposta do governo ao 27 de Maio foi desproporcional e criminosa, fabricou milhares de assassinados e desaparecidos: podendo facilmente ser enquadrado em crimes contra a humanidade.

As famílias na intimidade continuam a lembrar seus parentes desaparecidos no decurso desses anos de terror e a interrogar-se por que razão as autoridades não lhes dão uma satisfação. [...] Uma parte dos desaparecidos morreu devido a torturas sofridas em centros de detenção. Outros foram passados pelas armas e seus corpos jogados em fossas clandestinas. Todavia, houve vítimas cujos cadáveres se torna impossível recuperar. Os exterminadores cremaram os despojos ou lançaram-nos ao mar. Mas de mil desaparecidos se acham sepultados no fundo do oceano. Uma chacina inominável (PACHECO, 2011, p.53)

### ***Participação de Pepetela na reação ao 27 de Maio***

Antes da Revolta, Nito Alves vinha promovendo acusações a membros em cargos destacados do MPLA, por conseguinte, seu procedimento de anulação de adversários, que até então o fazia ascender dentro das estruturas do poder, encontrou um óbice: parte dos seus alvos eram os verdadeiros donos do poder. Com isso, a máquina estatal que até então se beneficiava dos seus métodos e por isso os admitia e os incentivava entra em ação contra ele. Entretanto, Nito também era parte dessa máquina e com aliados distribuídos e bem posicionados por toda ela. Este entrave levou à faxina/massacre da repressão.

Como afirmado anteriormente, Nito Alves negou-se a retratar-se publicamente, o mesmo que aceitar a morte política, em vez disso optou por aumentar o tom das acusações em sua *As Treze Teses em Minha Defesa*, de 11 de fevereiro de 1977:

Acusa um grupo de dirigentes e quadros do MPLA de estarem eles próprios a preparar um golpe militar. E denuncia encontros constantes numa casa do Bairro Alvalade, na Rua Camilo Castelo Branco, números 14-16, atrás do cinema Avis. Nessa casa, pertencente a Júlio de Almeida (Juju), encontrar-se-iam Lúcio Lara, Costa Andrade, Pepetela, Onambwé, Henrique Abranches e Iko Carreira (MATEUS, MATEUS, 2015, p.71)

Se esses indivíduos citados não tramavam o golpe de estado apontado, então parece plausível que os denunciados passassem a crer que o acusador é quem tinha tal ato em mente. Foi dentro desse contexto que Pepetela escreveu o conto da *Víbora da Cabeça ao Contrário* em 15 maio de 1977, publicado apenas em 21 de julho no *Diário de Luanda*. Nele, a Víbora é a representação de Nito Alves que se faz de amigo do Leão, Agostinho Neto, colocando-se ao seu lado com a intenção de o atrair e, assim, ocupar o seu lugar (p.76). Na guerra da calúnia e da difamação, dessa vez, Nito saiu derrotado.

À vista disso, Pepetela passou a estar entre aqueles que consideravam a facção nitista fraccionista, se não golpista, e sua participação na contraofensiva à retórica nitista, após o 27 de Maio, não se restringiu ao conto. Integrou o que veio a se tornar conhecida por Comissão das Lágrimas. Esta foi a formação de uma comissão criada durante a reação governamental à Revolta Nitista para interrogar alguns suspeitos, notadamente artistas e intelectuais. Além de Pepetela, compôs essa comissão outro proeminente escritor, Luandino Vieira.

A chamada Comissão das Lágrimas foi criada pelo Bureau Político do MPLA, com o objetivo de selecionar os depoimentos dos presos do 27 de Maio. No entanto, como veremos, alguns dos seus membros interrogaram e

provocaram os detidos. A Comissão era constituída majoritariamente por quadros intelectuais, alguns *argelinos*, designação atribuída durante a luta de libertação a mestiços e brancos que tinham estado exilados na Argélia. Dela fizeram parte: Iko Carreira, Henrique Santos (Onambwé), Ambrósio Lukaki, Costa Andrade (Ndunduma), Paulo Teixeira Jorge, Manuel Rui Monteiro, Diógenes Boavida, Artur Pestana dos Santos (Pepetela), José Mateus da Graça (Luandino Vieira), Agostinho Mendes de Carvalho, Eugénio Ferreira (filho), Rui de Carvalhos (MATEUS, MATEUS, 2015, p.126).

Sobre a Comissão há uma querela quanto a dimensão atingida pela Comissão e seu papel na repressão. Para Pepetela ela se reduziu a interrogatórios, uma vez que a Comissão não promoveu tortura, mortes e nem outros crimes. Entretanto, Dalila e Álvaro apontam em *Purga em Angola*, por meio de testemunhos de vários interrogados da Comissão, que os inquiridos não eram tratados com presunção de inocência. Sendo previamente considerados culpados ou conspiradores, as perquirições eram conduzidas com agressividade, ameaças psicológicas, isso quando não ocorria a insinuação de se caso não colaborassem seriam transferidos para outros não tão cerimoniosos quanto eles: um eufemismo para afirmar que ficariam aos cuidados de torturadores (MATEUS, MATEUS, 2015, 127).

Para o historiador Carlos Pacheco, que foi vítima da Comissão das Lágrimas, os seus interrogatórios poderiam vir a tornar-se a antessala para a tortura e morte, a depender da avaliação dada por seus membros, caso estes concluíssem a necessidade da entrara em ação de outros setores para obtenção de informações. Pacheco, em *Angola, Um Gigante Com Pés de Barro*, escreve um carta aberta a Pepetela por, segundo o autor, minimizar o papel da Comissão nas atrocidades de 27 de Maio.

Em todos estes anos teria preferido vê-lo doutra forma, não como um escriba sentado e submisso que sempre cortejou o príncipe e sua corte, ou como alguém que sempre, e em todos os momentos, se acomodou aos servilismos culturais do MPLA e aos fetichismos do seu regime político; ou que sempre se calou diante das monstruosidades criminais totalitárias de Agostinho Neto e do seu governo e sempre fingiu ignorar os abusos praticados contra a cidadania, o pensamento e a liberdade de expressão (PACHECO, 2011, p.79).

E especificamente sobre a participação na Comissão das Lágrimas:

Outra explicação que se lhe pede tem a ver com a sua postura moral ante a avalanche de actos hediondos pelos quais se decapitou uma parcela da juventude angolana, talvez a melhor do MPLA. [...] Que adianta, pois, afirmar não ter sujado as mãos de sangue e não ter participado de sentenças de morte, se tendo estado no lugar em que esteve – e indo até o fim –

cumpriu ordens imorais e se tornou cúmplice dessa vasta armadilha de terror e sangue (PACHECO, 2011, p.91).

Há excessos nas afirmações, Pepetela já declarou em entrevista que o MPLA traiu a revolução, sua obra literária, de Lueji em diante, condena o MPLA e o responsabiliza pela tragédia social angolana. Portanto, é improcedente alegar que Pepetela sempre e em qualquer circunstância chancelou o MPLA. Pacheco parece tomar toda a obra do autor e suas ações pelas aquelas da década de 70, quando realmente era um militante e via o MPLA como o grande responsável para conduzir Angola à utopia. O mesmo faz a obra *Purga em Angola* nos poucos trechos dedicados ao autor de *Lueji*. Entretanto, Pepetela se desligou do governo décadas antes de ambos os textos terem sido escritos e teceu diversas críticas ao MPLA tanto em declarações quanto em suas produções literárias.

Quanto às atrocidades cometidas pelo MPLA na repressão ao nitismo, as declarações do autor são amenas. O mesmo se dá em relação aos crimes cometidos por ambos os lados na guerra civil. Existe uma alusão ao 27 de Maio na terceira parte, *O Polvo* de *A Geração da Utopia*, e sobre a guerra civil na quarta parte do mesmo livro que foi escrito durante o armistício do conflito entre MPLA e UNITA. Contudo, Pepetela não se imiscui nesses temas. Talvez esses assuntos de fratricídio sejam evitados por serem vistos como um fator de aprofundamento da segregação e da rivalidade entre angolanos. Porém, a superação de tragédias se dá pelo enfretamento de suas dores e consequências, e não por uma tentativa de esquecimento que nunca se realizará. Outra possibilidade é a de Pepetela não ter conseguido lidar com o tema.

Em acréscimo, não é evidente que durante o calor da reação os membros não diretamente envolvidos nas capturas, torturas e mortes soubessem da dimensão do massacre, uma vez que a imprensa e outros meios de informação serviam ao Estado repressor. Ademais, o autor, à época dos textos de Pacheco e de Dalila Mateus e Álvaro Mateus, já há muito havia reconhecido o terror promovido pelo governo contra a Revolta Nitista. Sendo assim, a divergência factual é o papel e o peso da Comissão das Lágrimas nesse evento.

### ***Outra ausência***

Antes de entrar na terceira parte, a passagem de *A Chana* para *O Polvo* além de ignorar a Revolta Nitista, pula os anos de 1974 e 1975 que compreendem desde a Revolução



do Cravo, ocorrida em abril do primeiro ano, ao 11 de novembro do último, data oficial da independência de Angola. Isso significa que no romance em que Pepetela pretende fazer uma biografia do MPLA, o autor optou por não tratar de acontecimentos essenciais para a independência de seu país. Em uma leitura a contrapelo tal ausência indica que na década de noventa o autor mantém algumas das convicções da época da escrita de *As Aventuras de Ngunga e Mayombe*.

No dia 11 de novembro Angola será independente, estabelece o acordo assinado em Alvor pelos três movimentos de libertação angolanos e o Governo de Lisboa. O documento prevê a formação de um Governo de transição, integrado pelo MPLA, FNLA e UNITA, com números iguais de ministérios, ficando Portugal com as Pastas da Defesa e Relações Exteriores. Angola não terá um Primeiro-Ministro, e sim um Conselho Presidencial constituído por três pessoas – um representante de cada organização – que se revezarão na chefia (GÓES, 16 de janeiro 1975, p.2).

O leitor de *A Geração* não é informado pela obra que o acordo pactuado com Portugal e demais movimentos previa um governo conjunto. Esse silenciamento faz sentido, pois, dentro da literatura de Pepetela, o MPLA era o único movimento legítimo para governar Angola, pois parte dos seus membros almejava erigir em Angola uma afinidade eletiva baseada no socialismo. Portanto, associar-se com os demais movimentos lhe pareceria fazer aliança com neocolonizadores nativos que objetivavam estabelecer no país o neocolonialismo. Assim, deve ter sido, na época, um alívio ao escritor o estabelecimento oficial apenas do MPLA no poder e uma mortificação ao não conseguir estabelecer-se em todo o território nacional.

O Movimento Popular de Libertação de Angola assumiu ontem o controle absoluto de Luanda, produzindo-se assim o colapso do Governo transitório tripartite estabelecido para conduzir o país à independência, marcada para 11 de novembro próximo.

Os últimos soldados da Frente Nacional de Libertação de Angola deixaram a capital, que já não contava com nenhum efetivo da União Nacional pela Independência Total de Angola, que concentrou suas forças no Sul do país, região praticamente por ela dominada. A FNLA domina grande parte do Norte (GÓES, 13 de agosto de 1975, p.12).

A terceira parte da obra, *O Polvo*, se passa em 1982 entre as regiões de Benguela e Luana. Pepetela faz seu enredo saltar sobre a conquista da independência e a Revolta Nitista em razão de dedicar essa seção à traição dos ideais revolucionários e aos expurgos dos mestiços culturais ideais. Estes não são tratados de maneira a assemelhar-se com relato histórico ou jornalístico, por meio de *A Geração* não é possível saber que os expurgados de 77 foram presos e mortos, e os de 82 foram afastados ou desligados do partido e do governo.

Pepetela lança mão de duas personagens para representar o defenestrados de 77, reação de Neto ao nitismo, e de 82, reação de Eduardo Santos às críticas da ala progressista. Elas são respectivamente Aníbal, codinome Sábio, e Sara; ambas representam os que lutaram pela utopia e se mantiveram nela durante todo o percurso e por incompatibilidade ética deixaram o MPLA: Aníbal em 1977 e Sara a em 1982. Sendo assim, no romance, essas personagens ao deixarem o partido ao invés de serem expulsas, revela a intenção do autor em concentrar-se no choque de concepções. Por seu turno, enquanto Aníbal e Sara são metáforas do compromisso com o desenvolvimento social e com a fraternidade social, Vítor é a encarnação da traição a ele.

É certo que tais personagens funcionam no texto como metáforas dessa geração, sendo espécies de representantes de possíveis interesses e também de possíveis mudanças de perspectiva a que o ser humano está sujeito. Talvez a nação angolana idealizada não tenha sido possível, não pela impropriedade das idéias que a sustentavam, ou pela não validade das idéias revolucionárias, mas por outros fatores e jogos de força, em que os interesses particulares falam mais alto que os interesses do povo, ou da nação. O que se verifica é que o equívoco na estruturação da máquina estatal, e que permitia a corrupção desenfreada, e os privilégios dos dirigentes e de altos funcionários impediam que se construísse a tão esperada justiça social. E é exatamente por ela que Sábio lutou para fazer a independência política de Angola, daí o seu isolamento e “ressaca” cívica que vai além do embriagar-se fisicamente com kaxipembe. Pepetela não deixa de refletir acerca dos valores do mundo anterior - que se pensava derrotado – já que são eles que orientam grande parte das práticas construtoras da nova realidade, e é neste processo que as contradições se afloram de forma nunca vista antes (MIRANDA, 2006, p.51).

Em *O Polvo*, somos guiados pelas percepções de Aníbal, os acontecimentos de 77 o levaram a abandonar a vida cívica e a autoexilar-se na praia da Baía Azul, um local ermo próximo a Benguela. Nessa divisão, constatamos que Marta, que aparece apenas em *A Casa*, faz às vezes de Cassandra, suas predições trágicas realizam-se: a decepção de Aníbal e a corrupção do Movimento de Libertação ao alcançar o poder. Através dos pensamentos do protagonista e dos seus diálogos com outros interlocutores ficamos a par de que todos aqueles

entraves, equívocos e armadilhas que inibiriam a realização da utopia anunciados na carta do CEA e nos primeiros romances, *As Aventuras de NGunga e Mayombe*, e que deveriam ser solucionados, foram mantidos e legitimados.

Vítor, Mundial, cuja traição à utopia já havia iniciado ainda no tempo da guerrilha, em *A Chana*, ascende dentro da estrutura do governo, tornando-se ministro, por internalizar e praticar todas aquelas condutas deletérias apontadas nos primeiros romances como nocivas à igualdade e à fraternidade. Contudo, na terceira parte de *A Geração* não há mais espaço para se atribuir o rumo tomado pelo MPLA, representado pelas ações e pensamentos de Vítor, por erro de percepção, como se dava em *Lueji*. Trata-se de cálculo e de método, os discursos remetem à utopia apenas para legitimar o poder, à vista disso, as práticas são para manter esse poder e angariar privilégios.

Tu, eu, o Laurindo, o Vítor antes, para só falar dos que conhecestes. Mas tantos outros, vindos antes ou depois, todos nós a um momento dado éramos puros e queríamos uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o paraíso dos cristãos, em suma. A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Quando as pessoas se aperceberam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. Cada um começou a preparar as bases de lançamento para esse poder, a defender posições particulares, egoístas. A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. Dela só resta um discurso vazio (PEPETELA, 2013, p.245).

Embora, se mostre totalmente descrente da política, o que Sábio não mais possui é um arcabouço político e econômico capaz de dar andamento à utopia.

Para Pepetela a utopia não representa a busca de um sonho irrealizável; ao contrário, a ideia da mudança surge-lhe como base para a crença num projeto que se identifica com os anseios de uma geração não conformada com o estado opressivo imposto pelo regime português (MARINANGELO, 2009, p.289).

É justamente este projeto que suas personagens não mais possuem, o mesmo vale para autor, após a decepção com o MPLA. Contudo, não considera impossível a criação de outro projeto político e econômico que viabilize a utopia, por isso faz Aníbal apontar uma nova geração disposta a lutar por esse projeto, pois a atual, encastelada no poder, há muito não possui mais esse interesse. Em suas mãos, o Estado em vez de tornar-se o instrumento da justiça social converteu-se em instrumento de enriquecimento e concentração de poder.

Não temos futuro, nem representamos o futuro. Já somos passado. A nossa geração consumiu-se. Fez o que tinha a fazer a dado momento, lutou, ganhou a independência. Depois consumiu-se. É preciso saber retirar, quando se não tem mais nada para dar (PEPETELA, 2012, p.260).

Há uma inferência à ideia capital de *Lueji*, o surgimento de uma nova geração capaz de conduzir à utopia. Porém, por considerar que esse novo projeto e essa nova geração ainda não existem, Pepetela em *Lueji* os constrói por meio de parábolas e em *A Geração* aponta a necessidade do surgimento de ambos.

Em *A Geração*, duas personagens parecem aproximar-se do que podemos caracterizar como alter ego de Pepetela, contudo em momentos diferente. Em *A Casa*, o idealista Aníbal assemelha-se muito com o idealismo apontado por Pepetela em entrevistas sobre a época em que frequentava a Casa do Estudante do Império, em Lisboa, porém, a protagonista dessa parte é Sara. Em *O Polvo*, quando Aníbal é o personagem vital, a biografia de Pepetela aproxima-se da trajetória de Sara. Ela é branca, como Pepetela, nasceu em Benguela e tem origem na classe média, como Pepetela. Não obstante, o que a faz poder ser reconhecida por alter ego do autor é que ao sair do governo, em 82, não optou por afastar-se da sociedade, apenas do MPLA, e por meio do seu emprego de médica continuou a contribuir para sociedade tal qual Pepetela, ao deixar o partido continuou com suas aulas na Universidade Agostinho Neto. Quanto a Aníbal, na trama, morreu socialmente, fazendo-o ser condizente com os expurgados de Maio de 77. Em vista disso, os possíveis representantes de momentos biográficos do autor o são quando são coadjuvantes e escadas dos protagonistas.

Outros itens traídos das propostas apresentadas nos romances anteriores de Pepetela até aqui abordados são manter na nova sociedade os elementos ou ensinamentos da tradição benéficos para a fraternidade social e para o desenvolvimento social e a elevação do mestiço cultural em mestiço cultural ideal:

Esses velhos que desprezamos, imbuídos de nossa cultura citadina judaico-cristã, tem muito a nos ensinar sobre a gestão do tempo, sobre os ritmos da vida. Beberam isso na fonte da sabedoria. Transmitem esses ensinamentos através das fábulas, de poemas orais, de adivinhas. Apesar de aparecerem em livros, não os sabemos ler. O que eles nos dizem, com as suas palavras, e que não entendemos, é que a natureza tem os seus próprios ritmos com os quais nos devemos conciliar para modificar a natureza. Ora, o que fazemos nós, os crioulos híbridos de duas civilizações? Impomos apenas a componente da industrialização e do desenvolvimento exógeno, quer sejamos socialistas quer capitalistas, o que implica outros ritmos. E depois admiramo-nos porque a natureza não nos segue, nos prega partidas a todos os instantes. Eles sabem disso, e dizem-nos, mas como são analfabetos, o nosso

preconceito emudece-os ao nosso entendimento. Nós temos o conhecimento sagrado do marxismo-leninismo ou do ultraliberalismo do FMI, estudámos nas melhores universidades, como nos vamos rebaixar, perder tempo, a tentar entender o que nos ensinam? E se as coisas correm mal, como têm de correr, arranjamus desculpas em fatores de fora, nunca vemos nossa própria cegueira. (PEPETELA, 2013, p.266).

### ***O Templo***

Quase todas as personagens apresentadas na primeira parte, *A Casa*, são o que Pepetela denomina mestiço cultural; em outras palavras, são indivíduos que se apoderaram e se beneficiaram das convergências culturais advindas da colonização. Como descrito anteriormente, esses indivíduos podem evoluir para mestiço cultural ideal ou para agente do neocolonialismo. Ao longo do romance algumas personagens transmutam-se em neocolonizadores nativos, é caso de Vítor, Malongo e Elias; outras, em mestiços culturais ideais: Aníbal e Sara.

Ao contrário do enredo de *Lueji*, ao longo da trama de *A Geração da Utopia*, notadamente em sua quarta e última seção, ocorre a entronização no poder do neocolonialismo cuja ascensão viabilizou-se graças à conversão ativa e consciente de mestiços culturais em neocolonizadores em sua própria terra, em exploradores da sua própria gente.

O papel principal em *O Templo* cabe a Malongo, justamente o único a não se importar com a luta de independência de Angola desde os tempos da Casa do Estudante do Império. Tal qual Vítor, possui um caráter egoísta e a disposição de sempre angariar uma vantagem pessoal em qualquer situação mesmo que em detrimento de outros. As diferenças entre esses protagonistas se devem ao fato de Malongo apresentar tais características desde sua primeira aparição no romance, enquanto Vítor passa a dar sinais delas a partir da segunda parte. Outro atributo seu é o desinteresse pelo destino de Angola, o que fez Malongo nunca compor nenhum movimento de libertação. Sendo assim, tomamos ainda mais conhecimento da personalidade de Malongo em *A Chana*, cujo protagonismo cabe a Vítor. Em meio à fuga, pensando em render-se aos portugueses e trair o movimento, o guerrilheiro Mundial ao recordar uma visita feita a Sara em Paris, antes de vir para a guerrilha, nos informa: Malongo vivia à custa da esposa Sara que também sustentava e criava a filha do casal sozinha; gastava todo o dinheiro conquistado consigo mesmo e com outras mulheres até, por fim, abandonar a família, sem nem sequer um aviso, e ir morar em Amsterdã.

*O Templo* não possui um enquadramento temporal como as três partes anteriores, Pepetela em vez de nos apresentar o intervalado de tempo ao qual cabe à quarta seção coloca apenas, a partir de 1991. Trata-se de uma clara referência a conclusão da transição do Estado angolano para a economia de mercado. Posto que *A Geração da Utopia* foi publicado em 1992, também tem o intuito de assinalar ao leitor que o apresentado nesta parte é e será a nova ordem em que Angola viverá por algum tempo. Nessa nova ordem, já anunciada por Aníbal em *O Polvo*:

Aqui são os candongueiros, que hoje crescem à sombra de pequenos negócios mais ou menos ilícitos, de transporte de pessoas e mercadorias, trocas desiguais com o camponês ou pequeno comércio nas cidades, desvios, roubos, falsificações de documentos, que estão a acumular capital, a constituir-se numa classe selvagem de empresário. [...] Quando a casca da utopia não mais servir, vão criar o capitalismo mais barato que já se viu sobre a Terra (PEPETELA, 2013, p.283).

É precisamente o que sucede na última grande divisão do livro, o estabelecimento do capitalismo dito mais barato e a entronização dos denominados candongueiros. Malongo é o personagem síntese dessa categoria na obra. Na Europa, além de abandonar a família abriu mão do sonho de ser jogador de futebol e passou a estabelecer contatos entre Europa e Angola com o fito de exportar mercadorias ao país natal. Disso ficamos sabendo pelas recordações de Malongo dos tempos pré-liberalização da economia. Com ela realizada sua situação muda, deixa ser um relevante coadjuvante para tornar-se o principal ator da peça.

Agora, era um grande empresário e vivia às custas da implantação de empresas estrangeiras na sua Angola. Sua voz representa o neoliberalismo, servindo de elo entre os recursos angolanos e o lucro estrangeiro. Percebe-se, claramente também, uma atualização de um discurso colonialista na sua voz, inclusive servindo-se de preconceito racial e da exploração do trabalho do próprio negro (RÜCKERT, 2011, p.7).

Malongo, como bom representante do capitalismo barato, esquadrinha tudo o que o que possa ser transformado em lucro, sendo que para ele o valor de algo ou alguém se reduz a isso. Dessa forma, logo ao estabelecer-se em Luanda começa a pensar em expandir os negócios, não contenta-se apenas com as importações, deseja começar a exportar. Enxerga na rosa de porcelana, símbolo da rainha Lueji no romance anterior de Pepetela aqui analisado, uma possibilidade de dar entrada nesse novo filão.

Como as rosas de porcelana, por exemplo. Era ideia antiga, surgida ao ver o negócio da tulipa na Holanda. Podia até aproveitar a ideia louca daquele escritor que indicou o Leste de Angola como local de origem da rosa de porcelana, ligando a flor à mitologia. A publicidade podia ser baseada em mitos, flores com máscaras tchokue, alusões à história do Império Lunda, coisas assim. Quando viesse o primeiro botânico filho da puta a provar que a origem da planta era doutro sítio, até talvez doutro continente, já a coisa tinha pegado, era mais um mito. Bendita loucura essa que atacou o tal escritor, provavelmente a chupar só espinhas de peixe agora que os livros não se vendem (PEPETELA, 2013, p.317).

O que deveria ser um símbolo de fraternidade, de igualdade, enfim, da utopia, nas mãos de Malongo é encarado como um potencial empreendimento cujos lucros serão privados. Esse personagem sabe de seu protagonismo social na nova fase da sociedade angolana e comemora e felicita-se pelo que considera ser a vitória final de seus valores e de sua mentalidade: “Bendita economia de mercado, que havia de pôr as pessoas nos lugares certos, o cozinheiro na cozinha, o criado a lavar retretes e o magnata no iate (PEPETELA, 2013, p.318)”.

Contudo, Malongo não está sozinho, ele associa-se a Vítor, metáfora do primeiro escalão político do MPLA. No romance é explícito que essa aliança se dá por parte dos políticos não apenas para enriquecimento ilícito, posto que a propina seja entendida como um dado a priori, mas também para manutenção do poder. Ao promoverem a nova ordem econômica se legitimam no poder além de tornarem-se cruciais para a sua manutenção.

O líder máximo do MPLA, presidente de Angola José Eduardo dos Santos, do qual Vítor também é um avatar, com a falência iminente da União Soviética busca o reconhecimento dos Estados Unidos e o alinhamento com o mundo capitalista como forma de manter-se no poder com aval internacional, por isso capitaneou a glasnost e a perestroika local.

Quanto à Unita. Dos Santos foi categórico “Mesmo se a Unita entregar as armas, se reconhecer a legalidade do Estado angolano e o atual sistema político, não será considerada automaticamente uma formação política, mas pode participar de uma discussão ampla, com toda a sociedade, na busca de um sistema que irá melhor satisfazer o povo angolano”.

Mas parece que para os Estados Unidos, que apoiam a Unita, não basta uma declaração de boas intenções por parte do governo angolano, que Washington não reconhece como legítimo. “Não há qualquer obstáculo para que os EUA reconheçam Angola”, assinalou o presidente angolano. “As tropas cubanas já estão a caminho de casa. Só achamos que a razão acabará por vencer”. (EWERTON; ZAPPA, 25 de março de 1990, p.20)

Em reação a esse consórcio Pepetela traz uma nova geração cujas falas se dão pelas bocas Judite, filha de Sara e Malongo, e seu namorado Orlando. Eles são críticos aos atos deletérios do que se passou, dos desmandos e casos de corrupção do período em que o MPLA se declarava marxista-leninista e dos atuais. Em conversa com o sogro, Orlando diz a ele o que pensa da abertura econômica e recebe apoio da companheira.

[...] esse discurso ultraliberalista não é só teórico nem inocente. Corresponde a uma estratégia invasora por parte de quem o propaga. Que afinal são sempre os mesmos invasores da história moderna, hoje com o campo todo aberto.

- Bem, de política não percebo nada. O meu ramo são os negócios.

- O que é a mesma coisa. Quando diz que o estado deve ser reduzido, esta a fazer política (PEPETELA, 2013, p.322).

E em conversa com Vítor, ministro de estado ao menos desde 1982, descobrimos que Orlando compõe um grupo cujo objetivo é discutir a situação atual do país.

- Oh, é cedo para falar na formação de um partido – disse Orlando, medindo as palavras. – Digamos que há um grupo de pessoas com o mesmo tipo de ideias e preocupações e que se organiza para pensar em conjunto. Poderá ou não atuar em relação ao poder. Não é forçoso que seja um partido, mas a hipótese também não está afastada (PEPETELA, 2013, p.325).

Pepetela por meio de Judite e Orlando, principalmente por meio deste, reforça a necessidade, já apresentada em obras anteriores, do surgimento de uma nova geração com o intuito de lutar pelos ideais da utopia. Contudo, ao contrário do que se dá com as obras da década de 70, não existe um arcabouço político e econômico para viabilizar sua realização. Pois, embora, o MPLA fosse uma frente ampla no período da luta anticolonial, Pepetela ao longo dos enredos de *As Aventuras de Ngunga* e *Mayombe* defende o triunfo da agremiação marxista por meio de valores morais e éticos, demonstrados nas ações e falas dos indivíduos.

Entretanto, como já tratado, após desligar-se do governo em 1982 o escritor não mais possui uma estrutura em que alicerçar a utopia, este é o motivo de não mais haver a defesa de um grupo, partido ou movimento ao qual o leitor deve aliar-se. Contudo, essa desilusão não o impede de acreditar na urdidura de outra estrutura, principal mote de *Lueji*, pois, se existe a insatisfação com a situação social atual e ânsia em mudá-la, coisa que quem ocupa o poder tanto político quanto econômico não tem, então, existe o ambiente para a criar. Dessa forma, esse jovem casal, Judite e Orlando, são mestiços culturais com inclinações a tornarem-se mestiços culturais ideais. São a esperança, ainda que diminuta, do autor.



Todavia, a principal função da obra *A Geração da Utopia* é demonstrar que a continuação no poder dos que fizeram a independência e dos que realizam a transição econômica é pernicioso ao país. Para incrementar ainda mais esse tema, Pepetela faz reaparecer em *O Templo* alguém que o leitor podia até ter se esquecido. A dupla Vítor e Malongo vira um trio com o surgimento de mais um elemento vital para a nova ordem angolana. Na quarta seção, reaparece um personagem que se fez presente, até então, apenas em *A Casa*: Elias. Este é aquele que buscou em Fanon a justificativa para os massacres aos que trabalhavam para os colonos e a exclusão dos brancos e mestiços da nacionalidade angolana. Ele reaparece contando seu passado, afirma ter ingressado na UPA, em seguida na FNLA e posteriormente foi estudar, por meio de bolsas, filosofia e psicologia nos Estados Unidos. Voltou integrou a UNITA por algum tempo e desinteressou-se pela luta armada. Então, partiu para Nigéria e lá fundou uma igreja: Igreja da Esperança e da Alegria do Dominus. Com a liberalização da economia decidiu trazer sua igreja para Angola, pois ela se coaduna com os novos tempos e apresenta os motivos para sua afirmação:

As outras igrejas são repressivas, ameaçam, todas influenciadas pelo Jeová de Israel que é um deus cruel. Os crentes vivem sempre com a espada de Dâmocles sobre a cabeça, temendo o Juízo Final, pagando por um pecado original que não cometeram. Dominus é o Deus da bondade, que tudo perdoa, que nunca ameaça, para quem a vida é sempre esperança e doçura. E da Alegria, porque Dominus quer que toda a gente se divirta, até certos limites evidentemente. Por isso não deve ser surpresa que o único bispo da Igreja esteja neste momento a dançar e a beber neste cabaré (PEPEPTELA, 2013, p.338).

Ao menos está em sintonia com o que Aníbal chamou de capitalismo mais barato. A denominação religiosa não propõe nenhuma espécie de conduta ética e moral, busca atender os desejos mais imediatos do cliente-crente, de deixar o freguês satisfeito sem cobrar dele nenhuma forma de compromisso ou responsabilidade.

Elias é quem vai ao encontro de Vítor e Malongo, respectivamente representantes do poder político e econômico, em busca de patrocínio para o êxito e propagação de sua denominação religiosa e explica aos financiadores a razão da futura sociedade ser proveitosa também para eles.

Uma Igreja ganha prestígio e poder pelo apoio que recebe. A nossa pode ter tanta força na sociedade como essas que citaste. A sua mensagem é muito mais moderna e mais de acordo com o ser profundo do homem angolano. Daqui transbordará para a África e depois para todas as diásporas africanas. Imagina o mercado mundial de almas à nossa disposição. Com as crises

econômicas, com a perda da utopia da libertação política, com o fim do inimigo que estava do outro lado da guerra fria, com a dívida externa que tira qualquer hipótese de desenvolvimento de nossos países, os jovens desempregados e sem instrução. A delinquência e insegurança galopantes, tudo isso leva as pessoas a verem a religião como a única salvação. Todos apelam a um deus que lhes indiquem um caminho na vida, que já não tem ou nunca tiveram. Os políticos vão namorar-nos um dia também, porque seremos a força (PEPETELA, 2013, p.349).

A fala de Elias, que também pode aplicar-se a última década no Brasil, pressagia e propõe fazer da fé um lenitivo, o velho-novo ópio do povo, ao utilizá-la à semelhança de uma canaleta de desvio e inibição das ações e mobilizações políticas contrárias ao *statu quo*. Com a religião coligando-se à política e ao poder econômico forma-se a trindade que marca o retorno definitivo e integral da índole colonial a Angola, porém, dessa vez a metrópole não é uma terra além-mar, é uma classe social estabelecida no topo da pirâmide e em solo pátrio. O comportamento de Malongo com aqueles fora do cume social evidencia a transformação apontada por Pepetela a partir de 1991, ano da abertura econômica:

- Você não aprende, não é, seu negro burro? Esqueceste outra vez o sal, filho duma puta velha. Vem cá, vem provar aqui.  
Malongo segurou-lhe a cabeça com as duas mãos, enfiou-lhe a cara no prato, prova, cabrão, prova para aprenderes. (PEPETELA, 2013, p.355).

Após a humilhação e a agressão se nega a pagar as duas semanas que João tinha trabalhado em sua casa, ato este que, por fim, o leva a expressar a sua indignação: “Esse colono vai pagar, tio. Esses muadiés vêm lá de fora e pensam que mandam em nós, que nos podem roubar e bater. Tempo do colono acabou” (PEPETELA, 2013, p.358). Contudo, para Pepetela, o tempo do colono acabou de regressar.

## Capítulo 4

### Escritos distópicos

Estabeleceu o princípio de que, no caso de conflito entre a integridade das instituições financeiras e os rendimentos dos detentores de títulos de um lado, e o bem estar dos cidadãos, de outro, os primeiros devem prevalecer. Acentuou que o papel do governo é criar um clima de negócios favorável e não cuidar das necessidades e do bem-estar da população em geral. (HARVEY, 2014, p.58)<sup>7</sup>.

#### 4.1 *Predadores: o capitalismo mais barato*

##### *Paz e distopia*

*Predadores*, cuja elaboração se deu em 2004, é a primeira obra de Pepetela em tempos de paz em Angola, embora *A Geração da Utopia* tenha sido escrita durante o armistício de 1991 e 1992 por conta das supostas primeiras eleições livres do país, a pausa durou pouco. Portanto, este livro foi iniciado e concluído em clima tenso, pois aos olhos de muitos, independente do resultado eleitoral, a guerra retornaria; o que acabou acontecendo.

Apesar da paz estabelecida em Angola, *Predadores*, assim como as demais obras do autor no século XXI, não acena ao leitor um futuro próspero e feliz, não traz em seu enredo a utopia seja por meio de alegorias como em *Lueji* ou por quais caminhos trilhar para lá algum dia chegar, tal qual em *Aventuras de Ngunga e Mayombe*. Tão menos aparecem personagens candidatas a serem mestiços culturais ideais.

Isso se deve ao fato de, na concepção do autor, se abater sobre seu país outro tipo de tragédia com características diferentes das guerras colonial e civil: a vitória do que a carta do Centro de Estudos Angolanos, ainda nos anos 60, denominou neocolonialismo. Não só na questão da submissão econômica a países desenvolvidos, mas também pela assimilação de uma subjetividade que a legitima. Por conseguinte, ao invés de se estabelecer uma afinidade eletiva que viabilize a fraternidade social e o desenvolvimento social; ocorre o triunfo de uma

---

<sup>7</sup> No trecho, David Harvey refere-se à hegemonia da política neoliberal no mundo a partir da década de 80, tendo por epicentro os Estados Unidos governado por Regan e por correia de transmissão, o FMI.

afinidade eletiva que legitima a exploração de indivíduos e sociedades e sacraliza a competição e a rivalidade.

A literatura, testemunha de todo o percurso histórico, registra nas linhas e entrelinhas ficcionais, a guinada ideológica por que passaram (e passam) os homens angolanos, representados por seus intelectuais, durante essa virada histórica da independência. A utopia virou distopia: o sonho ruiu. A “comunidade imaginada” durante a luta anticolonial, projeto de unidade e equilíbrio, se desconstrói frente aos destroços de um mundo de perversidade moral e política, em âmbito nacional e internacional. O “adeus às ilusões” que atravessa as produções contemporâneas revelou uma alteração nas representações subjetivas da angolanidade. No que diz respeito às narrativas, um recorte aqui proposto, o desencanto é legível não apenas nas soluções propostas dos enredos, mas também nas formas corrosivas com que assume a escrita, neste novo ambiente literário. Os personagens e narradores dos romances e contos contemporâneos, objeto de nosso olhar, produtos de um ambiente caótico, “observam” a unidade do discurso e da representação ser substituída pela fratura; a certeza de uma missão, pela crise de consciência; a determinação, pela angústia; a esperança, pela incerteza (MATTOS, 2021, p.16).

No correr de sua literatura, Pepetela demonstra quem são os representantes desse mundo de perversidade moral e política apontados por Mattos, são os neocolonizadores, aqueles que fazem ou legitimam o uso da coisa pública para o fortalecimento e o enriquecimento de uma classe social em detrimento do desenvolvimento social.

### ***Burguesia nacional***

O enredo de *Predadores* trata da trajetória de Vladimiro Caposo, sua ascensão da pobreza, quando chega em Luanda fugindo da guerra civil, na década de setenta, à elite econômica do país na década de noventa. O romance não é linear, os capítulos trazem períodos diferentes da vida de Caposo. Em grande medida, nos capítulos referentes ao lapso temporal entre 1974 e 1985 (entre a Revolução dos Cravos e o anúncio da entrada de Angola no capitalismo), traz argumentos apresentados em *O Cão e os Caluandas*, nos quais demonstra a existência de uma prática social que normaliza a corrupção e o uso da posição dentro da burocracia estatal para benefício próprio.

Vladimiro chega à capital pouco antes de Portugal anunciar sua retirada da guerra colonial. Consegue emprego na venda de Amílcar, um português, que quando vem a declaração do fim da submissão de Angola a Portugal volta para a terra natal deixando a

venda aos cuidados de Caposo. Da noite para o dia, o até então empregado se vê proprietário de um pequeno estabelecimento comercial e mais o terreno em que este se localiza, cuja maior parte encontra-se vazia.

Caposo é uma continuação moral de Malongo, de *A Geração da Utopia*, a independência de Angola não provoca nele grandes emoções. Seu grande apreço por ela ter ocorrido se deve ao fato, por efeito colateral, dela ter-lhe tornado proprietário. Portanto, tal qual Malongo, Caposo antes mesmo de alçar-se à elite econômica nacional já possuía os valores desse universo mental. Quando da proclamação da independência, em 11 de novembro de 1975, Caposo não adere ao feriado nacional. Como um bom empreendedor vê no dia festivo uma oportunidade: lucrar, uma vez que a concorrência não abriu as portas. E aos que por ventura o criticaram por não respeitar o feriado alegou estar realizando um sacrifício em prol do bem coletivo, pois os demais poderiam confraternizar sem se preocupar aonde buscar mantimentos. Mais um pouco se autointitularia um mártir nacional. Entretanto, seu propósito era bem outro, nada relacionado com solidariedade: conseguir dinheiro para comprar chapas para cercar o terreno. E conseguiu, após o cercamento escreve “Não encosta ou penetra, propriedade de camarada do MPLA” (2008, p.93). Embora ainda não fosse do MPLA.

Aliás, quanto a isso, logo após conseguir tornar-se membro do partido único, Caposo irá se beneficiar de mais um evento marcante do qual também não tomou parte. *Predadores* é a única obra de Pepetela a citar diretamente a Revolta Nitista. Não ocorre nenhum aprofundamento sobre o evento, nenhum diálogo ou reflexão sobre as prisões sem investigações adequadas e julgamentos sem direito à ampla defesa dos réus, tão menos dos massacres e dos desaparecidos. Quando muito, parte desses acontecimentos são apenas citados, sem a ocorrência de algum desenvolvimento sobre eles. O tema entra no enredo, pois a reação ao nitismo gerou uma drástica diminuição na juventude do MPLA devido às perseguições que levou embora parte significativa dos seus membros, principalmente os mais intelectualizados; graças a esse vácuo Caposo consegue ascender dentro da estrutura do MPLA.

Na vasta obra literária de Pepetela, *Predadores* foi o único livro que se referiu à fracassada Revolta Nitista de 27 de maio de 1977, capitaneada pelo ex-Ministro do Interior e membro do Comitê Central do MPLA, Nito Alves, líder de grupos de extrema-esquerda, ligados ao denominado “Poder Popular”, na área dos musseques que, tendo desafiado o poder de Agostinho Neto e de seu grupo, perdera seus cargos. A Revolta Nitista surgiu como “um levantamento de militantes, mortes, e depois prisões em massas e

execuções”, durante o qual imperou “a lei militar.” “Depois do 27 de maio e subsequente repressão”, afirmou o narrador, foi uma “época em que todos desconfiavam de todos [...] cada um tendo medo de falar o que lhe ia na alma”. Encontra-se, nesse trecho, a única passagem referente ao Movimento Nitista (CARVALHO FH, 2015, p.122).

A partir dessa ascensão seu enriquecimento a sério inicia-se com desvio de dinheiro da secretaria de desporto, principalmente quando o país sedia um grande evento esportivo continental. Tanto o evento quanto o desvio ocorrem em 1985, justamente o ano em que é anunciado que Angola irá se preparar para entrar na economia de Mercado e Caposo já é o senhor de uma frota de dez táxis irregulares. Veículos esses conseguidos via importação por intermédio de contatos dentro do governo e que circulam pela grande Luanda sem nenhum óbice pelo mesmo motivo. Contatos esses também fundamentais para o enriquecimento de Malongo.

Nesse sentido, podemos destacar nos dois romances, por exemplo, o surgimento de uma burguesia política angolana – que acumula capital aproveitando-se de benefícios fornecidos por servidores corruptos do Estado – que se apresenta no final de *A geração da utopia* e se tornará central para a narrativa de *Predadores*. Assim sendo, Malongo que é o representante da nova classe em *A geração*, terá seu retrato refletido em Vladimiro Caposo, de *Predadores* (MATTOS, 2013, p.13).

Contudo, até o momento Caposo enriquece, mas não é uma força influente. Ou por outra, seu enriquecimento não converte-se em poder político; não é capaz de conduzir as decisões de estado ao ponto de atender seus interesses, ele age aproveitando-se de falhas e conveniências encontradas no aparelho do estado. É a década de noventa, com o país adepto do neoliberalismo, que Caposo torna-se uma força política.

Tanto é assim que o livro começa em setembro de 1992, e em nosso primeiro contado com Caposo deparamo-nos com um rico empresário de tocaia, esperando para matar sua amante que o está traindo com outro. Vinga-se da amante, de maneira premeditada, e vai para casa preparar a fuga da família para Portugal. Essa fuga tem na eleição o motivo, como não se sabe qual será o seu resultado o protagonista quer deixar a salvo os seus, pois o dinheiro desviado já encontra-se em segurança em contas em paraísos fiscais. Entre o assassinato e o despacho da família para o exterior, reúne-se com um bancário que deveria zelar pelo bem da coisa pública.

Vinha explicar a situação e se despedir, pois metera férias no banco, viajando daí dois dias, o malandro, enriquecido com as comissões que Vladimiro e

muitos outros lhe deram para verem as suas reservas viajarem rápida e silenciosamente rumo ao exterior, o que era ainda considerado atentado criminoso à economia nacional e passível de muita cadeia. À conta disso o Nunes arranhou também a sua conta nas tais ilhas sem nome e agora ia viver no mínimo um mês numas praias agradáveis, enquanto ligava a televisão para ser informado de como as coisas corriam aqui (PEPETELA, 2008, p.23).

O tema e o período escolhidos por Pepetela para iniciar *Predadores* o associa ainda mais com a quarta e última parte de *A Geração da Utopia*, quando em 1991 há no ar uma apreensão entre as personagens neocolonizadoras sobre o que será do país após as eleições; por esse motivo o poder político, representado por Vítor, alia-se ainda mais com a elite financeira, encarnada em Malongo, pois se sua aliança triunfar o primeiro permanecerá e estará legitimado no poder e o segundo se tornará enfim uma força política. Ambos incensados pelo novo espírito do tempo: o neoliberalismo, metaforizado pelo bispo Elias e sua Igreja da Esperança e da Alegria no Dominus.

Podemos destacar como, de diferentes formas, esses indivíduos se apropriaram do Estado em benefício próprio, elevando o grau de neopatrimonialismo e nepotismo existente na estrutura política angolana. [...] A partir desses personagens nos deparamos com a representação de uma estrutura política que, se a princípio parece frágil, mantém a sua firmeza e habilidade justamente a partir dos favorecimentos praticados pelo Estado a grupos sociais privilegiados no país. Levando em consideração essa afirmação, podemos encontrar nesses romances diversos exemplos de como, aos poucos, se consolidou um determinado modelo político que não tinha por objetivo ampliar direitos ou mesmo solidificar uma democracia que parecia instável. Ao contrário, encontramos, em sua narrativa, os meios utilizados por determinados grupos políticos para permanecerem no poder, se apropriando de discursos e debates políticos visando a conquistar este objetivo (MACHADO, 2021, p.163).

O resultado eleitoral confirma o estabelecimento do neoliberalismo e começa o reinado do que Aníbal, de *A Geração*, denominou de o capitalismo mais barato, que em *Predadores* tem em Caposo a sua figura síntese. Portanto, o tema central do romance protagonizado por Caposo é a consolidação de uma elite econômica no poder.

Efeitos redistributivos e uma desigualdade social crescente têm sido de fato uma característica tão persistente do neoliberalismo que podem ser considerados estruturais em relação ao projeto como um todo. Gérard Duménil e Dominique Lévy, depois de uma cuidadosa redistribuição dos dados, concluíram que a neoliberalização foi desde o começo um projeto voltado para restaurar o poder de classe (HARVEY, 2014, p.26).

Algumas características desses membros típicos dessa nova força política são reveladas em Caposo, a agressividade com subalternos, à semelhança de Malongo na obra anterior, uma megalomania cômica, com Caposo a passeio na França cogitando trazer para sua fazenda na Huíla o Castelo de Poitiers, a construção de uma enorme e iluminada réplica da Torre Eiffel no jardim da frente de sua mansão em Luanda, e o casamento religioso realizado apenas em 2004, nele, noivos e convidados usam elegantes roupas europeias e suam em bicas no clima húmido e quente, sem contar a tiara de três milhões usada pela noiva.

Para além dos aspectos burlescos do estabelecimento da burguesia no poder, o autor angolano nos traz as consequências socialmente deletérias desse acontecimento. A fazenda adquirida na Huíla é um gigantesco latifúndio improdutivo que tem a função de fazer o papel de casa de campo na vida social de Caposo, em acréscimo as terras não foram compradas, sua aquisição aconteceu por meio de favores realizados por autoridades; logo, o que se deu foi algo parecido a uma grilagem legalizada. Essa enorme propriedade corta o caminho tradicionalmente utilizado por pastores seminômades e a construção de uma barragem e de um lago artificial, para passeio de barco à vela, drenaram um rio fundamental para a subsistência dos mesmos pastores e suas famílias.

O gado não podia dar uma volta tão grande para chegar às zonas de pasto mais moles, morria pelo caminho porque eram dias e dias a caminhar. Além disso, o riacho que banhava as terras a oriente tinha secado, ou pelo menos deixara de correr, a água sendo retida numa represa e num grande lago onde Caposo tinha barcos para passear à vela. A barragem fora feita para irrigar parte da propriedade, havendo sempre capim verde para o gado dele, mesmo em tempo de maior seca. E as aldeias ao sul, onde eles moravam mais os seus bois, deixaram de ter a água do riacho, viviam de cacimba que cavavam cada vez mais fundo e mais longe (PEPETELA, 2008, p. 136).

A interferência de Caposo na região ao adquirir uma propriedade para recriação remete a práticas de nobres europeus em tempos idos que por esporte, caça a cervos ou raposas, em perseguição a uma presa invadiam terras produtivas de servos e destruíam parte considerável de seu trabalho, tornando a sobrevivência uma empreitada ainda mais árdua.

Outra prática encarnada em Caposo é a usurpação de benefícios que deveriam ir para cidadãos sem condições de arcar com eles. Djamila, a filha mais velha do empreendedor, vai estudar medicina na Inglaterra com bolsa paga pelo estado angolano. As leis também não mais atingem quem pertence à elite econômica, mesmo quando comprovado o crime. Ivan, o segundo descendente e o filho homem mais velho, sem possuir habilitação pega um dos carros da empresa de Vladimiro Caposo, como faz normalmente, e dirige perigosamente pela



capital. Não demora para Caposo descobrir que Ivan atropelou e matou um mutilado de guerra que vivia pedindo dinheiro nas ruas, Simão Kapiangala. O delito custou a Ivan uma noite na cadeia e nada mais. Após a elucidação do assassinato e da sua não punição, Pepetela elabora uma breve síntese da vida Kapiangala e um trecho dela é o seguinte:

Quando deixou de estar em perigo de vida, trouxeram-no para o hospital Militar de Luanda, na esperança de arranjar próteses para as pernas, mas outros tinham prioridades estranhas e inexplicáveis, ele foi ficando esquecido e depois também teve de sair do hospital, ocupava o lugar de algum ferido urgentemente grave. Viveu nas ruas, ia fazer mais como? Prometeram uma pensão do Estado mas ela nunca vinha, prometeram uma casa mas continuou na rua. Outros raros conseguiam, mas eram raro e com algum encosto, se deve desde já afirmar (PEPETELA, 2008, p.167).

A influência de Caposo providenciou a bolsa de Djamila por meio de prioridades estranhas e inexplicáveis e com algum encosto, da mesma forma a atuação do pai nos bastidores do poder assegurou ao filho a impunidade. Talvez *Predadores* seja o livro mais distópico da lavra de Pepetela e o caso de Simão Kapiangala, símbolo do descaso do estado com os mais impactados pelas tragédias sociais, o ápice dessa característica, a pá de cal na possibilidade de surgir em Angola uma afinidade capaz de encaminhar a sociedade para a utopia, esta que nem sequer é remotamente citada na obra.

A distopia local, levada à última instância, é uma derrocada humana, é a consciência de que o poder, em qualquer parte, corrompe e segrega. Alteram-se os partidos, os discursos, as línguas, as crenças, mas não se altera a política de privilégios e a elitização dos governantes e de uma camada social por eles representada. O caso angolano é temperado por uma falência de um projeto socialista, diante de um mundo de imposições neoliberais (MATTOS, 2021, p.169).

Dos romances analisados nesta dissertação, apenas *Os Predadores* debruça-se sobre a presença cubana em Angola, todavia, o foco não é na contribuição militar, e sim social. Kapiangala após ferir-se gravemente na mina foi salvo por um médico cubano que realizou um milagre. Entretanto, pode também tratar-se de uma representação do que sucedeu-se com Angola na percepção do autor: graças a intervenção cubana seu país conseguiu manter sua autonomia, embora em condições precárias, e acesa, ainda que raquítica, a chama da utopia e tudo isso para quê? Para morrer futilmente pelos atos inconsequentes da burguesia.

Não fomos a Angola defender o socialismo. Não havia socialismo em Angola. Fomos, sim, defender a independência, a soberania de um povo. E

essa foi uma das páginas mais bonitas de nossa história. Defendemos um país soberano contra a invasão sul-africana, contra as tropas do *apartheid*, contra o racismo. Foi um de nossos gestos mais nobres. E o governo brasileiro aprovou isso, tanto que foi o primeiro governo a reconhecer a independência de Angola, em 1975 (CASTRO, 18 de março 1990, p.22).

A obra mais derrotista de Pepetela possui a intenção de mostrar ao leitor que o até então principal vetor de rivalidades e inibidor do estabelecimento de uma fraternidade entre os angolanos, o tribalismo, deixou esse posto e foi substituído pela classe social baseada no poder aquisitivo. Neste ponto torna-se também uma continuação do que fora previsto em *A Geração da Utopia*, o tribalismo aparece como o maior entrave nas três primeiras partes, na quarta e última é o antagonismo entre burguesia e trabalhadores, como revela a cena em que Malongo agride o serviçal.

Como previsto na obra anterior, com a saída oficial do socialismo o estado não universaliza a cidadania nem sequer trabalha para que um dia venha acontecer. Ele passa a ser a principal ferramenta em assegurar privilégios e aproximar as classes em algo semelhante a castas. Nelas, os abastados não só tem acessos a todos os favores, mesmo aos mais dispensáveis como a bolsa de estudo de Djamila, mas também são tratados como seres especiais e superiores; por seu turno os que não gozam dessa condição são párias sócias, podendo ser ofendido ou agredido por qualquer autoridade, principalmente pela maior delas, o indivíduo extremamente rico. Somado a isso, a ascensão de uma classe baseada no dinheiro estabeleceu de uma vez por todos em Angola o clientelismo e o apadrinhamento, pois são as boas relações com indivíduos ricos que asseguram aos demais alguma estabilidade econômica e até mesmo acesso a serviços públicos e a validação de direitos básicos. Em suma, a liberalização da economia não contribui para a valorização da dignidade humana, tão menos para o progresso social, ela gerou Caposo: a burguesia nacional.

A neoliberalização não foi muito eficaz na revitalização da acumulação do capital global, mas teve notável sucesso na restauração ou, em alguns casos (a Rússia e a China, por exemplo), na criação do poder de uma elite econômica. O utopismo teórico de argumento neoliberal, em conclusão, funcionou primordialmente como um sistema de justificação e de legitimação do que quer que tenha sido necessário fazer para alcançar esse fim. Os dados sugerem além disso que, quando princípios neoliberais conflitam com a necessidade de restaurar ou sustentar o poder da elite, esses princípios são ou abandonados ou tão distorcidos que se tornam irreconhecíveis (HARVEY, 2014, p. 27).

Os demais princípios são olímpicamente ignorados. A ideia de retornar para a sociedade parte da fortuna conquistada é tratada com chiste. Até porque, o enriquecimento tanto de políticos quanto de empresários se dá por desvio de dinheiro público e superfaturamento de obras e serviços. Em Angola, para enriquecer faz-se necessário associar-se ao estado, seja para assaltar a sociedade ou para comprar uma cumplicidade silenciosa. É por meio desta que Caposo consegue contrabandear diamantes e armas. Sendo assim, até mesmo gastar dinheiro público na promoção social e não para a concentração de poder e riqueza é tratada com pilhéria.

Todos riram. A regra do no regime era essa, conhecida de todos os adultos presentes, ninguém gastava dinheiro inutilmente com a coletividade. O dinheiro só servia para produzir mais dinheiro ou para esbanjar em ações de prestígio. Yuri, o único menor no grupo, na altura quase a fazer 18, não captou porquê os kotas riram. Perguntou para Ivan, mais conhecedor do mundo dos adultos e que também se tinha aproximado do grupo, o qual lhe respondeu rudemente com outra pergunta, achas que o pai vai gastar um kwanza só para satisfazer a população daqui, meu burro? Yuri ficou a pensar, mas a despesa para receber estes convidados e a comida gasta com eles era capaz de chegar para construir uma escola (PEPETELA, 2008, p.293).

A obra termina em 2004 com a paz se apresentando como algo permanente, levando o país ser alvo de intenso investimento estrangeiro. Entrando em concorrência aberta com a elite econômica mundial, notadamente norte-americana, Caposo perde seu poder junto à alta cúpula política. Esse acontecimento é reforçado pelo calote dado em alguns ministros que providenciaram a Caposo facilidades ilícitas. O não pagamento de propina, algo sagrado na ética da alta classe angolana, manchou sua reputação de maneira indelével. Tal erro crasso foi cometido, pois a arrogância de Caposo o levou a considerar que o estado e seus entes é que dependiam dele e não o contrário. Essa redução de seu poder não é propriamente uma falência, Caposo passa a ser um sócio menor de investidores estrangeiros no sequestro do estado e no assalto à sociedade.

Trata-se, graças ao fim da guerra, de uma nova fase do capitalismo em Angola, até então seu braço financeiro era essencialmente nacional. Com a paz há outros tubarões maiores singrando nas águas da baía de Luanda. Contudo, nada muda quanto aos agentes de estado, reguladores do que nela entra.

Pelo contrário, meu argumento é que o Estado é hoje mais essencial do que nunca para o capital, mesmo – ou especialmente – na sua forma global. A

forma política da globalização não é um Estado global, mas um sistema global de Estados múltiplos [...] (WOOD, 2014, p.18).

A possibilidade apresentada a Caposo por políticos e agentes financeiros para manter-se de maneira preponderante nos negócios, trazer a fortuna escondidas em contas secretas no exterior e a investir em Angola, o indigna, toma quase por ofensa pessoal tal sugestão. Afinal, seu país é para ele uma fonte de exploração e não de investimento. Nem mesmo visando o lucro considera a hipótese de contribuir para desenvolver sua terra natal.

O narrador sublinha a enorme expatriação ilegal de grandes capitais, realizada por setores da burguesia angolana, inclusive, para paraísos fiscais, facilitada, segundo o texto ficcional, pelos altos escalões do Banco Nacional de Angola. As saídas financeiras eram efetuadas por uma mistura de adulteração de faturas comerciais, subornos e transferências diretas, por pessoas ricas, auxiliadas por bancários especialistas nesses trâmites que, por sua vez, também enriqueciam corruptores ativos e passivos. Nesse sentido, nada mais faz Pepetela que denunciar, literariamente, a evasão apontada por David Sogge, correspondente a 216 % do PIB registrado de Angola, entre 1985 e 2004, constituindo um dos piores casos de hemorragia financeira da África Subsaariana. Assim, o autor proveu, com os exemplos “fissionais”, o que aparece, de forma exacerbada, no Indicador de Percepções de Corrupção da ONG Transparency International, que ordena os países, em função dos níveis de corrupção percebidos no sector público, a partir de inquéritos realizados com especialistas e homens de negócios. Nesse índice, Angola aparece, em 2010, como um dos países mais corruptos da África, depois da Somália, do antigo Sudão, do Chad, e de Burundi (CARVALHO, 2015, p.132).

### *A mentalidade*

Ao longo da obra Pepetela nos apresenta o que entende ser mentalidade da burguesia nacional. Ela sempre existiu, sempre se fez presente, uma herança do período colonial apenas esperando a ocasião oportuna para se manifestar plenamente. Enquanto isso, no tempo em que o MPLA era nominalmente marxista-leninista, adotava o discurso pró-proletário e comunitário e dentro do possível buscava obter vantagens privadas. Esse foi o caminho realizado por Caposo para começar a enriquecer e constituir sua frota ilegal de táxis.

Outro aspecto de Caposo, portanto da burguesia nacional, é a baixíssima capacidade intelectual derivada da falta de interesse pelo assunto, uma vez que nada que não possa ser convertido em dinheiro e patrimônio desperta-lhe o interesse. Tudo o que não contenha esse fim não tem razão de ser. No entanto, o aspecto mais gritante é a vaidade, a crença de ser um

*self-made man*, um herói de si mesmo. Para além da metade de *Predadores*, o autor descortina ao leitor a existência de um diário íntimo de Caposo, preservado do conhecimento de todos. Nele, encontramos máximas encontradas em qualquer livro misto de autoajuda com empreendedorismo “O empresário moderno é um gladiador. Como o gladiador da antiga Roma, ele combate sozinho contra todos, ele e a sua coragem, ele e a sua solidão. Um caubói no meio da multidão? Também” (PEPETELA, 2008, p. 242). Caposo só não transforma suas ideias em livro por receio da recepção:

O seu diário íntimo tem meia dúzia de páginas com pensamentos como este. Quando toda a gente queria ser escritor, ou tomado como tal, ele pensou em publicar o conteúdo do diário sob o título Pensamentos de um homem do povo. “Povo” era a palavra-mito de momento, tudo era feito em seu nome e os inimigos eram não de a ou de b, ou do regime ou do partido, mas inimigo do Povo. Pensamentos de um homem do povo era um bom título, sem dúvida. Mas havia ideias pouco ortodoxas lá no meio e a sua publicação podia causar sérios problemas. Além disso, nenhum editor aceitaria publicar apenas três ou quatro páginas de apontamentos, ainda tinha noção do ridículo. Mas guardou o caderninho muito bem escondido e por vezes relia uns “pensamentos” secretos, os quais no fundo retratavam a sua evolução ideológica, desde os descuidados tempos do Cuanza-Sul em que só pensava nas raparigas e no futebol até o reconhecimento íntimo de ser um agente económico, dono de uma frota de carros empregues no processo (PEPETELA, 2008, p.243).

Aproximando do final da obra, Pepetela nos informa de mais uma das formas de aumentar a sua riqueza encontrada por Caposo: não pagar dívidas e atrasar salários. Uma prática repetida por megaempresários brasileiros e método indicado por medalhões do empreendedorismo brasileiro revelados pela imprensa em janeiro de 2023 após a descoberta de um gigantesco rombo em uma grande varejista. Mas, como já mencionado, ao levar essa prática de não honrar compromissos com fornecedores e funcionários para agentes políticos relevantes, Caposo começa a perder o seu prestígio.

#### **4.2 *Se o Passado Não Tivesse Asas: triunfo do neocolonialismo***

##### ***Naturalização da Barbárie***

Pelas ruas da chamada Ilha, embora seja uma península, prolifera-se uma praga, amaldiçoada por uns, toleradas por outros e lastimadas por alguns: a infestação de cães sem dono a formarem matilhas que assustam as pessoas e enfeiam o lugar. Essas matilhas formadas por indivíduos atirados à rua ou nela nascidos disputam o território, engalfinham-se por disputa de fêmeas e prestígio. O local mais frequente dos embates é junto dos restaurantes quando seus funcionários atiram os restos fora. Assim que o ser humano se afasta, voam sobre os contentores de lixo e são sempre os mais fortes a levarem vantagem, a ficarem com o melhor das sobras. Aos fracos e menores resta ossos e peles. Quando duas matilhas equivalentes se encontram no momento em que o contentor de lixo de um restaurante é preenchido, dá-se o confronto ferrenho e, não raro, disso resulta um morto, levando todos a dispersarem.

Todavia, os componentes dessas matilhas são crianças e adolescentes, em geral refugiados em Luanda em virtude da guerra no interior do país, e não cães sem raças definida, tal qual um vira-lata caramelo, ou de raça que para sempre perderam-se de seus lares. Contudo, a prática social os levou a serem vistos e a se perceberem como tais. Ora sentem sobre si olhos de piedade, ora de asco. Em um momento recebem algum carinho fortuito, sem comprometimento, no seguinte são enxotados. Alguns desejam que as autoridades arrumem lares para essas crianças, outros se contentam que sejam enfiados em um campo de concentração bem longe de suas vistas.

O argumento principal de *Se o Passado Não Tivesse Asas* é a normalização da barbárie como consequência da política neoliberal adotada pelo estado angolano, em como as mudanças advindas da transformação econômica não pluralizaram a vozes da sociedade e tão menos diminuíram os abismos sociais, aliás, quanto a estes, eles foram dilatados. Em Angola, após a liberalização da economia, petrificam-se três classes com base no poder aquisitivo: os príncipes, assim chamados pelo personagem Diego, com acesso a tudo, são supracidadãos, a lei não os limita e consideram-se e são considerados superiores aos demais; os párias, socialmente percebidos como cães de rua e por isso pouca atenção recebem e quando o poder público se apresenta a eles, via de regra, é para reprimir; e os que ficam entre os dois extremos e que geralmente espelham-se no alto e tentam adotar suas posturas e valores.

Assim, as nações não são simplesmente uma fantasmagoria das mentes, mas práticas históricas nas quais a diferença social é tanto inventada como representada [...] Em vez de expressarem uma essência orgânica de povos imemoriais, as nações são sistemas contestados de representação cultural que limitam e legitimam o acesso das pessoas aos recursos do Estado-nação (MCCLINTOCK, 2010, p.518).

O enredo de *Se o Passado Não Tivesse Asas* traz a trajetória da menina Himba, de treze anos. Em 1995, Himba deixa, junto com a família, sua cidade no leste por conta da guerra civil. Rumam para Luanda, porém, no trajeto o veículo que traz toda a família, além de outros fugitivos, é atacado por guerrilheiros. Himba foge e se perde de seus familiares. É resgatada pelo exército do MPLA e levada para a capital. A cidade é gigantesca e a menina não sabe quem são e nem onde moram os seus parentes na cidade, em acréscimo o estado se nega assisti-la e em consequência disso passa a viver nas ruas. Em meio a toda essa tragédia acaba por fazer um amigo, Kassule: um menino com uma perna amputa e três anos mais jovem cuja irmã desapareceu recentemente, foi engolida pela grande cidade. Kassule, experiente em viver nas ruas, leva Himba para a Ilha de Luanda, na verdade uma península, local mais fácil de conseguir comida. Ali, a dupla passa a viver para conseguir se alimentar, a se esquivar de grupos de garotos de rua mais numerosos e mais fortes. Isso até o inevitável acontecer, Himba é violentada por um deles. Mais tarde, por coação torna-se esposa de Tobias, líder de um bando. Entretanto, dentro do contexto, ser amasia de chefe de bando está longe de ser o pior cenário, pois, deixa de ser alvo das investidas dos demais garotos em situação de rua.

Em capítulos intercalados com os de Himba, o romance traz os capítulos protagonizados por Sofia a partir do ano de 2012. Ela é uma funcionária extremamente eficiente do restaurante Mamã Ester que ao conseguir fidelizar clientes ricos, assim aumentando significativamente o faturamento do restaurante popular, torna-se sócia minoritária do estabelecimento. Sofia é uma mulher com dificuldades em se relacionar mais intimamente com alguém, a única exceção é seu irmão Diego, e toda sua energia é investida no trabalho. Aos poucos o leitor repara que essa protagonista vive numa espécie de limbo, ela não possui nenhum grupo de pertencimento, não tem amigos e é até difícil colocá-la em um grupo social, está acima dos funcionários do restaurante, com os quais mantém apenas uma relação profissional, e abaixo dos seus clientes VIPs, com os quais mantém uma relação cordial porém profissional.

Himba e Sofia não são o equivalente às personagens Lueji e Lu de *Lueji*: indivíduos diferentes vivendo diferentes tempos históricos. Himba e Sofia são a mesma pessoa. Sofia é o resultado do que as tragédias sociais e a negligência social fizeram com Himba assim como Diego o é em relação a Kassule. Após ser tirada das ruas, Himba, logo ao acabar da guerra, em 2002, vai para a sua terra natal reencontrar a família. Lá chegando comprova o que já parecia evidente, o prefeito da pequena cidade lhe conta que todos de sua família morreram e

apontou o local onde estão sepultados. Com a constatação de mais essa tragédia Himba se revolta, culpa o pai por tudo, pois precisa encontrar um culpado e decide virar outra pessoa, uma que não possua relação com a família perdida e nem com a menina de rua violada.

[...] Pois a história da minha vida está sempre inserida na história das comunidades das quais minha identidade deriva. Nasci com um passado; tentar desligar-me desse passado, no modo individualista, é deformar minhas relações atuais. A posse de uma identidade histórica e a posse de uma identidade social coincidem (MACINTYRE, 2021, p.322).

A intenção de Pepetela com esse romance é, de um lado, revelar a maior parcela de uma geração traumatizada, com dificuldade de criar vínculos e incapaz de se desenvolver plenamente gerada pela política de abandono social promovida pelo estado angolano, e por outro, escancarar que uma ínfima parte dessa geração foi alçada à condição de supracidadão, de indivíduos que vivem em um mundo de regalias e privilégios, devido ao estado ter se convertido em uma guarda pretoriana da elite econômica em detrimento desenvolvimento social.

As personagens literárias que (re)agem não apenas guiadas pela razão, mas também pela emoção, pelos seus afetos e desafetos podem inspirar a investigação histórica a tratar certos problemas a partir de novas abordagens sobre trajetórias de vidas humanas e para as quais resistência, resiliência e (des)afetos podem ser componentes solutos ou solventes de uma solução (CORREA, 2021, p,239).

### ***Neoliberalismo e suas consequências***

A normalização da barbárie em *Se o Passado Não Tivesse Asas* se concretiza através do triunfo do neocolonialismo, preocupação do Centro de Estudos Angolanos (CEA). Levando em conta as considerações do CEA e de Nkrumah, sobre o termo, neocolonialismo é a consequência nos países subdesenvolvidos do neoliberalismo.

Por enquanto, basta enfatizar que, apesar de todas as tendências globalizantes do capitalismo o mundo se tornou mais, não menos, um mundo de Estado-nação, não somente como resultado das lutas nacionais de libertação, mas também sob a pressão das potências imperiais. Essas potências descobriram que o Estado-nação é o mais confiável fiador das condições necessárias para a acumulação, e o único meio pelo qual o capital pode se expandir livremente para além das fronteiras da dominação da política direta. Assim como os imperativos de mercado se tornaram um



meio de manipular as elites locais, os Estados locais mostraram ser uma correia transmissora muito mais útil para os imperativos capitalistas do que os antigos agentes coloniais e colonos que originalmente levavam o mercado capitalista pelo mundo afora (WOOD, 2014, p.29).

Em sua obra, *Aceleração*, Harmut Rosa aborda sobre a aceleração dos acontecimentos tanto no âmbito social quanto individual, característica principal da contemporaneidade, batizada pelo autor de Modernidade Tardia. Para o autor uma das implicações das mudanças rápidas e da ausência de constância é conduzir os indivíduos a cada vez mais perderem o passado, mesmo que recente, como uma fonte de experiência, de valores e de aprendizados; não sentem-se mais conectados a ele. Sem um passado para contestar ou para defender não mais conseguem realizar planos de médio e longo prazo, passam a agir de forma apenas situacionista para atenderem a demandas momentâneas em vez de atuarem em prol de um projeto de vida.

Rosa alega que duas instituições primordiais para conter essa aceleração e por sua vez contribuir para a constância tão necessária para os indivíduos internalizarem aprendizados e valores são o estado e a família, contudo ambas estão ruindo. Um aspecto que fica latente na obra que traz Diego e Sofia é a omissão do Estado quando eles são crianças e vivem na rua. Para o autor do romance a liberalização da economia feita pelo MPLA traz consigo a desistência do Estado em tomar parte das questões sociais. Sendo assim, a situação situacionista dessas personagens e a Modernidade Tardia foram promovidas, ao menos em parte, pelo estado angolano.

Na medida que instituições que asseguram para si tal estabilidade se desfazem e a identidade, assim como os programas políticos, se tornam de fato situacionais, os horizontes de opções apresentados se tornam política e eticamente infrutíferos, também pelo fato de que, pela incerteza de condições de ações e de decisão futuras, a manutenção de opções e possibilidades em aberto se torna um imperativo categórico que se impõe, em oposição a vínculos substanciais, de modo cada vez mais veemente. Isso gera, todavia, uma situação na qual as experiências quase não possuem força coesiva em relação às expectativas, resultando, assim, no rompimento, tanto individual quanto político, entre passado, presente e futuro, de uma maneira que transforma os supostos espaços de configuração autônoma em lugares estáticos de inércia fatalista (ROSA, 2019, p.589).

A guerra civil em Angola, principalmente com a sua retomada em 1992, fez explodir em Luanda uma população de refugiados que sem atendimento dos órgãos adequados passaram a viver nas ruas, muitos deles eram crianças. Himba e Kassule representam essas crianças órfãs por conta da guerra e em situação de rua devido ao descaso do poder público.

Perdida na grande cidade Himba decide buscar quem tem o dever de zelar por ela na situação em que se encontra. Vai à delegacia, lá a mandam ir para o ministério de assuntos sociais, no ministério a despacham para o departamento de Apoio ao menor. Aqui tem de esperar a chefe chegar, em nenhum momento Himba recebe algum acolhimento, é tratada feito um incômodo do qual todos querem se ver livres. Quando a responsável pelo departamento chega, ela lava as mãos “procurar família não era trabalho do departamento nem do ministério e os poucos lares estavam cheios a atirar crianças pela janela” (PEPETELA, 2017, p.38). Assim, a menina volta para as ruas sob os olhos de todos.

Existe um contraste entre a situação presente de Himba e suas lembranças com a família, por meio delas tomamos conhecimento do apreço da menina pelos estudos, da admiração pelo pai, pelo carinho com a mãe e das brincadeiras com os irmãos. Em suma, era uma menina educada, respeitava os mais velhos e tinha um espírito fraternal, “Pelo processo de socialização primária, a criança internaliza certas normas, inclusive para a repressão dos seus impulsos. O processo de socialização primária prepara também o indivíduo para uma vida social” (CORREA, 2021, 229). Portanto, havia na personagem uma estrutura ao menos em construção que a faria não ser tragada pela dita Modernidade Tardia, porém a família lhe foi arrancada e nenhuma base sólida ocupou esse vazio e quando troca de nome, mata tais atributos de vez.

Lanziero afirma que *Se o Passado Não Tivesse Asas*, referente aos capítulos pertencentes a Himba, pode ser considerado uma extensão da crônica de Pepetela intitulada *Meninos da Rua*, da primeira metade da década de noventa. A protagonista Joana, menina órfã refugiada de guerra, passa por situações similares as de Himba, inclusive o encontro com um garoto que fará as vezes de irmão. É razoável considerar que Pepetela retornou ao tema, dessa forma, os capítulos dedicados a Sofia são para denunciar as neuroses que aquele período impôs à sociedade.

Para além disso, colocando-se em primeira pessoa como interlocutor de Joana, o narrador pergunta à menina o que pensa em fazer pelo país quando for grande. À falta de resposta, procura ler nos olhos da criança algum texto possível para questionamento julgado estúpido e se depara com nova interrogação: “e que fez o País de mim?”. (LANZIERO, 2021, p.16).

No tempo cronológico de Sofia, em contraposição aos dos filhos amaldiçoados pela opção econômica e pela guerra, nos deparamos com os filhos abençoados por tais tragédias, os chamados de príncipes: filhos e herdeiros da elite econômica. A protagonista trava contato

com eles, pois passam a ser a clientela VIP do restaurante que administra, com direito a local cativo e bebidas compradas apenas para eles.

Ao apresentar aos leitores essa clientela especial Pepetela volta a insistir em um tema apresentado anteriormente: a substituição da questão étnica pelo poder econômico no papel de principal vetor do antagonismo social. Algo estabelecido pelo autor em *Predadores*, isto é, algo percebido por ele na década de noventa aprofunda-se no novo milênio.

Tal representação denuncia a existência de uma classe social predadora, repleta de luxos, propriedades e poder, filhos privilegiados da guerra. Formam a classe dirigente a serviço do grande capital, cuja atuação remete à atualização do denominado “colonialismo interno”. Essa categoria, segundo Pablo González Casanova, está ligada à história de territórios antes colonizados, cujos povos, “minorias ou povos colonizados pelo Estado-nação”, vivenciam, depois da independência, seja ela formal ou resultado de luta pela libertação, condições semelhantes às que caracterizam o colonialismo ou neocolonialismo internacional. Os exploradores nativos substituem os anteriores e associam-se às forças internacionais e transnacionais. Dão-se, no interior de uma mesma nação, relações do tipo colonial, na medida em que “há nela (na nação) uma heterogeneidade étnica, em que determinadas etnias se ligam aos grupos e classes dominantes, e outras aos dominados” (LANZIERO, 2021, p.13).

A paz trouxe para Angola uma enxurrada de capital estrangeiro e esses aportes não deixaram de seguir o roteiro traçado pelas autoras Wood e Lanziero, nele, o Estado é aliado fundamental dessa nova etapa. Gaio descreve como se deu em Angola:

De maneira geral, a ideia sustentada pela angolização na dimensão dos investimentos estrangeiros é garantir que empresários angolanos tenham assegurada sua participação em projetos nos mais variados setores da reconstrução nacional. O estabelecimento de parceria com sócio local constitui condição obrigatória para que o investidor estrangeiro obtenha aprovação do governo para seu projeto. As parcerias estabelecidas entre investidores estrangeiros e empresários locais permitem que os últimos controlem parte relevante dos projetos de reconstrução – pelo menos 35% na maioria dos setores, podendo alcançar 60% em atividades consideradas especialmente estratégicas.

Paralelamente, o governo angolano assegura-se de que o sócio local seja uma figura-chave para a preservação do status quo (GAIO, 2017, p.20).

A conversão do modelo econômico em Angola se deu sob a égide do Consenso de Washington o qual recomendava uma série de medidas econômicas forjadas pelo Banco Mundial e pelo Fundo Monetário Internacional, cujo propósito era estimular a economia das nações em desenvolvimento (SERROTE, 2020, p.56). Entre as medidas encontravam-se as privatizações de estatais, em Angola elas se deram, na maior parte dos casos, sem o

intermédio de concursos públicos, e sim por meio de escolha direta do comprador pelo poder público. Claramente um procedimento antilivre concorrência, contudo, como adverte a citação de Harvey na abertura deste capítulo, o neoliberalismo em prol do benefício dos rendimentos de detentores de títulos tolera o esmagamento do bem estar dos cidadãos e demais princípios. Pepetela manifesta no romance uma metáfora sobre esse procedimento, Himba ao chegar em Luanda, isso antes de ir para a Ilha com Kassule, dorme, junto com outras crianças em situação de rua, sob os arcos do edifício do Ministério das Finanças. Uma metáfora clara sobre a associação do capital global, se for conveniente ao seu interesse principal, com governos autoritários e sem compromissos sociais.

Assim como o Estado está longe de ser fraco, as companhias multinacionais estão longe de ser todo-poderosas. [...] O Estado, tanto nas economias imperiais quanto nas subordinadas, ainda oferece as condições indispensáveis de acumulação para o capital global, tanto como para as empresas locais; e, em última análise é o criador das condições que permitem o capital global sobreviver e navegar no mundo. Não seria um exagero dizer que o Estado é a única instituição não econômica verdadeiramente indispensável ao capital (WOOD, 2014, p.106).

A denúncia quanto a essa situação salta aos olhos nas partes da obra pertencentes a Sofia. O gritante contraste do estilo de vida perdulário dos herdeiros da elite econômica revela o abismo econômico criado, pois, em relação à década de oitenta, o estado angolano do século XXI viu seu PIB crescer significativamente, não obstante, essa prosperidade não se converteu em melhoria para a população, o angolano médio contemporâneo vive em condições parecidas ou levemente piores do que o do período socialista.

Arriscamo-nos aqui a dizer, que este crescimento acaba sendo um tanto quanto paradoxal, porque a partir do momento em que as contas do país se elevaram o nível de vida da população se degradara, pois, este crescimento não se fazia sentir na vida da população angolana (SERROTE, 2020, p.63).

Pepetela expõe a nós como se dá a primazia do lucro em detrimento de tudo mais ao narrar a suposta promoção profissional de um dos clientes VIPs do restaurante, Patrício, por causa da nomeação do pai para ministro.

O pai de Patrício voltou a ser nomeado ministro. Já tinha sido muitos anos antes, o que lhe proporcionou a maior parte de sua fortuna, se fôssemos acreditar nas más-línguas, o que todos na realidade fazemos. Os amigos de Patrício eram os primeiros a defender essa origem pouco digna da riqueza paterna, na qual ele se lambuzava com prazer evidente. Desta vez, a situação

era complicada, pois mandavam os protocolos que o país tinha assinado no quadro da região pugnar pela transparência nos negócios e boa governação. O que implicava uma rápida substituição de nome do titular nas empresas de alguém que fosse nomeado para o governo. Patrício, na tarde da mesma nomeação, foi empossado como administrador e sócio principal de muitos negócios paternos, alguns outros passando para um tio ou irmão (PEPETELA, 2017, p.324).

A condução do enredo explicita que, em Angola, ser enquadrado pela lei ou até mesmo por princípios éticos é algo inerente a quem não tem poder e nem contatos importantes. Apenas um entre os príncipes, Abdias, levanta questões sobre a operação do pai de Patrício, entretanto, não objetivando o bem da coisa pública, mas para demonstrar uma suposta erudição, pois é formado em direito, embora nunca tenha exercido.

- Podes dizer que a empresa do seu grupo tem autonomia e que ninguém tem culpa que o ministro contratante seja teu pai, mas o que sempre foi feito agora cai mal na opinião pública...  
Grande gargalhada dos amigos a acompanhar a eloquência do pseudojurista.  
- Alguém quer saber da opinião pública? – perguntou Solferino, com lágrimas nos olhos de tanto rir (PEPETELA, 2017, p.327).

### ***Perda de vínculos***

Em contraposição à Modernidade Tardia, que está cada vez mais predominante, Rosa nomeia o período anterior ao nascimento dessa nova hegemonia de Modernidade Clássica, se não acabou está em vias de acabar. Nela, os indivíduos possuíam um projeto de vida e organizavam suas vidas para realizá-lo.

A ruptura entre a Modernidade Clássica e a Modernidade Tardia pode ser definida bem precisamente como o momento na “história da aceleração” no qual as força aceleratórias ultrapassam de tal maneira a capacidade de estruturação e integração dos sujeitos e sociedades que a temporalização da história e da vida, como forma de experiência temporal dominante, é suplantada pela temporalização do tempo, levando assim, o projeto cultural e o processo estrutural de modernização a uma contradição insolúvel (ROSA, 2019, p.590).

É possível perceber na obra de Pepetela que o autor percebe tal acontecimento, principalmente se compararmos o romance *Lueji*, 1989, com o *Se o passado tivesse asas*, 2016. As protagonistas do primeiro romance, rainha Lueji e bailarina Lu, estão na Modernidade Clássica, possuem um projeto de vida e se organizam em torno dele. Dentro da

classificação de Rosa essas personagens possuem uma “identidade estável a posteriori, caracterizada pelo fato de que o arranjo de elementos identitários, uma vez encontrado, seja mantido de forma cronologicamente estável” (ROSA, 2019, p.477). Pelas lembranças de Himba dos tempos de sua terra natal percebemos que a menina se encaminhava para a construção de uma identidade estável a posteriori, porém o fim dos dois principais entes de estabilização do indivíduo, a família e a função social do estado, a metamorfosearam em Sofia.

As consequências do neoliberalismo nos países em desenvolvimento podem receber o nome de neocolonialismo, pois, embora, trate-se de um novo contexto, por essa razão cabe o termo “neo”, mantêm praticas, apesar de aplicações diferentes, do colonialismo, entre elas a subordinação econômica e cultural desses países a nações desenvolvidas. Diante disso, para compreendermos as intenções de Pepetela podemos nos valer de autores que discorreram sobre o colonialismo para nos iluminar a respeito de práticas contemporâneas.

Tendo assistido à aniquilação de seus sistemas de referência, à destruição de seus esquemas culturais, nada mais resta ao autóctone senão reconhecer, juntamente com o invasor, que “Deus não está do seu lado”. [...] O oprimido tenta então escapar disso, por um lado proclamando sua adesão total e incondicional aos novos modelos culturais e, por outro, condenando de forma irreversível seu próprio estilo cultural (FANON, 2021, p.78).

Sofia compreende não pertencer ao mundo dos príncipes tão menos sente-se vinculada a qualquer outro grupo, é uma folha solta. Porém, rompida com seu passado enxerga nos filhos da elite econômica o único lugar para ir ou ao menos se espelhar. Afinal, em *Se o Passado Não Tivesse Asas* apenas um grupo possui uma fraternidade, é coeso, organizado e seus membros reconhecem-se com facilidade; são os únicos a sentirem-se pertencentes a uma mesma comunidade: a elite econômica. Elite esta que não se restringe às fronteiras nacionais, pois a afinidade eletiva construída a favorece e inexistente uma que congregue todos os angolanos. Tanto é assim que os demais tentam orbitar em seu em torno.

[...] há uns tantos que estão na escada procurando subir, talvez a maioria. Os atores que andam por aí não têm onde cair mortos [...]. as misses andam à procura de alguém que as sustentem, mas sabem, não encontram aqui. Vais ver, ficam um pouco pelo divertimento e vão embora. Os desportistas são famosos, relativamente, mas é só na rua e nos musseques. Ganham bem mas não têm fortuna. Nem a sorte de serem contratados para o estrangeiro. Dão um certo brilho popular à festa, por isso são convidados [...] E muito dessa malta sabe cumprimentar e fazer ares amáveis e sofisticados mas se começares uma conversa vais logo ver que não passam de banalidades,

falhos de cultura e curiosidade de aprender. Só sorrisos treinados (PEPETELA, 2017, p. 119).

A fala é de Salomé, uma das clientes VIP do restaurante, e na sua descrição completa evidencia-se que a diferença essencial entre os alpinistas sociais e a sua classe é a conta bancária. A obra traz outro dado a corroborar as alegações da personagem: a formação acadêmica. Os diplomas dos herdeiros da elite econômica, todos obtidos no estrangeiro, notadamente Europa e Estados Unidos, são algo próximo a um título de nobreza, pois os príncipes fazem questão de fazer referência a eles em seus diálogos, entretanto, não exercem as profissões as quais tais atestados os qualificam, tão menos possuem estima e conhecimento pelas mesmas. Poderiam perfeitamente fazer suas palavras as palavras de Brás Cubas ao aludir ao seu diploma de direito tirado em Coimbra, “No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso” (MACHADO, 2002, p.51).

Os locais onde os príncipes obtiveram os diplomas é indício da internacionalidade dessa classe, pelo estilo de vida que levam poderiam viver em qualquer outro lugar do globo se não fosse a fonte financeira: o único vínculo sólido dos integrantes desse estrato social com o país. Além dos diplomas, há os locais onde passam férias das férias eternas passadas no país natal. Em suma, a clientela VIP de Sofia é composta por cidadãos do mundo, com livre trânsito entre as fronteiras e o seu país. Angola lhe soa apenas mais um local de parada que propriamente um lar.

[...] hoje acontece o exato oposto, ou seja, é a vinculação a um lugar e a falta de autonomia temporal (o limitar-se ao plano local e a ligação ao duradouro) que faz as classes socialmente inferiores pareçam atrasadas, e, por assim dizer, retrógradas, sinalizando perigo de exclusão (ROSA, 2019, p.442).

Por isso parece cabível supor que a atitude exótica dos príncipes em frequentar o restaurante popular regido por Sofia é uma alusão a jovens nobres europeus de tempos idos, entediados com a opulência da corte, partindo para visitar os locais frequentados pelos plebeus e olhar com curiosidade e distanciamento como o vulgo vive. São quase turistas em seu país, o que os prende no restaurante de Sofia é o arroz de peixe com marisco que estão acostumados a comer em países do Mediterrâneo e do Caribe, porém há um toque local, a protagonista acrescentou loengo, uma fruta nativa, ao tempero. Este é o papel de Angola na vida dessa classe, um condimento local em um prato internacional.

Sofia não pertence à elite, logo tem baixa capacidade de locomoção, está presa ao local, assim, compõe os atrasados. Entretanto, o fato de não conseguir se deslocar com a facilidade da sua clientela VIP não a faz identificar-se com Angola, nem mesmo com Luanda, o local em que reside.

Identities, como é possível concluir, se distanciam, no processo de modernização, cada vez mais do seu entorno espacial e das estruturas materiais do ambiente: elas não encontram sua extensão nestas nem são mais por elas definidas. Nada no local (temporalizado) no qual o sujeito cumpre a sua vida adere a ele de maneira “essencial”; ele não reconhece mais o ambiente como uma extensão de si (ROSA, 2019, p. 487).

Sofia não possui um sentimento de pertencimento, seja local ou social, ao contrário das protagonistas de *Lueji* que são fortemente identificadas com o seu entorno, são por ele definidos e lutam para contribuir para seu aprimoramento.

### ***Hospedando o opressor***

Sofia, assim como Diego, é uma vítima dos acontecimentos, vive apenas para reagir a eles, sem os antecipar e sem um planejamento maior. Qualquer situação que vislumbre exigir um comprometimento mais profundo e duradouro a desorienta e faz com que a evite. Embora não esteja feliz com o atual estado das coisas se acostumou com Modernidade Tardia, mesmo não pertencendo ao grupo social que dela se beneficia. Sofia se enquadra no que sentencia Rosa ao citar Sennett “As condições temporais no novo capitalismo criaram um conflito entre caráter e experiência. A experiência de um tempo descontextualizado ameaça a capacidade do ser humano de dar forma ao seu caráter em narrativas resistentes” (ROSA, 2019, p.493).

Sofia vive apenas para a prosperidade do seu comércio. Não é mãe, não é amiga, não é amante, nem mesmo mais age como irmã de Diego; é tão somente empreendedora. Não sabemos, nem mesmo Sofia, quais suas opiniões sobre arte, política, situação social do país ou pelo menos sobre sua própria condição “Se a psiquiatria é a técnica médica que se propõe permitir que o homem não seja mais um estrangeiro em seu ambiente, devo afirmar que o árabe, alienado permanentemente em seu país, vive num estado de despersonalização absoluta” (FANON, 2021, p.93).



As experiências não mais impactam Sofia, com exceção feita às tragédias sofridas na infância, a perda da família e a violência sofrida nas ruas de Luanda, e que não foram remediadas por nenhum tipo de assistência adequada. Mesmo quando Himba é resgatada da rua junto com o irmão feito nela, Kassule, pelo padre Adão não é o suficiente, em razão de o seu abrigo consistir somente em oferecer cama, comida e acesso à escola, além de serem apenas o padre e mais uma auxiliar a cuidarem de dezenas de crianças e adolescentes.

Himba conscientiza-se, após ser violada por um bando, ser alvo dos desejos dos garotos, uma caça a ser abatida, pouco depois se vê obrigada a ser esposa de Tobias. As meninas são muito menos numerosas e Himba é considerada bonita, então, por necessidade opta por permanecer com o mal menor, continuar com Tobias. Fugir dele pode provocar castigos, mas caso seja bem sucedida volta a ser alvo de qualquer um por não mais ser de um líder de bando temido pelos demais. Além dessa proximidade com Tobias a levar a obter a realização de pequenas vontades. Portanto, a principal lição assimilada nessa fase da vida pela personagem principal é que a objetificação do indivíduo lhe é algo imanente, sendo assim, não adianta lamentar sobre um dado da natureza, e sim saber tirar o melhor proveito dele “*esse homem-coisa, homem-máquina, homem-código, homem fluxo* procura antes de mais nada regular a sua conduta em função de normas de mercado, sem nem sequer hesitar em se autoinstrumentalizar e instrumentalizar os outros para otimizar a sua parcela de fruição” (MBEMBE, 2018, p.17).

No caminhar de Sofia, observamos forte inclinação à satisfação do interesse individual em detrimento do coletivo. A personagem se vale de arcabouço estratégico para resolver conflitos, tendo em vista seu próprio êxito. Agindo assim, distancia-se do ethos do herói. Comporta-se como um jogador tentando maximizar suas chances. Estrategista, Sofia lança os dados para obter algum sucesso sem, no entanto, livrar-se do desassossego comum às criaturas complexas, nascidas à beira dos abismos (LANZIERO, 2021, p.22).

Por esse caminho Sofia realiza o que Freire descreve como o ato do oprimido hospedar o opressor e, por conseguinte, a vulnerável Himba converte-se em a predadora Sofia “As forças inconscientes ou irracionais de uma resistência têm sido negligenciadas. Porém, o inconsciente pode predispor um indivíduo à resistência, assim como à indiferença ou à resignação diante de uma ordem social estabelecida” (CORREA, 2021, p.228).

O primeiro acontecimento a revelar essa transformação é quando a protagonista no final da adolescência, ainda antes de mudar seu nome, e estudante de contabilidade percebe sobre si os cobiçosos olhares do professor da única matéria em que não vai bem, esse

professor também é o diretor do instituto. Ela sabe, aliás, todos sabem, que o diretor é um assediador contumaz das jovens alunas. Vê nisso uma oportunidade e age como a jogadora descrita por Lanziero, conduz o assediador para uma armadilha, todavia, não com o intuito de denunciá-lo e assim evitar que venha a fazer novas vítimas, mas para obter vantagem pessoal. A emboscada tramada surtiu efeito, e o professor, para não se ver mergulhado em um escândalo, aceita entregar a prova antes da sua aplicação para a aluna ir buscar as respostas.

O pedófilo continuou a atuar em seu gabinete? Nunca soube nem lhe interessava. As outras que se safassem, cada um se defende com as armas que possui [...]

Tinha de passar no ano e a disciplina era um escolho. Removeu o escolho. Ainda por cima se tratando de um criminoso, um pedófilo, de que todos falavam mas sem atuarem contra o prevaricador. Ela fez justiça. E lucrou com a justiça. Nada tinha de se envergonhar, a vida era uma guerra, como todos lhe diziam, e ela tinha aprendido nas circunstâncias mais difíceis. Ia agora ter remorsos?

Remorsos são para os fracos, ela era uma lutadora (PEPETELA, 2017, p.320).

Em escala micro e particular aplica a lógica neoliberal definida por Harvey, põe de lado o bem social em favor de uma conquista pessoal e chama a isto de justiça. Esse raciocínio da personagem principal assemelha-se em muito com as convicções de Caposo encontradas em seu diário íntimo, afirmando nele que o empresário moderno é um gladiador que combate sozinho contra todos, munido apenas por sua solidão.

O fato de o mundo de Sofia reduzir-se ao restaurante também é consequência dos traumas definidores de sua personalidade. O negócio pode ser controlado, planejado e, portanto, é previsível ao contrário das instabilidades das relações humanas, Tobias foi assassinado em uma briga diante de Himba. É a única relação estável, isto é, que é possível perceber uma relação entre passado, presente e futuro e assim transmitir uma sensação de segurança e confiança a Sofia, pois essa relação depende exclusivamente do seu investimento e empenho. Ademais, a prosperidade econômica, como bem mostra o exemplo dos príncipes, é a forma mais eficiente de se proteger e obter vantagens.

Dentro dessa lógica de lutadora, de estrategista que instrumentaliza as pessoas e as relações e do distúrbio afetivo de enxergar sentido apenas na prosperidade econômica é que Sofia faz a sua jogada quando a sócia majoritária do restaurante falece, dona Ester. Por meio de algumas artimanhas consegue passar para seu nome os oitenta por cento da falecida, quanto ao herdeiro, o filho Ezequiel, é colocado em um lar especializado em cuidar de

peessoas com problemas emocionais e psicológicos. Ou, em outros termos, Sofia roubou um incapaz.

Enquanto as desgraças que se abateram sobre Himba empurraram Sofia para a Modernidade Tardia, a transformando na representação da falta de comprometimento, de pertencimento a um local e da desvinculação entre experiência e caráter; seu irmão de criação, Diego, representa a depressão.

Assim a depressão [...] se torna a patologia da modernidade tardia [...]. Trata-se sempre de um estado psíquico que, em face da incapacidade de espírito em direcionar sua energia para um objetivo fixo, constante e tido como vantajoso, e desenvolvê-lo resolutamente, é caracterizado por uma prostração, uma monotonia e um vazio artificiais (ROSA, 2019, p. 501).

Diego é um artista, pintor, no entanto nunca consegue pintar algo que considere realmente autêntico, que o represente ou que lhe pareça essencial ou com o qual se identifique. A tela na qual pode vir a surgir sua obra-prima fica em seu quarto a espera de ser iniciada, porém ele não sabe por onde começar e nem sabe o que deseja pintar, apenas sente uma vontade a qual não consegue dar vazão. É uma energia represada. “Essa energia, segundo o diagnóstico de Ehrenberg, possui dificuldade insuperáveis em se desenvolver de maneira produtiva” (ROSA, 2005, p. 501). Sem conseguir externalizar o que sente ser sua essência, Diego ao seu modo age tal qual sua irmã, entra em uma lógica de mercado, criando quadros apenas sobre demanda, demandas externas, pinta ou retrata apenas os que os clientes pedem ou o que sabe que conseguirá vender na feira de artesanato para turistas, geralmente paisagens exóticas e animais de grande porte.

Os elementos se apresentavam pintados com realismo, o conjunto equilibrado, as cores corretas como lembrava de vidas anteriores ou tinha visto em livros e em filmes, os movimentos bem delineados, mas faltava a alma, o estilo único de uma pintura. Qualquer um faria aquilo. E ele não era qualquer um (PEPETELA, 2017, p.45).

Os irmãos, cada um por vias diferentes, pelos acontecimentos pelos quais passaram e pelo Espírito do Tempo foram inibidos na sua capacidade do que Paulo Freire nomeia de “vocação de ser mais”. Diego não consegue se expressar em sua arte e por isso vive em um estado de frustração permanente; por seu turno, Sofia canalizou toda a sua potencialidade para os negócios, reduziu a exuberância humana a esse monotema.

### 4.3 Por que ainda escrever?

As obras de Pepetela do século XXI estão longe de serem utópicas, como as da década de setenta, nem sequer esperançosas como *Lueji*. Os heróis, vanguarda e encarnação da utopia, desapareceram de suas obras. Embora, em *Predadores* apresente personagens secundários que ganham destaque por apresentarem índoles fraternais e preocupação com o próximo e em *Se o Passado Não Tivesse Asas*, após uma discussão com Diego, Sofia demonstre sinais de remorso pelo o que fez com Ezequiel, malgrado o livro terminar antes de sabermos se é um sentimento passageiro ou transformador, as obras são distópicas. Os dois romances tratam basicamente do triunfo de tudo que o jovem escritor e guerrilheiro Pepetela lutou para que não se realiza-se.

Contudo, ao que parece, não renunciou à prática de utilizar a literatura como um instrumento de conscientização. Os novos tempos e a afinidade eletiva que se estabeleceu e a descrença ou derrota da afinidade pela qual lutou até o começo dos anos oitenta produziram uma mudança na literatura do autor de *Mayombe*. Dedicou-se em denunciar a catástrofe social inerente a afinidade eletiva reinante, o neocolonialismo. Faz isso ao trazer aos leitores personagens que encarnam algozes e vítimas, podendo até mesmo ser um híbrido dos dois, a exemplo de Sofia.

A função de uma estrutura social é constituir instituições permeadas pela preocupação com o homem. Uma sociedade que encurrale os seus membros em soluções de desespero é uma sociedade inviável, uma sociedade que deve ser substituída.

O dever do cidadão é dizê-lo. Nenhuma moral profissional, nenhuma solidariedade de classe, nenhum desejo de lavar a roupa suja em casa pode prevalecer aqui. Nenhuma mistificação pseudonacional pode seduzir a exigência do pensamento (FANON, 2021, p.94)

Entre as intenções de Pepetela está demonstrar por meio da ascensão de Caposo e os infortúnios vividos por Himba o quão urgente e vital é a necessidade de mudar a estrutura social vigente. Por meio dessas personagens leva o leitor a atinar para a normalização cotidiana do hediondo, faz com que perceba o qual deletério é o atual estado de coisas. Pois, para uma nova geração ou grupo social vislumbrar outra afinidade eletiva é preciso antes de tudo não apenas que não aprecie a atual, mas que se indigne com ela, é o primeiro passo para viabilizar a utopia, para superar a situação-limite atual.

Para isso o autor continua a fazer uso de uma estratégia tradicional sua: fazer da sua ficção um meio de promover empatia e fraternidade. Todavia, dessa vez não através de um

candidato a herói, mas por intermédio de potencialidades abortadas e de qualidades desperdiçadas. Com a personagem Himba/Sofia provoca em quem acompanha o enredo a mesma sensação descrita por Oscar Wilde em relação à música Chopin.

De cada vez que toco Chopin tenho a sensação de estar a chorar pecados que nunca cometi e de estar triste por tragédias que nunca vivi. Parece-me que a música me provoca sempre esta sensação. Cria ao homem um passado que ele desconhecia e enche-o de uma atmosfera de tristeza que as suas lágrimas ainda não descobriram. Posso imaginar um homem que, depois de ter vivido uma vida completamente cinzenta, ao escutar por acaso uma certa composição descobre que a sua alma, sem ele saber, passou por experiência terríveis e conheceu prazeres assombrosos, ferozes amores românticos ou grandes abnegações (MUKAROVSKÝ, 1993, p.75).

Na literatura, esse passado criado é a geração de uma experiência, é a assimilação das vivências das personagens que encarnam dramas humanos e por seu intermédio a compreensão dos indivíduos que elas representam.

Em acréscimo, outro objetivo de Pepetela em seus livros mais recentes é denunciar que os acontecimentos em Angola compõem um fenómeno global. Os romances analisados nos capítulos dois e três são centrados em Angola, conexões externas são eventuais e pouco aprofundadas; o que não impede que tal análise seja realizada. Em contrapartida, nas duas obras escrutinadas neste capítulo existe o propósito de pontuar que o que se passa em Angola é uma particularidade de uma onipresença, o loengo de Sofia no arroz de peixe com marisco. Talvez o fato de, no século XXI, Pepetela ter ciência de possuir mais leitores no Brasil e em Portugal do que em Angola também tenha contribuído para destacar esse ponto nas obras deste período.

Angola é o mundo, não apenas porque é um microcosmo da humanidade, mas porque é mais um espaço ocupado pelo pensamento-e-ação que a globalização, eufemismo para o neocolonialismo ocidental, como defende Mignolo, determinou como valores e condutas para homens e suas sociedades (MATTOS, 2021, p.218).

## Conclusão

A literatura, como argumentado no capítulo primeiro, é uma fonte que pode ser explorada para compreender as transformações ocorridas em uma sociedade, principalmente no que tange à análise de propostas sociais derrotadas e as convicções de seus defensores, e assim perceber quais eram as perspectivas que estavam em disputa. A arte, e por extensão o campo específico da literatura, se presta muito bem aos pesquisadores das ciências humanas no discernimento da ética que mobiliza determinados grupos e no caso de escritores engajados, caso de Pepetela, vai além, apresenta aos investigadores por quais princípios éticos artistas e intelectuais mobilizaram-se para que tornassem predominantes na sociedade.

Os romances de Pepetela permite-nos observar o quanto acontecimentos globais repercutiram na sociedade angolana, as maneiras pelas quais foram assimilados e transformados nos últimos cinquenta anos. Assim como a apreensão das intenções e do entendimento do autor em relação a esses acontecimentos. Dessa forma, é fundamental ter em mente que antes de fazer da escrita literária uma prática cotidiana, Pepetela era um militante de orientação socialista. Ele integra o MPLA com a intenção de libertar sua terra natal de Portugal, porém quer mais do que isso, essa libertação é desejada por ser encarada como primeiro passo de muitos para conduzir a sociedade angolana rumo à fraternidade social e ao desenvolvimento social: que receberá o nome de utopia em suas entrevistas e romances.

Pelas ideias expostas pelo Centro de Estudos Angolanos (CEA), do qual o autor é um dos principais colaboradores, é que concluímos que Pepetela comunga da ideia de emancipar-se de Portugal não basta, faz-se necessário livrar-se do capitalismo, pois se permanecer nessa esfera Angola será capturada pelo neocolonialismo. A alternativa defendida é de inspiração marxista por ver nela os ideais de igualdade e solidariedade, entretanto, o CEA salienta que é fundamental compreender as crenças e características da sociedade angolana pra viabilizar a utopia. Portanto, para tal é necessário criar uma afinidade eletiva; em suma, incutir na população o sentimento de fraternidade e igualdade, levando, por conseguinte, a proletarização dos hábitos e costumes e, com a conquista do estado, erigir uma estrutura política e econômica que dê àquelas características resultados materiais.

Pepetela irá carrear essas perspectivas para a sua literatura, aliás, este é o motivo de sua escrita, principalmente no que tange a disseminar o sentimento de comunhão, em contribuir para a assimilação de uma comunidade imaginada baseada no território nacional. Suas primeiras obras trazem representações de concepções políticas apresentadas da carta do

CEA e com o viés nela apresentado, as práticas que contribuem para o neocolonialismo e as que contribuem para a emancipação total de Angola. Tais práticas serão metaforizadas em personagens sínteses em seus romances. Com base em declarações do autor em entrevistas, as personagens que se articulam com a utopia foram neste trabalho nomeados mestiços culturais ideais e os que associam-se com práticas do neocolonialismo, de neocolonizador nativo: que é o nativo que assume o papel hierárquico do antigo colonizador ao invés de lutar para o fim dessa prática social.

Nas obras ficcionais dos anos setenta de Pepetela é evidente a sintonia dos enredos com os propósitos do CEA: criar uma afinidade eletiva que supere as diferenças étnicas e sociais, além da primazia da coletividade sobre ambições individualistas. Nesse esforço, sua literatura busca ser um guia ético em incutir no leitor o sentimento de igualdade e fraternidade. Em *As Aventuras de Ngunga*, a narrativa aponta quais são as práticas egoístas e exploratórias e as condena; em contraposição, afirma quais são as ações solidárias e justas e as incensa. Em *Mayombe*, o foco principal é a rivalidade étnica que é apresentada ao leitor como algo muito próximo de superioridade racial e civilizacional, enfim, em outros termos, uma continuação da justificativa colonial: existem os culturalmente superiores e por isso devem tutelar os que não se encontram nessa condição elevada.

As duas obras combatem, em flancos diferentes, o tribalismo. Nelas, o tribalismo representa a parte da tradição que é considerada deletéria para a criação da afinidade eletiva, posto que ambas denunciam ao leitor que a fatia perniciosa da tradição se coaduna com comportamentos potencializados pelo capitalismo, entre eles: exploração do próximo, crença na superioridade do seu grupo, objetificação dos indivíduos. Até aqui, estamos falando de práticas e valores. Outro pilar dessa afinidade, a estrutura econômica e política, é de inspiração marxista-leninista, pois os heróis dessas obras são guerrilheiros ou futuros guerrilheiro do MPLA, caso de Comissário e de Ngunga.

As três obras escrutinadas no capítulo terceiro têm em comum a falência da afinidade eletiva e, por conseguinte, da perda da utopia como meta de chegada. *O Cão e os Caluandas*, publicado após os expurgos da ala progressista do governo e do MPLA, revela-nos que a essa falência se deu pelos dois lados, tanto a arquitetura política e econômica quanto o sentimento de fraternidade entre os angolanos ruíram. Ao longos dos vários pequenos capítulos pipocam hábitos, costumes e uma estrutura econômica incompatível com a afinidade eletiva socialista, idealizada nas obras anteriores, porém muito coerente com a afinidade eletiva neoliberal/neocolonial.

Acompanhando *Lueji*, 1989, escrito no momento de transição econômica e como resposta a essa escolha, é perceptível não mais haver a defesa de uma afinidade eletiva graças à convicção do autor da falência do socialismo real. Entretanto, ocorre a denúncia do erro cometido pelo governo na forma de conduzir a transição. Ela se dá ao apresentar, em sua ficção, a Angola do futuro metaforizada no grupo de dança Kukina. O grupo é asfixiado pela presença do coreógrafo tcheco, representando a cópia da solução da URSS para a crise do socialismo. Essa imposição que desrespeita as características e os valores da sociedade angolana tira do MPLA, chamado apenas de partido, a legitimidade de conduzir a sociedade angolana por demonstrar não mais reunir as condições de conduzir Angola à utopia. Entretanto, não mais encontramos a defesa de uma afinidade eletiva específica, uma vez que não nos é apresentado um grupo, como se deu com o MPLA na década de setenta, com propostas políticas e econômicas; mas sim a necessidade do surgimento de uma nova afinidade eletiva, e os valores básicos que deve conter para propiciar a fraternidade social e o desenvolvimento social: seleção da tradição, inovação que contribua para utopia e comprometimento social. Lu, a protagonista do futuro, em contraposição ao partido, demonstra respeito ao passado ao buscar em Lueji, a protagonista do passado, inspiração para superar a situação-limite de seu tempo, tal que a rainha fez em sua época. *Lueji* é a única obra em que o mestiço cultural ideal se realiza ao conseguir conduzir a sociedade até a utopia. Nas demais, quando aparece, o mestiço cultural está em vias de se realizar, é uma promessa.

Em *A Geração da Utopia*, vinda a público no ano posterior à transição econômica, Pepetela apresenta, ao criar personagens sínteses dos que participaram ou acompanharam a luta pela independência, os caminhos pelos quais o MPLA abriu mão da utopia ao não expulsar ou derrotar os membros dispostos a constituírem a afinidade eletiva adequada ao neoliberalismo/neocolonialismo, com isso a estrutura governamental foi absorvida de vez pela tese dos que Vidal alcunhou de pragmáticos-liberais. Os candidatos a neocolonizadores nativos sempre estiveram no seio do MPLA, no entanto, não foram enquadrados, e sim premiados, a exemplo de Vítor. Por seu turno, os mestiços culturais ideias foram defenestrados. No romance a expulsão não se deu de forma ativa, como na realidade, e sim por meio de incompatibilidade ética que levou os adeptos da utopia abandonarem o MPLA por ele não mais lutar por ela.

Nas obras *Predadores* e *Se o Passado Não Tivesse Asas* o escritor angolano diz a nós que se estabeleceu de maneira definitiva em Angola o neoliberalismo/neocolonialismo e as suas consequências sociais: uma espécie de supracidadania para os membros da elite econômica, as leis e instituições se conformam aos seus interesses, quando não, elas são



simplesmente contornadas por uma prática de compadrio entre entes do governo e do capital; e um subcidadania, a maior parte da população não consegue fazer valer direitos básicos a não ser quando conseguem algum apadrinhamento.

Em acréscimo, o neoliberalismo/neocolonialismo, ao legitimar uma índole de competição ao invés de comunhão e ao patrocinar a retirada do estado das questões sociais, inviabilizou o sentimento de pertencimento e fraternidade na população ao dificultar seriamente o estabelecimento de uma identidade estável que leve os indivíduos a perceberem a comunidade onde vivem como algo fundamental para a formação de seus valores e perspectivas. Essa alienação leva as personagens Sofia e Diego a enxergarem a situação-limite em que se encontram como uma fatalidade, um dado da natureza, e, assim, nem sequer cogitam a hipótese do inédito viável, quanto mais a sua realização, a exemplo das protagonistas de *Lueji*. O único grupo organizado e que comunga de alguma fraternidade é a elite econômica que pouco apego tem ao seu país de origem. Como demonstrado, essa situação não se restringe a Angola e Pepetela demonstra em sua obra ter consciência disso.

Por ser um expoente da literatura angolana, Pepetela torna-se um representante e porta-voz de parte significativa da intelectualidade do seu país, uma vez que ajudou a criá-la, ao ponto de ter antecipado em suas obras temas que a academia só irá debruçar-se anos depois e por isso em muitos casos tornou-se fonte e guia inicial dela. Além de em vários aspectos as análises de Pepetela sobre o que se passa em seu país parecerem ser previsões para além-mar. Entre as mais contundentes, feita em *A Geração*, é a afirmação do bispo Elias que a religião irá entrar na política com força e que isso irá se espalhar pela diáspora africana.

A literatura possui a capacidade de direcionar o olhar do leitor para o que o artista considera fundamental, assim, o induzindo, ao tirá-lo da cacofonia do dia a dia que o desorienta, a travar um diálogo semelhante à proposta freireana que defende que ao educador-educando cabe apresentar ao educando-educador contradições essenciais que o desafie a buscar soluções tanto intelectuais quanto no campo da ação. No caso da obra de ficção isso se dá por meio de alegorias de situações sociais.

Sendo assim, outras questões apenas tangenciadas nesta dissertação podem ser aprofundadas em trabalhos futuros. Entre elas análise das cartilhas de alfabetização que Pepetela ajudou a criar no tempo da guerrilha e verificar o quanto dessas cartilhas encontramos na obra do autor. Há também a dicotomia entre neocolonizador nativo, que dentro do universo de Freire é um oprimido que internalizou o opressor e conseguiu ascender na hierarquia social; e o mestiço cultural ideal que na linguagem freireana é um educador-educando que contribui para todos virem a ser mais. Então, esses dois atores, um pró

neocolonialismo e outro pró utopia, podem futuramente serem buscados em outras obras artísticas africanas, como foi feita brevemente com os filmes *Baara* e *Mandabi*, e com o intuito de observar as nuances locais de acontecimentos globais tais quais as emancipações em África, adesão ao socialismo e as consequências sociais da entrada na economia de mercado com o fim do socialismo real.

## Bibliografia

- ABDALA JUNIOR. **Literatura, História e Política**: Literatura de Língua Portuguesa no Século XX. 2ª edição. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- ABDALA JUNIOR, Benjamin. Notas sobre a Utopia, em Pepetela. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p.171-178.
- ALONSO, Angela. Crítica e contestação: o movimento reformista da geração de 1870. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.15, n.44, p.35-55, out. 2000.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARENAS, Fernando. **África Lusófona**: além da independência. São Paulo: Editora USP, 2019.
- ARRIGHI, Giovanni. **O Longo Século XX**: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. São Paulo: UNESP, 1996.
- BITTENCOURT, Marcelo. Fissuras na luta de libertação angolana. **MÉTIS: história & cultura**. v. 10, n. 19, p.237-255, 2012.
- BITTENCOURT, Marcelo. Memórias da guerrilha: A disputa de um valioso capital. **História Oral** – Revista da Associação Brasileira de História Oral. n. 2, p.91-110, junho de 1999.
- CANDIDO, Antonio. **A Personagem de Ficção**. 13ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CANDIDO, Antonio. A Personagem de Romance. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **A Personagem de Ficção**. 13ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2014, p.51-80.
- CANDIDO, Antonio. **A Formação da Literatura Brasileira**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida; NASCIMENTO, Washington Santos. **Intelectuais das Áfricas**. Primeira edição. Campinas, SP: Fontes Editores, 2018.
- CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. Oh, pedaço arrancado de mim!: reflexões sobre os mutilados angolanos por minas militares. **ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, 2009.
- CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. Pepetela: entre a sordidez das práticas e a sedutora utopia. In: CARVALHO, Silvio de Almeida, NASCIMENTO, Washington Santos (Org.). **Intelectuais das Áfricas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018. p.359-399.
- CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. Pepetela: fragmentos de uma trajetória. **Boletim do Tempo Presente**, n.6, p.1-16, set. 2013.
- CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. Predadores: quando a literatura narra as relações de poder em Angola. **Outros Tempos**, v.12, n.19, p.118-134, 2015.
- CASTELO, Cláudia. **O modo português de estar no mundo**: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa. (1933-1961). Porto: Edições Afrontamento, 1999.
- CASTRO, Fidel. Angola. **Jornal do Brasil**, p.22, 18 de mar. 1990.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Afonso M. **A História Contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHAVES, Rita. Pepetela: romance e utopia na história de Angola. **Via Atlântica**, São Paulo n.2, p.216-233, jul. 1999.

CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

CONRAD, Sebastian. **O que é História Global?**. Lisboa: Edições 70, 2019.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Conexão Sul: contributo africano para o modernismo sul-brasileiro. In: CORREA, Sílvio Marcus de Souza; PAULA, Simoni Mendes de (Org.) **Nossa África: ensino e pesquisa**. São Leopoldo: Oikos, 2016, p.15-30.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Uma mirada insular ao continente africano: a África no PPGH/UFSC. In: CORREA, Sílvio Marcus de Souza; PAULA, Simoni Mendes de (Org.) **Nossa África: ensino e pesquisa**. São Leopoldo: Oikos, 2016, p.68-81.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. Resistências, Resiliências e Afetos: diálogos entre história e literatura africanas. **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, n.22, ago. 2021.

DIALLO, Cintia Santos; LIMA, Claudia Araujo. Revisitando a historiografia africana: subsídios para a disciplina História da África nas licenciaturas. **Debates em Educação**, Maceió, v.12, n.28, p.265-288, set/dez 2020.

DIAS, Jill. Uma questão de identidade: respostas intelectuais às transformações econômicas no seio da elite crioula da Angola portuguesa entre 1870 e 1930. **Revista Internacional de Estudos Africanos**, Lisboa, n.1, p.61-93, jan./jun. 1984.

EWERTON, Fernando; ZAPPA, Regina. África Austral troca as armas pela força do diálogo. **Jornal do Brasil**, p.20, 25 de mar. 1990.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FANON, Frantz. **Por uma revolução africana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. **Entre raças, tribos e nações: os intelectuais do Centro de Estudos Angolanos**. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade federal da Bahia, Salvador, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GAIÓ, Gabrieli Fernandes Fickelsherer. Preservando o status quo na economia política angolana: adaptações governamentais, angolanização e o mercado. **Mural Internacional**, v.8, n.1.

GÓES, Walter de. Neto domina toda Angola. **Jornal do Brasil**, p.12, 13 de ago. de 1975.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

JORNAL DO BRASIL. Angola será independente em novembro. **Jornal do Brasil**, p.1, 16 de jan. 1975.

JORNAL DO BRASIL. Libéria propõe à ONU que discuta a administração dos portugueses em Angola. **Jornal do Brasil**, p.2, 16 de fev. 1961.

LANZIERO, Beatriz de Jesus Santos. O Leitor Como Mediador de Diálogos: o entretecer de fios textuais a partir de *Se o Passado não Tivesse Asas*, de Pepetela. **AbeÁfrica: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos**, v.5, n.5, abr. 2021.

LAURITI, Thiago. As aventuras de Ngunga, de Pepetela: muito além da cartilha. **Via Atlântica**, São Paulo, n.14, dez. 2008.

- LÖWY, Michael. Sobre o conceito de “Afinidade Eletiva”. **Plural**, São Paulo, v.17, n.2, p.129-142, 2011.
- LUGARINHO, Mário César. *Muana Puó: uma pequena leitura da máscara*. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p.237-240.
- MACHADO, Assis. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- MACHADO, Carolina Bezerra. A construção do poder em Angola nos romances de Pepetela: os novos ricos e a apropriação do Estado no pós-independência. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.41, n.86, p.159-180, 2021.
- MACINTYRE, Alasdair. **Depois da Virtude: um estudo sobre a teoria moral**. Campinas: Vide Editorial, 2021.
- MARCON, Frank Nilton. **Leituras Transatlânticas: diálogos sobre identidade e o romance de Pepetela**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- MARTINHO, Fernando J.B.. *Muana Puó: Enigma e metamorfose*. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p.141-149.
- MATA, Inocência. Pepetela e as (novas) margens da nação. **Veredas**, Porto, v.4, 2001.
- MATEUS, Álvaro; MATEUS, Dalila Cabrita. **Purga em Angola**. 10ª edição. Alfragide: Texto Editora, 2009.
- MATTOS, Marcelo Brandão. **A Geração da Distopia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.
- MATTOS, Tatiane Reghini de. **As vozes narrativas de Pepetela: A geração da utopia e Predadores**. Dissertação (mestrado em Estudo Comparado de Literatura em Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- MBEMBE, Achile. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- MELO, Márcio Araújo de; RAMOS, Dernival Venâncio. Nação e narrativa em Pepetela. **Locus: revista de história**, Juiz de Fora, v.17, n.1, p.173-188, 2011.
- MIRANDA, Maria Geralda de. Utopia, Poesia e Reflexão Política: uma leitura do romance *A Geração da Utopia*, de Pepetela. **CaSePEL**, Rio de Janeiro, n.2, p.43-58, dez. 2006.
- MUKAROVSKÝ, Jan. **Escritos sobre estética e semiótica da arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.
- N'KRUMAH, Kwame. **Neocolonialismo: último estágio do imperialismo**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1967.
- OLIVEIRA, Jurema. O romance em Angola: ficção e história em Pepetela. **XVII Simpósio Nacional de História**, Natal, p.1-11, jul. 2013.
- OLIVEIRA, Marília Fátima de; PAIVA, Pedro Henrique Gomes. Uma Floresta de Homens: “Tribalismo” e Mestiçagem em Mayombe, de Pepetela. **XV Abralic**.
- PACHECO, Carlos. **Angola, Um Gigante com Pés de Barro**. 2ª edição. Nova Vega: Lisboa, 2011.
- PEPETELA. **A geração da utopia**. São Paulo: Leya, 2013.

- PEPETELA. **As Aventuras de Ngunga**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.
- PEPETELA. **Lueji: o nascimento de um império**. São Paulo: Leya, 2015.
- PEPETELA. **O cão e os caluandas**. São Paulo: Kapulana, 2019.
- PEPETELA. **Mayombe**. Rio de Janeiro: Leya, 2013.
- PEPETELA. **Predadores**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.
- PEPETELA. **Se o passado não tivesse asas**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos de Clio ou a Literatura sob o olhar da História a partir do conto O Alienista, de Machado de Assis. **Rev. Bras. de Hist.**, São Paulo, v.16, n.31 e 32, p.108-118, 1996.
- ROSA, Harmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- ROSÁRIO, Lourenço do. O Homem Angolano. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p.225-228.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem In: CANDIDO, Antonio (Org.). **A Personagem de Ficção**. 13ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2014, p.9-49.
- RÜCKERT, Gustavo Henrique. A geração da utopia em tempos de distopia. **Nau Literária: crítica e teorias de literaturas**, Porto Alegre, v.7, n.1, p.1-12, jan/jun. 2011.
- RUIVO, Marina. *Mayombe: Angola entre o Passado e o Futuro*. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p.241-248.
- SALGADO, Maria Tereza. *O Cão e os Caluandas: o Texto, o Leitor e o Mundo*. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009, p.267-278.
- SANTOS, Alexandra Dias. **Nação, Guerra e Utopia em Pepetela (1971-1996)**. Tese (doutorado em Ciências Sociais) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.
- SERROTE, Wilton Pedro. Política Econômica de Angola: uma análise das transformações observadas na economia angolana no tempo da guerra ao tempo da paz. **Dados de África(s)**, v.1, n. 1, 2020.
- SILVA, Tomaz Tadeu. A produção da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014. p.73-102.
- SOUZA, Carolina Bezerra de. **Relações de poder em Angola: Uma leitura dos romances de Pepetela (1975-2005)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- THORNTON, John Kelly. **África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 1400-1800**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- VIDAL, Nuno. O MPLA e a governação: entre internacionalismo progressista marxista e pragmatismo liberal-nacionalista. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p.815-854, set.-dez. 2016.
- WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- WOOD, Ellen Meiksins. **O império do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.